**UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO
FACULDADE DE FILOSOFIA, LETRAS E CIÊNCIAS HUMANAS
DEPARTAMENTO DE LETRAS ORIENTAIS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LÍNGUA, LITERATURA
E CULTURA JAPONESA**

KAETANO RICARDO ANDRADE TRINCHÃO

**A romanização da língua japonesa na obra de
Johann Joseph Hoffmann (1805-1878)**

Versão corrigida

São Paulo
2018

KAETANO RICARDO ANDRADE TRINCHÃO

**A romanização da língua japonesa na obra de
Johann Joseph Hoffmann (1805-1878)**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Língua, Literatura e Cultura Japonesa do Departamento de Letras Orientais da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, da Universidade de São Paulo, como parte dos requisitos para obtenção do título de Mestre em Língua, Literatura e Cultura Japonesa.

Orientadora: Prof^a. Dr^a. Eliza Atsuko Tashiro Perez

Versão corrigida

São Paulo
2018

Autorizo a reprodução e divulgação total ou parcial deste trabalho, por qualquer meio convencional ou eletrônico, para fins de estudo e pesquisa, desde que citada a fonte.

Catálogo na Publicação
Serviço de Biblioteca e Documentação
Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo

T832r Trinchão, Kaetano Ricardo Andrade
A romanização da língua japonesa na obra de Johann
Joseph Hoffmann (1805-1878) / Kaetano Ricardo
Andrade Trinchão ; orientadora Eliza Atsuko Tashiro
Perez. - São Paulo, 2018.
108 f.

Dissertação (Mestrado)- Faculdade de Filosofia,
Letras e Ciências Humanas da Universidade de São
Paulo. Departamento de Letras Orientais. Área de
concentração: Língua, Literatura e Cultura Japonesa.

1. Romanização da língua japonesa. 2. Estudos
Japoneses. 3. Historiografia da Linguística. I.
Perez, Eliza Atsuko Tashiro, orient. II. Título.

ENTREGA DO EXEMPLAR CORRIGIDO DA DISSERTAÇÃO/TESE

Termo de Ciência e Concordância do (a) orientador (a)

Nome do (a) aluno (a): KAETANO RICARDO ANDRADE TRINCHÃO

Data da defesa: 18/12/2018

Nome do Prof. (a) orientador (a): Eliza Atsuko Tashiro Perez

Nos termos da legislação vigente, declaro **ESTAR CIENTE** do conteúdo deste **EXEMPLAR CORRIGIDO** elaborado em atenção às sugestões dos membros da comissão Julgadora na sessão de defesa do trabalho, manifestando-me **plenamente favorável** ao seu encaminhamento e publicação no **Portal Digital de Teses da USP**.

São Paulo, 18 / 02 / 2019.

(Assinatura do (a) orientador (a))

TRINCHÃO, Kaetano Ricardo Andrade. **A romanização da língua japonesa na obra de Johann Joseph Hoffmann**. 2018. 104 f. Dissertação (Mestrado) apresentada à Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo para obtenção do título de Mestre em Língua, Literatura e Cultura Japonesa.

Aprovado em:

Banca Examinadora

Prof. Dr. _____ Instituição _____

Julgamento _____ Assinatura _____

Prof. Dr. _____ Instituição _____

Julgamento _____ Assinatura _____

Prof. Dr. _____ Instituição _____

Julgamento _____ Assinatura _____

Prof. Dr. _____ Instituição _____

Julgamento _____ Assinatura _____

AGRADECIMENTOS

Primeiramente, agradeço a Deus, por minha saúde, física e mental, sem o que a realização deste trabalho teria sido impossível.

À minha orientadora, Prof^a. Dr^a. Eliza Atsuko Tashiro Perez, minha primeira professora de língua japonesa, desde os idos de 1992, em Assis-SP e que, desde nosso reencontro, em 2015, com muita dedicação, esforço, profissionalismo, acolhimento e paciência, vem me proporcionando todo o conhecimento, orientação e conselhos sem os quais eu jamais teria chegado até aqui. A ela, todo o meu respeito e admiração.

Às Prof^{as}. Dr^{as}. Sônia Regina Longhi Ninomiya e Olga Ferreira Coelho Sansone, integrantes de minha banca de qualificação e de defesa, por todas as observações e recomendações fundamentais à elaboração desta dissertação.

A todo o Departamento de Letras Orientais – em especial aos Professores Doutores Neide Hissae Nagae, Leiko Matsubara Morales e Silvio Yoshiro Mizuguchi Miyazaki – pelo apoio decisivo nos desafios encontrados ao longo deste caminho.

Ao Prof^o. Dr^o. Wim J. Boot, da Universiteit Leiden, Países Baixos, por tamanha amabilidade em enviar-me material de importância crucial para o desenvolvimento de meu trabalho.

À Olívia Yumi Nakaema, minha senpai, pelas valiosas dicas.

À minha amada esposa, Vanessa Medeiros Andrade Trinchão, pela paciência e compreensão e, acima de tudo, por valorizar-me tanto.

Aos meus pais, Celeste Andrade Trinchão e Paulo Jorge Andrade Trinchão, por terem me gerado e por terem plantado em mim as primeiras sementes de interesse pelas Artes e pela Cultura.

À Google, pelo monumental projeto de digitalização de obras raras ao redor do mundo com vistas à disponibilização ao público.

E a todos que, direta ou indiretamente, contribuíram para a realização deste projeto.

“Apega-te à instrução, e não a largues; guarda-a,
pois ela é a tua vida.”

(BÍBLIA, Provérbios de Salomão 4:13.)

RESUMO

TRINCHÃO, Kaetano Ricardo Andrade. **A romanização da língua japonesa na obra de Johann Joseph Hoffmann (1805-1878)**. 2018. 104 f. Dissertação (Mestrado) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2018.

Com esta pesquisa, de cunho documental e bibliográfico, fundamentada em princípios da Historiografia da Linguística, retomamos o “problema da influência” (Koerner, 2014) com o objetivo de investigarmos o processo através do qual o filólogo alemão Johann Joseph Hoffmann (1805-1878), primeiro catedrático de Língua Japonesa do mundo ocidental, na Universidade de Leiden, romanizou o idioma japonês. Ao examinarmos a obra de Hoffmann, percebemos que o mesmo, ao indicar ao leitor a maneira pela qual romaniza o japonês, faz referência ao sistema criado pelo linguista e egiptólogo prusso Carl Richard Lepsius (1810-1884), divulgado em *Das Allgemeine Linguistische Alphabet. Grundsätze der Übertragung fremder Schriftsysteme und bisher noch ungeschriebener Sprachen in Europäische Buchstaben* (O alfabeto linguístico geral. Princípios para a transliteração de sistemas estrangeiros de escrita e de línguas ágrafas para o alfabeto latino), obra publicada em alemão (1854 e 1855), em inglês (sob o título *Standard Alphabet for Reducing Unwritten Languages and Foreign Graphic Systems to a Uniform Orthography in European Letters*, em 1855), e novamente em inglês, em segunda edição (1863). Ao cruzarmos referências nas obras de Hoffmann (*Winkelgesprekken in het Hollandsch, Engelsch em Japansch / Shopping-dialogues in Dutch, English and Japanese*, de 1861 e *A Japanese Grammar, Second Edition*, de 1876) e de Lepsius (*Standard Alphabet*, 1863), percebemos que um autor alude à obra do outro. Nossa hipótese é que Hoffmann teria adotado e melhorado o sistema descrito na primeira edição (1855) de *Standard Alphabet*, ao ponto de influenciar o próprio Lepsius, que teria aceito as modificações propostas por Hoffmann, o que teria culminado com a publicação da segunda edição inglesa (1863) de seu *Standard Alphabet*. Após a comparação entre as obras dos autores citados, confirmamos a hipótese levantada.

Palavras-chave: Estudos Japoneses; romanização da Língua Japonesa; Historiografia da Linguística.

ABSTRACT

TRINCHÃO, Kaetano Ricardo Andrade. **The romanization of the Japanese language in the work of Johann Joseph Hoffmann (1805-1878)**. 2018. 104 f. Dissertation (Master of Arts Degree – MA) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2018.

This research, grounded on Historiography of Linguistics principles, and taking into consideration the “problem of influence” (Koerner, 2014), aims at analyzing the process through which the German philologist Johann Joseph Hoffmann (1805-1878), first professor of Japanese Language in the Western Hemisphere, at Leiden University, romanized that language. By taking a closer look at Hoffmann’s work we found out that, when informing the reader the way by which he romanizes the Japanese language, he makes reference to the system created by the Prussian linguist and egyptologist Richard Carl Lepsius (1810-1884), made public in *Das Allgemeine Linguistische Alphabet. Grundsätze der Übertragung fremder Schriftsysteme und bisher noch ungeschriebener Sprachen in Europäische Buchstaben* (The general linguistic alphabet. Principles for the transliteration of foreign writing systems and non-written languages into the Latin alphabet), a book published in German (1854 and 1855), in English (under the title *Standard Alphabet for Reducing Unwritten Languages and Foreign Graphic Systems to a Uniform Orthography in European Letters*, in 1855), and again in English, in second edition (1863). When conducting a cross-reference research in the works by Hoffmann (*Winkelgesprekken in het Hollandsch, Engelsch em Japansch / Shopping-dialogues in Dutch, English and Japanese*, from 1861; *A Japanese Grammar, Second Ed.*, from 1876) and by Lepsius (*Standard Alphabet*, from 1863), we noticed that the authors refer to the work of each other. Our hypothesis is that Hoffmann would have adopted and improved the system described in the first edition (1855) of *Standard Alphabet*, to the point of influencing Lepsius himself, who would have accepted the modifications made and proposed by Hoffmann, culminating in the publication of the second edition (1863) of his *Standard Alphabet*. After contrasting the works of the above-mentioned authors, we confirm the hypothesis raised.

Keywords: Japanese Studies; Romanization of the Japanese Language; Historiography of Linguistics.

Lista de figuras

Figura 1: J.J. Hoffmann. Coleção do Museu National de Etnologia, Leiden, Países Baixos (Objeto 1869-2, tamanho original: 15 x 11 cm, 1865).....	16
Figura 2: Folha de rosto de <i>Japan's Bezüge mit der Koräichen Halbinsel un mit Schina</i> (1839).....	35
Figura 3: Folha de rosto de <i>Shopping-Dialogues</i> (1861).....	41
Figura 4: Folha de rosto de <i>Japansche Spraakleer</i> (1867).....	46
Figura 5: Folha de rosto de <i>A Japanese Grammar</i> (1868).....	47
Figura 6: Folha de rosto de <i>A Japanese Grammar - Second Edition</i> (1876).....	48
Figura 7: Folha de rosto de <i>Japanische Sprachlehre</i> (1877).....	49
Figura 8: Folha de rosto de <i>Das Allgemeine Linguistische Alphabet</i> (1854).....	56
Figura 9: Folha de rosto de <i>Das Allgemeine Linguistische Alphabet</i> (1855).....	57
Figura 10: Folha de rosto de <i>Standard Alphabet</i> (1855).....	58
Figura 11: Folha de rosto de <i>Standard Alphabet</i> (1863).....	59
Figura 12: Carl Richard Lepsius, em 1873 (imagem de domínio público).....	63

Lista de tabelas

Tabela 1: Silabário de <i>Japan's Bezüge</i> (1839).....	40
Tabela 2: Silabário de <i>Shopping-Dialogues</i> (1861).....	45
Tabela 3: Silabário de <i>A Japanese Grammar - Second Edition</i> (1876).....	55
Tabela 4: <i>Das Allgemeine Linguistische Alphabet</i> (1854), primeira impressão, em alemão...	67
Tabela 5: <i>Das Allgemeine Linguistische Alphabet</i> (1855), segunda impressão, em alemão...	67
Tabela 6: <i>Standard Alphabet for Reducing Unwritten Languages and Foreign Graphic Systems</i> (1855), tradução para a língua inglesa.....	68
Tabela 7: Línguas literárias com apresentação de gênero, em <i>Standard Alphabet for Reducing Unwritten Languages and Foreign Graphic Systems</i> (1863).....	68
Tabela 8: Línguas literárias sem apresentação de gênero, em <i>Standard Alphabet for Reducing Unwritten Languages and Foreign Graphic Systems</i> (1863).....	69
Tabela 9: Diferentes grafemas para um mesmo fonema.....	71
Tabela 10: Sons consonantais simples.....	79
Tabela 11: Consoantes.....	82
Tabela 12: Quadro completo de consoantes.....	85

Sumário

INTRODUÇÃO.....	10
Contextualização histórica.....	10
A romanização do japonês – a questão da influência entre Hoffmann e Lepsius.....	11
CAPÍTULO 1 – VIDA E OBRA.....	17
1.1 Vida de Johann Joseph Hoffmann.....	17
1.1.1 O processo de criação da cátedra de japonês em Leiden.....	21
1.2 Obras de J.J. Hoffmann.....	24
1.2.1 <i>Das Buddha-Pantheon von Nippon</i>	30
1.2.2 <i>Japansch-Nederlandsch woordenboek / Japanese-English Dictionary</i>	32
CAPÍTULO 2 – A ROMANIZAÇÃO DA LÍNGUA JAPONESA EM J.J. HOFFMANN.....	34
2.1 Japan's Bezüge mit der Koräischen Halbinsel und mit Schina. Nach Japanischen Quellen von J. Hoffmann.....	36
2.2 Winkelgesprekken in het Hollandsch, Engelsch em Japansch / Shopping-dialogues in Dutch, English and Japanese.....	42
2.3 <i>A Japanese Grammar, Second Edition</i>	50
2.3.1 Uma gramática japonesa em quatro versões.....	50
CAPÍTULO 3 – LEPSIUS E SEU ALFABETO UNIVERSAL.....	60
3.1 Breve biografia de Lepsius.....	60
3.1.1 Formação intelectual.....	60
3.1.2 Contribuições para as ciências.....	64
3.2 O Alfabeto Universal.....	67
3.2.1 Apresentação.....	70
O sistema proposto.....	75
O sistema de vogais.....	75
O sistema de consoantes.....	78
O tratamento dos sons das línguas orientais.....	82
I – Classe faríngea.....	83
II – Classe gutural.....	83
III – Classe palatal.....	83
IV – Classe cerebral.....	84
V – Classe lingual.....	84
VI – Classe dental.....	85
VII – Classe labial.....	85
CAPÍTULO 4 – RESULTADOS DA PESQUISA.....	87
ANEXO.....	93
J.J. Hoffmann: um esboço biográfico.....	93

INTRODUÇÃO

Contextualização histórica

Por mais de duzentos anos, entre 1639 e 1854, o Japão permaneceu fechado a qualquer tipo de contato com o mundo exterior. A exceção era o porto de Dejima, através do qual os navegantes, comerciantes e diplomatas – holandeses, principalmente – puderam manter contato com os japoneses. Esta ilha artificial, estabelecida na baía de Nagasaki, em 1634, por mercadores locais, passou a ser o único ponto de contato do Japão com o Ocidente, sob permissão do xogunato Tokugawa, durante este período de isolacionismo, conhecido por Sakoku¹. Originalmente construída para abrigar mercadores portugueses – até sua expulsão em 1639 – Dejima passa a ser utilizada pelos funcionários da Companhia Holandesa das Índias Orientais (Vereenigde Oostindische Compagnie, VOC) como entreposto comercial, de 1641 a 1854.

Devido a uma crescente influência religiosa levada a cabo por missionários católicos portugueses e espanhóis - compreendida pelas autoridades japonesas como sendo de pretensões coloniais, o que colocaria em perigo a paz no arquipélago e a própria estabilidade do xogunato - o Sakoku foi estabelecido por Iemitsu Tokugawa através de decretos publicados entre 1633 e 1639. Somente a neerlandeses e chineses era concedido o privilégio de comércio com o Japão. Este isolacionismo permaneceu em efeito até 1853, quando os Black Ships (Navios Negros) do comodoro norte-americano Matthew Perry chegaram e, através da ameaça armada, forçaram a reabertura do Japão ao comércio com as outras potências ocidentais, o que ocorre de fato a partir de 1854. A saída de qualquer cidadão japonês do país continuaria ilegal até a Restauração Meiji, de 1868.

Com a reabertura dos portos japoneses para o comércio mundial, a partir da assinatura do Tratado de Amizade e Comércio (também conhecido por Harris Treaty), entre os Estados Unidos e o Japão, pelo daimyo² Hotta Masayoshi e o enviado norte-americano Townsend Harris, em 29 de julho de 1858, especificando o comércio irrestrito em Kanagawa

1 Esta foi uma política de relações exteriores do Japão, através da qual os estrangeiros, gradualmente, passaram a ser proibidos de entrar no país, e os japoneses, de sair. Qualquer desobediência a esta política estaria sujeita a pena de morte.

2 Termo da língua japonesa que se refere a um tipo de senhor feudal, que detinha poder de governo nas diferentes regiões do Japão.

(Yokohama), Nagasaki e Hyōgo, e concedendo autorizações de residência para ocidentais em Ōsaka e Edo, muitas oportunidades de negócios são criadas.

Serrurier (no Prefácio de HOFFMANN, 1881, p.p. V e VI) aponta para o fato que os eventos ocorridos no Japão já a partir de 1854 deram ensejo a uma dinâmica relação diplomática entre aquela nação e os Países Baixos, criando em seus protagonistas a esperança do estabelecimento de relações comerciais de importância ainda maior do que aquelas conduzidas através de Dejima. Nesse sentido, em 1856, o Governo neerlandês incumbiu Johann Joseph Hoffmann (doravante, Hoffmann) da tarefa de publicação de meios que proporcionassem a aquisição de conhecimento do idioma japonês. Considerado o fundador dos Estudos Japoneses no Ocidente (SANTO, 2013: 93-107), Hoffmann insere-se na História da Linguística ao ser nomeado o primeiro catedrático de Língua Japonesa do mundo ocidental e pela publicação de *A Japanese Grammar (Uma gramática da língua japonesa, 1868)*, entre outras obras.

A romanização do japonês – a questão da influência entre Hoffmann e Lepsius

O objetivo deste trabalho é uma reconstrução histórica e epistemológica do sistema de transliteração da língua japonesa em grafemas do alfabeto latino – processo a que chamamos de romanização – na obra de Johann Joseph Hoffmann, filólogo bávaro e primeiro professor de Língua Japonesa no Ocidente, cujo empenho inaugurou longa tradição de Estudos Japoneses, irradiados a partir da Universidade de Leiden, nos Países Baixos.

A propósito do termo “romanização”, este foi usado por James Curtis Hepburn em seu *A Japanese and English Dictionary; with an English and Japanese index*, que assim diz:

*“In **Romanizing** the words, the effort has been in every case to express the sounds as pronounced by the most cultivated natives; and the system of orthography, with a few variations, is that generally adopted by the students of the language in Japan.”* (Preface, p. VI, 1867, grifo nosso)

A delimitação de nosso escopo em torno do tema deve-se a observação preliminar por nós realizada que detectou variação de sistemas de romanização, desde *Japan's Bezüge mit der Koräischen Halbinsel und mit Schina* (As relações do Japão com a península coreana e com a China, 1839) até *Japanese-English Dictionary* (1881).

No que toca a contribuição de Hoffmann na constituição de um corpus destinado aos estudos sobre a língua japonesa, o que inclui gramáticas e dicionários, retomamos o “problema da influência na Historiografia Linguística” levantado por Koerner (2014). Assim, com o presente trabalho propomos a descoberta das fontes de inspiração de Hoffmann – reais ou prováveis, sugeridas ou alegadas – como também tentaremos determinar o que teria tornado suas propostas diferentes das que as antecederam e se foram importantes para as gerações seguintes de linguistas do japonês.

Partindo deste princípio e, ao examinar a obra de Hoffmann, percebemos que o mesmo, ao indicar ao leitor a maneira pela qual romaniza o japonês, faz referência ao sistema criado pelo linguista e egiptólogo prusso Carl Richard Lepsius (1810-1884)³, divulgado em *Das Allgemeine Linguistische Alphabet. Grundsätze der Übertragung fremder Schriftsysteme und bisher noch ungeschriebener Sprachen in Europäische Buchstaben* (O alfabeto linguístico geral. Princípios para a transliteração de sistemas estrangeiros de escrita e de línguas ágrafas para o alfabeto latino), obra publicada em alemão (1854 e 1855), em inglês (sob o título *Standard Alphabet for Reducing Unwritten Languages and Foreign Graphic Systems to a Uniform Orthography in European Letters*, em 1855), e novamente em inglês, em segunda edição (1863).

Essa abordagem, inevitavelmente, leva-nos a refletir a respeito daquilo que Auroux (1986) definiu como “horizontes de retrospectão”. Segundo o autor:

“Lorsqu'un chercheur écrit quelque chose, il possède une certaine formation, travaille dans un certain contexte, à partir d'un certain nombre de connaissances et de lectures. Autrement dit, le point du processus de production, que constitue cet acte d'écrire, est en fait un point d'accumulation d'éléments passés, et d'éléments projetés (il est aussi, bien entendu, en interaction avec d'autres processus). Parce que c'est un phénomène social (et non biologique), l'activité scientifique est impossible sans transmission du savoir, sans le fonctionnement institutionnel des formations, du cumul des connaissances (par exemple sans bibliothèque), et sans la mémoire individuelle. Le texte scientifique comprend essentiellement deux types d'expressions. Les unes font référence au seul domaine des phénomènes, manipulés à l'aide de concepts appartenant à la connaissance commune et/ou produits par l'énonciateur. Les autres font référence à d'autres

3 Além de pioneiro da moderna arqueologia, Lepsius, que foi contemporâneo de Hoffmann, contribuiu enormemente no trabalho de decifração dos hieróglifos egípcios. Na tradução inglesa de sua biografia, feita por Zoe Dana Underhill, do original de Georg Ebers, é chamado Richard Charles Lepsius. Hoffmann, em *Shopping Dialogues* (1861), chama-o R. Lepsius e, em *Japansche Spraakleer* (1867), em *A Japanese Grammar* (1868 e 1876) e em *Japanische Sprachlehre* (1877) chama-o Robert Lepsius. Finalmente, na folha de rosto de seu *Standard Alphabet* (1863), seu nome aparece como C.R. Lepsius, variante por nós adotada ao longo deste trabalho.

travaux, par définition antérieurs. Nommons horizon de rétrospection, HR, cet ensemble de références.”⁴ (1986: 10-11)

Por seu lado, Koerner (2014) entende que, em se tratando de “influência”, três aspectos podem ser levados em consideração: os antecedentes de um autor em particular, a prova textual e o reconhecimento público. Os antecedentes dizem respeito à sua tradição familiar do autor/objeto de estudo, sua escolaridade, seus primeiros estudos e os seus interesses pessoais, além de suas ocupações durante seus anos de formação, os quais podem ser importantes no estabelecimento de conexões que possam conduzir a provas (frequentemente inconscientes) de empréstimo, integração e assimilação de ideias particulares, conceitos ou teorias. Já em relação à prova textual, esta pode ser mais forte caso paralelos textuais entre uma dada teoria ou conceito e as suas supostas fontes possam ser estabelecidos. A informação biográfica encontrada nos antecedentes do autor pode ser útil para a descoberta de uma ou mais fontes de inspiração. Finalmente, o reconhecimento público estabelece-se por meio de referências diretas de um autor às obras de outros. Ainda que estas referências diretas por si só não provem muito, a não ser que sejam fundamentadas através de comparação textual, parece mais apropriado investigar os estudiosos e as obras mencionadas por um determinado autor, antes de atribuir uma existência real de um impacto sobre seu pensamento por aqueles aos quais nunca se referiu nos seus escritos, publicados ou não.

Assim, deduzindo que o horizonte de retrospecção na obra de Hoffmann, no que toca o problema da romanização da língua japonesa, encontre-se em *Standard Alphabet for Reducing Unwritten Languages and Foreign Graphic Systems to a Uniform Orthography in European Letters* (1855), de Lepsius, tentaremos encontrar respostas sobre em que momento e porque aconteceram mudanças.

Ao cruzarmos referências nas obras de Hoffmann (*Winkelgesprekken in het Hollandsch, Engelsch em Japansch / Shopping-dialogues in Dutch, English and Japanese*, de 1861 e *A Japanese Grammar, Second Edition*, de 1876) e de Lepsius (*Standard Alphabet*, 1863), percebemos que um autor alude à obra do outro.

4 “Quando um pesquisador escreve alguma coisa, ele tem algum treinamento, trabalha em algum contexto, a partir de um certo acúmulo de conhecimento e leituras. Em outras palavras, o ponto de processo de produção, o que constitui este ato de escrita, é, de fato, um ponto de acumulação de elementos passados e de elementos projetados (estando, é claro, em interação com outros processos). Porque é um fenômeno social (e não biológico), a atividade científica é impossível sem transmissão de conhecimento, sem o funcionamento institucional dos treinamentos, da pluralidade de conhecimento (por exemplo, sem biblioteca), e sem a memória individual. O texto científico compreende essencialmente dois tipos de expressões. Alguns se referem ao domínio dos fenômenos, manipulados por conceitos pertencentes ao conhecimento comum e / ou produzidos pelo enunciador. Os outros fazem referência a outros trabalhos, por definição, anteriores. Chamemos de horizonte de retrospecção, HR, este conjunto de referências.” (tradução nossa)

Nossa hipótese é que Hoffmann teria adotado e melhorado o sistema descrito na primeira edição (1855) de *Standard Alphabet*, ao ponto de influenciar o próprio Lepsius, que teria aceito as modificações propostas por Hoffmann, o que teria culminado com a publicação da segunda edição inglesa (1863) de seu *Standard Alphabet*.

Para que possamos chegar a alguma conclusão, de um lado examinaremos três das obras mais emblemáticas de Hoffmann em ordem cronológica, com o objetivo de observar o padrão de romanização seguido por este autor, confeccionando quadros de fonossílabas para cada obra analisada. De outro, procederemos com um estudo do *Standart Alphabet*⁵ para que possamos entender em detalhes o sistema proposto por Lepsius. Ao final, com a comparação de quadros e tabelas, tentaremos determinar os pontos de mudança, ou permanência, e a natureza da influência mútua entre os autores citados.

Resumidamente, esta dissertação envolve quatro capítulos, a respeito dos quais comentamos brevemente a seguir.

No primeiro capítulo, “Vida e obras”, apresentamos os fatos mais importantes e relevantes da existência de Hoffmann, descrevemos o processo de criação da cátedra de Japonês na Universidade de Leiden, elencamos o conjunto de sua obra e tecemos breves comentários a respeito de dois de seus trabalhos que se destacam como legado deixado para o campo dos Estudos Japoneses, a saber: *Das Buddha-Pantheon* (1851) e *Japansch-Nederlandsch woordenboek / Japanese-English Dictionary* (1881-1882).

No segundo capítulo, denominado “A romanização da língua japonesa em J.J. Hoffmann”, conforme o proposto acima, sondamos *Japan's Bezüge mit der Koräischen Halbinsel und mit Schina. Nach Japanischen Quellen von J. Hoffmann* (de 1839, representando o início de sua produção autônoma), *Winkelgesprekken in het Hollandsch, Engelsch em Japansch / Shopping-dialogues in Dutch, English and Japanese* (de 1861, representando o ponto intermediário em sua obra) e *A Japanese Grammar, Second Edition* (de 1876, representando o ponto culminante em sua carreira), e atribuímos quadros de fonossílabas para cada obra analisada, com a finalidade de perscrutar o modo pelo qual Hoffmann romanizou a língua japonesa ao longo de sua trajetória.

No terceiro capítulo, intitulado “Lepsius e seu *Alfabeto Universal*”, oferecemos uma resumida biografia de Carl Richard Lepsius, destacando sua formação intelectual e suas

5 Ao longo deste trabalho, faremos referência a esta obra através da denominação *Alfabeto Universal* (tradução nossa), inspirados na designação utilizada por Hoffmann em *Winkelgesprekken in het Hollandsch, Engelsch em Japansch / Shopping-dialogues in Dutch, English and Japanese* (1861).

contribuições para as ciências, e esquadramos seu *Alfabeto Universal*, com o propósito de averiguarmos as características de seu sistema para a redução de idiomas ágrafos a um conjunto padrão de caracteres.

No quarto capítulo, chamado “Resultados da pesquisa”, cruzamos as informações obtidas nos dois capítulos anteriores com a finalidade de confrontar a hipótese levantada anteriormente.

Finalmente, em Anexo, oferecemos nossa tradução em português, do original em holandês, de *Levensbericht van J.J. Hoffmann* (J.J. Hoffmann: um esboço biográfico), escrita por Johan Hendrik Caspar Kern e publicada em Amsterdã como parte do *Jaarboek Koninklijke Nederlandse Akademie van Wetenschappen* (Anuário da Academia Real das Artes e Ciências dos Países Baixos), em 1878. Aqui, todo esforço foi por nós engendrado no sentido de preservar o tom solene e de despedida com que esta biografia fora originalmente escrita.

Figura 1: J.J. Hoffmann. Coleção do Museu Nacional de Etnologia, Leiden, Países Baixos (Objeto 1869-2, tamanho original: 15 x 11 cm, 1865)

CAPÍTULO 1 – VIDA E OBRA

1.1 Vida de Johann Joseph Hoffmann

Filho de Adam Hoffmann, um servidor público do Poder Judiciário, e de Margarete Gössmann, Hoffmann nasceu em 16 de fevereiro de 1805 e faleceu em 19 de janeiro de 1878, um pouco antes de completar 73 anos. Seu nome inteiro (cf. Kuiper, 2017: 1020), tal como consta no Bevolkingsregister, Erfgoed Leiden en Omstreken, 1854-61, wijk 8, fol. 102 (Registro da população, patrimônio e arredores, 1854-61, bairro 8, fol. 102) era Johannes Josephus Philippus Hoffmann.

Conforme nos informa Kern⁶ (1878: 3), tendo tido acesso a uma educação esmerada, Hoffmann interessava-se muito pelos clássicos, o que pode ser deduzido também a partir das citações de Cícero e Homero encontradas em seus diários. Também da época de sua juventude são os desenhos e imagens que fez da natureza e de monumentos romanos da cidade de Mainz. Concluiu seus estudos em Filologia (Latim e Grego) pela Universidade de Würzburg. Tinha também uma aptidão especial pela arte da música, até porque a natureza fora generosa o suficiente ao dotá-lo de uma voz excepcionalmente bela. Por sugestão de um amigo, tornou-se cantor e levou uma vida de artista, de 1825 a 1830.

No verão de 1830 (Kern, *ibid.*), decidiu tentar a sorte nos Países Baixos. Em julho deste ano, já se encontrava em Antuérpia⁷. No dia 17 deste mesmo mês, por ocasião de uma de suas apresentações como cantor, aconteceu um episódio que viria mudar sua vida para sempre. Ele escutou um rapaz, sentado em uma das mesas do salão, falando em alemão, alternando entre francês, neerlandês e malaio. Percebendo na fala daquele rapaz um sotaque bávaro, Hoffmann aproximou-se da mesa e arriscou dirigir-lhe a palavra, indagando: -“Por ter estado no Japão, você provavelmente conhece o dr. von Siebold⁸.” A resposta, em tom afável, foi: -“Sou eu o mesmo.” Este encontro lançou as fundações de uma amizade sólida e duradoura, e despertou em Hoffmann o interesse pela Filologia Oriental, influenciando-o, dias depois, em 23 de julho, a abandonar sua vida de artista.

6 Johan Hendrik Caspar Kern (Purworejo, Índias Orientais Holandesas, 6 de abril de 1833 – Utrecht, 4 de julho de 1917), apesar de 28 anos mais jovem, foi contemporâneo de Hoffmann. Em 1865, assumiu a cadeira de Sânscrito na Universidade de Leiden. Em homenagem ao colega, morto em 1878, publicou, no mesmo ano, *Levensbericht J. J. Hoffmann* (J.J. Hoffmann: um esboço biográfico), após uma convivência acadêmica de 13 anos.

7 É preciso lembrar que, antes da Revolução Belga, ocorrida entre agosto de 1830 e julho de 1831, a Bélgica ainda fazia parte do Reino Unido dos Países Baixos.

8 Médico e botânico alemão, Philipp Franz Balthasar von Siebold (Würzburg, 17 de fevereiro de 1796 – Munique, 18 de outubro de 1866) viveu no Japão de 1823 a 1829.

Depois de um mês na companhia de Siebold, nos Países Baixos do Sul (hoje, Bélgica), Hoffmann viajou a Roterdã, em 14 de setembro de 1830. E, ao longo de outubro, estabeleceu-se em Leiden, onde Siebold já vivia. Nesta época, Ko Tsching Dschang⁹ (Ko Tsing-tsang, ou Guo Chengzhang) trabalhava como assistente de Siebold, vindo de Batávia e, com aquele, inicialmente, para que a comunicação entre ambos pudesse se tornar possível, Hoffmann passou a estudar malaio. Durante essa época, Hoffmann teve seu primeiro contato com os caracteres chineses. A partir de março de 1831, utilizando como material didático *Éléments de la grammaire chinoise, ou principes généraux du Kou-wen ou style antique, et du Kouan-hoa, c'est-à-dire, de la langue commune généralement usitée dans l'empire chinois* (Paris: Imprimerie royale, 1822), de Jean Pierre Abel Rémusat (1788-1832), além da prática de conversação com Ko, Hoffmann começou a estudar chinês. Após adquirir rudimentos deste idioma, Hoffmann passa a estudar o idioma japonês, utilizando para isso dicionários chinês-japonês e gramáticas simples. Devido ao fato de que naquela época os materiais didáticos para o ensino e aprendizagem de japonês eram raros, Hoffmann concebeu a idéia de criar e publicar uma gramática da língua japonesa e um dicionário japonês-alemão, finalizando o planejamento deste projeto em 1839 (cf. KERN, 1878; KUIPER, 2017).

Em 1840, de acordo com Serrurier (1878, apud Kuiper, op. cit.: 1021) Hoffmann teria recebido o título de doutor honoris causa de uma universidade alemã, fato que nunca pôde ser confirmado. Hoffmann muitas vezes referia a si próprio como doutor e também era tratado como tal por outras pessoas, mas nenhum doutorado pôde ser encontrado, nem nos arquivos da Real Academia Holandesa de Ciências, nem nos da Academia de Berlim, duas instituições das quais Hoffmann era membro.

Tal como destaca Kuiper (op. cit.: 1021), após a partida de Ko, o qual retornara a Batávia em novembro de 1835 para voltar a desenhar litografias para W.H. Medhurst¹⁰, Hoffmann é encarregado da preparação de textos chineses e japoneses para a publicação em *Nippon Archiv*¹¹, em um processo metódico, mas doloroso. Na medida em que Siebold não

9 De etnia hakka, tendo nascido em 1802 em Dama Xiang, região de Dabu, Cantão, China, Ko era assistente de impressão de W.H. Medhurst. Seu nome era originalmente escrito conforme a pronúncia hakka (Kok Sin Tjong). Somente mais tarde, é modificado de acordo com a escrita mandarim, por Hoffmann, embora Ko não falasse mandarim (cf. Kuiper, 2017: 1021). Segundo Serrurier (apud Kuiper, 2017: 1021), após retornar às Índias, Ko perdeu todo seu capital em um negócio mal-sucedido, tendo morrido na miséria, o que aconteceu, provavelmente, após Medhurst sair de Batávia, em direção a Shanghai, em 1843.

10 Walter Henry Medhurst (1796-1857) foi um missionário inglês na China e produziu, entre outras obras, *Um dicionário do dialeto hokkien da língua chinesa* (1832), *Dicionário inglês e chinês* (1848), além de uma das mais antigas traduções da Bíblia para o chinês.

11 *Nippon. Archiv zur Beschreibung von Japan und Dessen Neben- und Schutzländern: Jezu mit den Südlichen Kurilen, Krafu, Koorai und Den Liukiu-Inseln, nach japanischen und europäischen Schriften und eigenen Beobachtungen* (Arquivo que descreve o Japão e seus países vizinhos e protetorados: Hokkaido com as Ilhas

dominava a língua chinesa e falava muito pouco japonês, Hoffmann acabou por responsabilizar-se em grande parte pelo periódico (volumes III, IV, V e VII, especialmente). Contudo, como apenas o nome de Siebold levava todo o crédito pela obra, o relacionamento entre Hoffmann e Siebold, este assertivo e arrogante, acabou deteriorando.

Com a partida de Siebold, em direção à Alemanha, em 1846, o futuro de Hoffmann parecia obscuro, e sua situação financeira, incerta. Todavia, desde aproximadamente 1840, Hoffmann correspondia-se com Stanilas Julien¹² (1799-1873). Este, por sua vez, enquanto sinólogo respeitado e aclamado que era, sendo referência em toda a Europa, recebeu em novembro de 1846 uma carta do orientalista inglês George T. Staunton¹³, informando-o que a direção do King's College, de Londres, houvera aprovado um projeto para a criação da cadeira de chinês naquela instituição. Na mesma correspondência, Staunton pede a Julien informações a respeito dos professores de língua chinesa disponíveis nas várias capitais européias e suas respectivas remunerações. A resposta de Julien foi a seguinte:

“Caso se almeje que o estabelecimento desta cátedra propicie não somente intérpretes, mas também – e isto é mais difícil – eruditos, capazes de traduzir livros científicos e industriais, então tomarei a liberdade de recomendar à sua atenção um homem detentor de um alto grau de conhecimento da língua chinesa e, mais ainda, a única pessoa a dominar a língua japonesa na Europa. O dr. Hoffmann, de Leiden, Holanda.”
(cf. Kern, 1878; Kuiper, 2017; tradução nossa).

Hoffmann foi então convidado. Mas, desta vez, teve que confrontar-se com o dilema entre embarcar em uma carreira promissora em Londres, ou permanecer na Holanda, lugar que reunia o maior acervo de obras relacionadas ao Japão e em língua japonesa e que, além disso, havia se tornado uma segunda pátria para ele, terra que ele amava calorosa e sinceramente. Mediante a intervenção de Jean Chrétien, Barão de Baud (1789–1859), então ministro das Colônias, o rei Guilherme II (1792-1849), dos Países Baixos, acabou por nomear Hoffmann tradutor da língua japonesa para o governo neerlandês, com um salário anual de 1800 florins, o que tornou possível sua permanência naquele país. (KERN, 1878).

Nove anos depois, em 21 de março de 1855, Hoffmann seria nomeado professor-titular de japonês e chinês na Universidade de Leiden, tendo seu salário aumentado, no mês seguinte,

Curilas do Sul, Sacalina, Coréia e Ilhas Okinawa, de acordo com escritos japoneses e europeus e observações próprias). Obra de caráter etnográfico e geográfico, em 7 volumes, elaborada entre 1832 e 1852.

12 Tendo sido aluno de Jean-Pierre Abel-Rémusat, Julien sucedeu a seu mestre na cátedra de Chinês no Collège de France, onde permaneceu por mais de quatro décadas, estabelecendo-se como um dos mais importantes sinólogos de origem francesa.

13 Sir George Thomas Staunton (1781-1859) foi escrivão na Companhia Britânica das Índias Orientais em Guangzhou (Cantão), membro do Parlamento Britânico (entre 1818 e 1852) e um dos fundadores da Real Sociedade Asiática da Grã-Bretanha e Irlanda.

para 2.800 florins anuais, o mesmo que ganhava um professor em Leiden. Isso significou que Hoffmann tornara-se o primeiro professor de língua japonesa do mundo ocidental.

No ano de 1862, como relata Boot (2005), o governo de Tokugawa Iemochi enviou uma missão diplomática à Europa. Composta, entre outros, por Takeuchi Yasunori, um oficial de carreira do Bakufu, e por Fukuzawa Yukichi, que mais tarde se tornaria um dos principais defensores da modernização do Japão e também o fundador da Universidade Keiō, esta missão, conhecida no Japão como Bunkiyū Kengai Shisetsu, tinha por objetivo oferecer explicações às potências europeias porque o atraso na abertura das cidades de Edo e Kyoto e dos portos de Kōbe e Niigata era necessária, além de negociar a fronteira da ilha Sakalina com os russos.

A missão diplomática chegou em Paris em 7 de abril de 1862 e para lá Hoffmann foi enviado pelo governo holandês, onde teve a oportunidade de se encontrar com Stanilas Julien e de ser apresentado a Léon Pagès¹⁴ (1814-1886), com a missão de relacionar-se com os japoneses. De Paris, a missão dirigiu-se à Inglaterra e, de lá, em um navio holandês, na companhia de Hoffmann e de Donker Curtius¹⁵, entre outros, chegou a Hellevoetsluis, cidade portuária holandesa a cerca de 20 km a sudoeste de Roterdã. Os diplomatas japoneses permaneceram na Holanda por trinta e cinco dias e percorreram todo o país. No dia 4 de julho, chegaram a Leiden e, depois de visitarem os museus, a Universidade, fábricas e a sede da prefeitura, foram convidados para um jantar na residência do prefeito. Este, ao fazer um brinde, homenageou o Império do Japão e seu soberano e enalteceu o longo e duradouro relacionamento entre os dois países, desejando saúde aos membros da missão diplomática e que estes jamais se esquecessem de sua visita a Leiden. E este discurso foi justamente interpretado do holandês para o japonês por Hoffmann (BOOT, 2005).

Como ainda nos informa Boot (ibid.), em 5 de junho de 1863, Hoffmann encontrou mais uma oportunidade de exercitar seu japonês, quando um grupo de quinze estudantes

14 Pagès traduziu para a língua francesa a obra *Proeve eener Japansche Spraakkunst, van J.H. Donker Curtius, toegelicht, verbeterd en met uitgebreide bijvoegselen vermeerderd door Dr. J. Hoffmann* (Esboço de gramática da língua japonesa, composta por Janus Henricus Donker Curtius, corrigida e ampliada por Hoffmann), sob o título *Essai de grammaire japonaise composé par M. J.H. Donker Curtius enrichi d'éclaircissements et d'additions nombreuses par M. le Dr. Hoffmann – traduit du hollandais avec de nouvelles Notes extraites des Grammaires des PP. Rodriguez et Collado par Léon Pagès*, e publicada em Paris pela Benjamim Duprat, Librairie de L'Institut Impérial de France, em 1861.

15 Jan Hendrik Donker Curtius (1813-1879) foi nomeado chefe do entreposto comercial holandês em Dejima, em 1852. Em 1854, após a reabertura do Japão, Curtius tornou-se o primeiro diplomata holandês naquele país, tendo negociado os primeiros tratados. Foi o autor de *Proeve eener Japansche Spraakkunst* (acima relacionado). Retornou à Holanda em 1860. (cf. Boot, 2005:6)

japoneses chegou a Leiden. Destes, Tsuda Mamichi (1829-1903) e Nishi Amane (1829-1897) receberam a tutoria de Hoffmann, permanecendo na Holanda até o início de 1866.

Neste sentido, Kern (1878) entendeu que o atraso na publicação de *Uma Gramática do Japonês* acabou sendo vantajoso, pois Hoffmann teria tido a oportunidade de incluir em seu trabalho observações a respeito da língua falada, como resultado de seu entrosamento com os diplomatas e com os estudantes japoneses.

Após a publicação da edição alemã da mesma *Gramática*, em 1877, Hoffmann foi condecorado, pelo rei da Saxônia, com a Ordem Albrecht de Primeira Classe; honraria que se somaria ao título de Cavaleiro do Leão Holandês concedido pelo rei dos Países Baixos, Guilherme III.

Hoffmann, apesar de seu peito agonizante, ainda encontrou resiliência e boa disposição para a conclusão de seu último trabalho em vida, *Japanischen Studien - Erster Nachtrag zur Japanischen Sprachlehre* (Estudos Japoneses – Primeiro Suplemento à Gramática da Língua Japonesa), obra, segundo Kern (op. cit.), repleta de sagacidade e bom-humor, o que não se esperaria de alguém cujo fim aparentemente se aproximava com grande velocidade. Em 19 de janeiro de 1878, Hoffmann, nas palavras de Kern, deitou a cabeça cansada e dormiu suave e calmamente. No dia 22, um pequeno grupo de amigos acompanhou seus restos mortais até o local de descanso final. (KERN, op. cit.)

1.1.1 O processo de criação da cátedra de japonês em Leiden

A institucionalização da Japanologia, ou Estudos Japoneses, nos Países Baixos, enquanto campo de investigação científica, encontra suas raízes no processo que deu origem à Sinologia, ou Estudos Chineses, naquele país. A propósito, Boot (2005) nos traz a informação que Josef Kreiner situa em 1878 o surgimento do termo “japanologista”, ano em que o diplomata inglês Ernest Satow teria sido descrito como um “japanologista erudito” por um explorador norueguês¹⁶. Léon de Rosny, por sua vez, emprega a palavra “japonista” ao referir-se a Hoffmann em uma carta dirigida ao mesmo de 23 de janeiro de 1875 (BPL 885). E, muito embora Hoffmann referisse a si próprio como “estudante de língua japonesa”, o periódico *De Nederlandsche Spectator* de 10 de março de 1878, intitulou-o “niponologista” (BOOT, 2005: 8-9).

16 Cf. Kreiner, Josef, “Japanologie im 19. Jahrhundert,” in August Pfizmaier (1808-1887) und sein Bedeutung für die Ostasienwissenschaften (_sterreichische Akademie der Wissenschaften, Philosophisch-historische Klasse. Sitzungsberichte, 562. Band: Beiträge zur Kultur- und Geistesgeschichte Asiens Nr. 3, Wien, 1990, pp. 41-55), pp. 41-42, 52-53. (BOOT, 2015: 8)

Em meio aos debates a respeito do orçamento nacional para o ano 1855, na Câmara Baixa do Parlamento, em 5 de dezembro de 1854, o barão B.W.A.E. Sloet tot Oldhuis (1807-1884), membro do parlamento holandês entre 1848 e 1860, representando os pequenos agricultores de Guéldria e Overissel e a população nativa nas Índias, recomendou ao ministro dos Assuntos Interiores, C.G.J. van Reenen¹⁷, a criação de uma cadeira de Chinês e Japonês em Leiden, a estar sob a responsabilidade de Hoffmann. Para Oldhuis tal se fazia necessário pois, até aquele momento, 1854, excetuando-se a própria China, nenhum outro país, além dos Países Baixos, possuía tantos cidadãos chineses, embora nenhum oficial neerlandês pudesse comunicar-se em chinês. Em sua argumentação, Oldhuis lembrou que, por séculos, os Países Baixos foram a única nação a manter relações comerciais com o Japão e que, além disso, possuía o maior conjunto de recursos para o estudo das línguas chinesa e japonesa do que qualquer outro lugar na Europa. Continuou asseverando que, enquanto em Paris e em São Petersburgo já existiam cátedras de Chinês, em Leiden não havia nenhuma; e que, além do mais, o conhecimento de ambos os idiomas continha em si grande valor acadêmico, à medida que poderia lançar luzes sobre a história do Extremo Oriente. Oldhuis também assinalou que os Países Baixos tinham o privilégio de contar com o sr. Hoffmann, um homem que conhecia tanto o chinês quanto o japonês, uma combinação extremamente rara naquela época, e cuja espantosa erudição se equiparava somente à sua modéstia, mas que, apesar de tudo, havia recusado propostas honrosas e lucrativas de outros países devido ao seu amor por sua segunda pátria. E, finalmente, o estabelecimento de tal cátedra em Leiden promoveria a fama acadêmica dos Países Baixos, além de proporcionar esplendor à Universidade de Leiden (KUIPER, 2017: 31-32).

Segundo Boot (op. cit.: 1), em uma carta enviada para os curadores da Universidade de Leiden, em 26 de dezembro de 1854, van Reener propôs que Hoffmann fosse nomeado professor extraordinário de chinês e japonês, enumerando as seguintes justificativas: eram raros os especialistas naquela área; as habilidades de Hoffmann eram notórias; era muito provável que tentativas fossem feitas no sentido de persuadir Hoffmann a abandonar seu trabalho junto ao governo neerlandês; e que, portanto, era de fundamental importância vinculá-lo aos Países Baixos de forma permanente e de acordo com seus desejos e necessidades. Complementando sua linha de argumentação, van Reener mencionou uma petição da Sociedade pela Promoção da Religião Cristã entre os chineses, endereçada ao seu

17 Gerlach Cornelis Joannes van Reenen (1818-1893) foi ministro dos Assuntos Interiores entre 1853 e 1856.

Ministério, através da qual tal sociedade urgia o ministro a criar uma cadeira de língua e literatura chinesa em uma das universidades neerlandesas¹⁸.

A carta de van Reener (Boot: 2) foi discutida entre os curadores da Universidade de Leiden quase um mês depois, em 20 de janeiro de 1855, os quais assinalaram que Professor Extraordinário era um título geralmente conferido a jovens intelectuais no início de suas carreiras e que alguém da estatura de Hoffmann deveria ser nomeado Professor. Educadamente, os curadores sugeriram que o ministro faria muito bem em estabelecer e custear uma cátedra de Chinês e Japonês. Caso não o fizesse, e sendo mantida a nomeação de Hoffmann como Tradutor de Japonês do Governo-Geral das Índias Holandesas, o mesmo deveria receber o título de Professor e como tal ser tratado em ocasiões cerimoniais, embora não pudesse ter assento nem no Senado e nem junto ao Corpo Docente. Os curadores, finalmente, apontaram para o fato de que, segundo o Artigo 6º da Constituição, Hoffmann não poderia ser nomeado Professor em uma universidade nacional, a menos que o mesmo adotasse a cidadania neerlandesa¹⁹.

Em 24 de março de 1855, o ministro respondeu que, conforme nos informa Boot (ibid.), após consultar o ministro de Assuntos Coloniais, ele decidira propor ao rei que a Hoffmann fosse conferido apenas o título de Professor. Assim, o Ministério de Assuntos Coloniais deveria aumentar o salário de tradutor de Hoffmann, de 1.800 para 2.800 florins anuais, salário normal de um professor²⁰. Van Reener adicionou ainda que, em um outro momento, iria decidir como a incumbência de ensinar japonês e chinês deveria ser implementada²¹. Nesse meio tempo, o decreto real já fora assinado, em 21 de março. De forma muito concisa, este documento afirma que, a respeito da proposta do ministro dos Assuntos Interiores, após consulta com o ministro dos Assuntos Coloniais, a J.J. Hoffmann, o qual anteriormente fora nomeado Tradutor de japonês, em 11 de dezembro de 1846, deveria ser concedido o título de Professor.

18 A.C. II nr. 119 II: bijlagen 1854. Bijlage 232: Ministerie van Binnenlandse Zaken no 348. Kabinet. Geheim. Cf. Boot, 2005: 2.

19 A.C. II nr 41: notulen 1855. Encontro de 20 de janeiro de 1855. A.C. II nr. 261: atas da correspondência da caixa de saída de 1855 (carta enviada em 23 de janeiro de 1855). Cf. Boot, 2005: 2.

20 Groepsportret met Dame, iii: De werken van de wetenschap. De Leidse universiteit 1776-1876. (OTTERSPEER, 2005, p. 233 apud BOOT, 2005: 2)

21 A.C. nr. 120: bijlagen 1855. Bijlage 75, Ministerie van Binnenlandsche Zaken no. 153. 5e afd. enviada em 24 de março de 1855. Cf. Boot, 2005: 2.

1.2 Obras de J.J. Hoffmann

A produção de Hoffmann é extensa e abrange várias áreas do conhecimento, incluindo a tradução de muitas obras dos originais em japonês e em chinês. Compilamos a lista a seguir, em ordem cronológica, a partir da catalogação de Kern (1878) e de Kuiper (2017). Com o intuito de facilitar a leitura por parte de nossos leitores, oferecemos nossa tradução de alguns títulos para a língua portuguesa.

- *Bibliotheca Japonica* (dicionários e textos em caracteres chineses, cada um publicado em 100 cópias, em cooperação com Von Siebold e Ko Tsching Dschang): Vol. I, *Sin zoo zi lin gjök ben* 新增字林玉篇 Novus et auctus literarum ideographicarum thesaurus (1834); Vol. II, *Wa Kan won seki sio gen zi ko* 和漢音釋書言字考 Thesaurus linguae Japonicae (1835); Vol. III, *Tsiän dsü wê* 千字文 Mille literae ideographicae (1833); Vol. IV, *Lui Ho* 類合 Vocabularium Sinense in Kôraïanum conversum (1838). Como lembra Kuiper (2017, pág. 1025), alguns desses títulos (*Tsiän dsü wê* e *Lui Ho*) foram também, mais tarde, traduzidos e publicados em *Nippon*.
- *Die Angaben aus Schinesischen und Japanischen Naturgeschichten von dem Illicium religiosum (dem Mang tshao der Schinesen, Sikimi no ki der Japaner) und dem davon verschiedenen Sternanis des Handels*. [Dados a respeito das histórias naturais chinesas e japonesas sobre o anis-estrelado japonês (*Illicium religiosum*, *mang tshao* para os chineses, ou *sikimi no ki* para os japoneses)]. Leiden, 1837.
- *Japan's Bezüge mit der Koräischen Halbinsel und mit Schina. Nach Japanischen Quellen von J. Hoffmann*. (As relações do Japão com a península coreana e com a China. A partir de fontes japonesas, por J. Hoffmann). Leiden: J.G. La Lau, 1839.
- *Lui ho, eine Schinesische Wörtersammlung mit Koraischer Uebersetzung und Angabe des Koraisch Schinesischen Dialects, Kritisch bearbeitet und verdeutscht von J. Hoffmann* (Uma coleção de palavras chinesas com tradução coreana e especificação do dialeto coreano, editado criticamente por J. Hoffmann), *Nippon* VII, 1839.
- *Das Tsiän dsü wen oder Buch von tausend Wörten, aus dem Schinesischen mit Berücksichtigung der Koraischen und Japanischen Uebersetzung ins Deutsche übertragen von Dr. J. Hoffmann* (O *Tsiän dsü wen*, ou o Clássico dos Mil Caracteres,

dos chineses, considerado a partir das traduções para o coreano e para o japonês, e traduzido para o alemão pelo dr. J. Hoffmann), Nippon IV, 1840.²²

- *Introductio in Dictionarium Wa kan seki sjo-gen-zi-kō*. Leiden: 1841.
- *Wa Nen Kei / Geschichtstabellen von Japan – Von Zin Mu, dem Eroberer und Ersten Mikado, bis auf die Neuste Zeit (667 Vor Chr. Bis 1822 nach Chr. Geb.)* - Tabelas históricas do Japão. De Zin Mu, o Conquistador, e o Primeiro Mikado, até a atualidade (de 667 a.C. até 1822 d. C.). Nippon III. Leiden: 1842.
- *Catalogus librorum et manuscriptorum Japonicorum a Ph. Fr. de Siebold collectorum, annexa enumeratione illorum, qui in museo regio Hagano servantur, auctore Ph. Fr. de Siebold de Siebold; libros descripsit J. Hoffmann*. Leiden: 1845.
- *Mededeelingen uit het gebied der Chineesche en Japansche Taal- en letterkunde, door Dr. J. Hoffmann, te Leiden. Iets over het werk: Anfangsgründe der Chinesischen Grammatik von Endlicher* (Anúncios do campo da língua e literatura chinesa e japonesa, pelo Dr. J. Hoffmann, em Leiden. Observações a respeito da obra “Anfangsgründe der Chinesischen Grammatik von Endlicher”, Rudimentos da gramática chinesa, de Stephan Endlicher. Viena: 1845), em *Algemeene Konst- en Letterbode*, 1846.
- *Obsertations sur l'ouvrage intitulé “Anfangsgründe der Chinesische Grammatik”, von Stephan Endlicher, Viena 1845*. Extrait de *Algemeene Konst- en Letterbode*, Nos. 50-51, 1846, 13 p. (Tradução francesa da obra acima, publicada separadamente).
- *Bijdragen tot de geschiedenis, verspreiding en kultuur der pioenen in China en Japan uit oorspronkelijke bronnen door Dr. J. Hoffmann* (Contribuição para a história, distribuição e cultura de peônias na China e no Japão, a partir de fontes originais, pelo Dr. J. Hoffmann) 1848.
- *Yo-San-Fi-Rok* (L'art d'élever les vers a soie au Japon - A arte de criar bichos-da-seda no Japão), de Ouekaki Morikouni, anotado e publicado por Matthieu Bonafous. Paris: Imprimerie et Librairie de Madame Veuve Bouchard-Huzard; Turim: Joseph Bocca, 1848.

22 Contendo exatamente mil ideogramas, cada um ocorrendo apenas uma vez ao longo do texto, este poema passou a ser utilizado para ensinar ideogramas chineses para crianças a partir do século VI. Para fácil memorização, é cantado da mesma forma que o alfabeto latino o é por crianças em fase de alfabetização.

- *Notes relating to the history, distribution and cultivation of the peony in China and Japan*, tradução por Polman Mooy, Paxton's magazine of botany and register of flowers, vol. 16, 1849.
- *Das Buddha-Pantheon von Nippon, aus dem Japanischen Originale übersetzt un mit erläuternden Anmerkungen versehen von Dr. J. Hoffmann - Nippon V.* (O panteão budista japonês, traduzido do original japonês e contendo notas explicativas pelo Dr. J. Hoffmann). 1851.
- *Iets over een Chineschen Almanak voor het jaar 1851* (Comentários a respeito de um almanaque chinês de 1851), em De Gids²³, 1852, páginas 3-12.
- *Noms indigènes d'un choix des plantes du Japon et de la Chine, déterminés d'après les échantillons de l'herbier de Pays-Bas* (Nomes nativos de uma seleção de plantas do Japão e da China, determinados a partir de amostras do herbário dos Países Baixos), em colaboração com H. Schultes. Paris: Journal Asiatique no. 10, 1852. Segundo Kern (1878: 19), uma nova edição da introdução expandida, com tradução holandesa, fora apresentada em 1864.
- *Het Hemel-Aarde Verbond, T'iên-Ti-Hoeí, een geheim genootschap in China en onder de Chinezen in Indië* (A Aliança do Céu-Terra, T'iên-Ti-Hoeí, uma sociedade secreta na China e entre os chineses na Índia). Bijdragen tot de TLV van NI²⁴, 1, 1853, páginas 260-90.
- *De Chinesche pelgrim Hioeên Tsang em zijne reizen in Indië van het jaar 629 tot 645* (O peregrino chinês Hioeên Tsang em viagem na Índia do ano 629 ao 645). Em De Gids, 1853.
- *Aanteekeninghen omtrent het geneeskrachtig gebruik van de papaver getrokken uit de Chinesche Materia Medica Pèn-ts'aò Kâng Mo van Li Schî tschîn, Bijlage 1.* In: J.C. Baud, “Proeve van eene geschiedenis van den handel en het verbruik van Opium in Nederlandsch-Indië” (Rascunhos sobre o uso medicinal da papoula, extraídos de Pèn-ts'aò Kâng Mo, Matéria Médica Chinesa, de Li Schî tschîn, Apêndice 1. Em: J.C. Baud “Esboço de uma história do comércio e consumo de ópio nas Índias Orientais Holandesas”). Bijdragen tot de TLV van NI, 1, 1853.

²³ O Guia.

²⁴ Bijdragen voor de Taal-, Land- en Volkenkunde van Nederlandsch Indië (Contribuições para a língua, terra e etnologia das Índias Orientais Holandesas).

- *Notices sur les principales fabriques de porcelaine au Japon*. Paris: Journal Asiatique, 1855.
- *Vertoog over den rijkdom van Japan, naar het Fransch van Klaproth, met medewerking van Dr. Hoffmann en met diens noten uitgegeven in het Tijdschrift voor Staathuishoudkunde en Statistiek* (Comentários a respeito da riqueza do Japão), 1855.
- *De Chinesche feestdagen volgens den Javaanschen Almanak voor het jaar dal 1783, toegelicht door Dr. Hoffmann* (Os feriados chineses de acordo com o Almanaque javanês para o ano de 1783, explicado pelo Dr. Hoffmann). Em 1855.
- *Het Chinesche knolgewas Tschu-yú, de Naga-imo of Yamano-imo van Japan, door Dr. J. Hoffmann, medegedeeld door W.H. de Vriese* (O tubérculo chinês tschu-yú, conhecido por naga-imo ou yamato-imo no Japão) Leiden: Sythoff, 1855-1856.
- *Proeve eener Japansche Spraakkunst, van J.H. Donker Curtius, toegelicht, verbeterd en met uitgebreide bijvoegselen vermeerderd door Dr. J. Hoffmann* (Esboço de gramática da língua japonesa, composta por Janus Henricus Donker Curtius, corrigida e ampliada por Hoffmann). Leiden: A.W. Sythoff, 1857.
- *Mededeeling aangaande den Catalogus medicamentorum Sinensium van Tatarinov* (Comentário sobre “Catálogo de medicamentos chineses”, de Alexander Tatarinov). Em Verslagen en Mededeelingen der Koninklijke Akademie van Wetenschappen, Afdeling Letterkunde (Relatórios e anúncios da Real Academia de Ciências, Seção de Literatura), Deel V, página 68, 1859.
- *Catalogus van Chinesche matrijzen em drukletters, krachtens magtiging van Z.M. den Koning en op last van Z.E. den Minister van Staat, Minister van Koloniën J.J. Rochussen vervaardigd onder toezigt van den hoogleeraar, translateur van het Nederlandsch Indisch gouvernement voor de Japansche en Chinesche talen Dr. J. Hoffmann*. (Catálogo de moldes chineses e letras maiúsculas, sob a autorização de Z.M. den Koning e por ordem de S. Ex^a o Ministro de Estado e Ministro das Colônias J.J. Rochussen, feito sob a supervisão do professor e tradutor do governo das Índias Holandesas para as línguas japonesa e chinesa J. Hoffmann). Leiden: 1860.
- *Naamlijst der leden van het Japansch gezantschap* (Lista de nomes dos membros da delegação japonesa), 1861.

- *Winkelgesprekken in het Hollandsch, Engelsch en Japansch / Shopping-dialogues in Dutch, English and Japanese*. Londres: Trübner & Co.; Haia: Martinus Nijhoff, 1861.
- *De Japansche traktaten met Nederland, Rusland, Engeland, de Vereenigde Staten en Frankrijk in 1858 te Jedo gesloten. Facsimile van den Japanschen tekst, onder toezigt van Dr. J. Hoffmann bewerkt* (Os Tratados Japoneses celebrados com os Países Baixos, Rússia, Inglaterra, Estados Unidos e França, em Yedo em 1858; fac-símile do texto japonês, editado sob a supervisão do Dr. J. Hoffmann). Haia: Nijhoff, 1862.
- *Iets over Chinesche lombardbriefjes* (Algo sobre as notas de penhor chinesas), Bijdragen tot de TLV van NI, Nieuwe Volgreeks, 4e Deel, 1861, páginas 145-9.
- *Yokohama, de nieuwe Japansche haven- en handelsplaats* (Yokohama, o novo porto japonês e entreposto), 1862.
- *Over de beoefening der Nederlandsche taal in Japan* (Sobre a prática da língua holandesa no Japão). Em Verslagen en Mededeelingen der Koninklijke Akademie van Wetenschappen, Afdeeling Letterkunde (Relatórios e anúncios da Real Academia de Ciências, Seção de Literatura), Deel VII, 1863.
- *Mededeeling aangaande de kweeking van den wilden zijdeworm in Japan* (Anúncio sobre a criação da larva selvagem da seda no Japão). Em Tijdschrift voor de Nijverheid (Revista para a Indústria) 1864.
- *Inlandsche namen eeneer reeks van Japansche en Chinesche planten, bestemd naar de op's Rijks herbarium te Leyden aanwezige exemplaren*. Leiden: 1864. Trata-se da segunda edição, ampliada, da obra em francês, originalmente publicada, em colaboração com H. Schultes, em 1852.
- *De Groote Studie (Ta Hio / Dai-Gaku²⁵). Eerste Deel. De Chinesche Tekst met eene Tusschenregelige Japannsche Vertaling. - Part I. The Chinese text with an interlineary Japanese version. (O grande estudo – Parte 1: O texto chinês com uma versão interlinear em japonês); e Tweede Deel. Lezing van den Japanschen Tekst - / Part II. Reading of the Japanese text* (Parte 2: Leitura de textos em japonês). Leiden: E.J. Brill, 1864.

25 O cânon confucionista compreende os *Cinco Clássicos*: *I Ching* (Livro das Mudanças), *Clássico de Poesia*, *Livro dos Documentos*, *Livro dos Ritos* e *Anais de Primavera e Outono*. Dois capítulos de o *Livro dos Ritos*, *Doutrina do Significado* (31) e o *Grande Estudo* (42), além de *Analetos* (Diálogos de Confúcio) e o *Livro de Mêncio* formam a complementação do cânon acima citado, sob a denominação *Os Quatro Livros*.

- *De Japansche traktaten* (manual de letra cursiva chinesa), Bijdragen tot de TLV van NI Nieuwe volgrees 7de deel, 1864.
- *Blikken in de geschiedenis en staatkundige betrekkingen van het eiland Groot-Lioe-Kioe, naar Chinesche en Japansche bronnen* (Olhar na história e nas relações políticas de Okinawa, por fontes chinesas e japonesas). Em *Bijdragen tot de TLV van NI*, 1, Jaarg 1866.
- *Japansche Spraakleer* (título em neerlandês de Uma gramática da língua japonesa). Leiden: A.W. Synthoff e E.J. Brill, 1867.
- *A Japanese Grammar* (Uma gramática da língua japonesa). Leiden: A.W. Synthoff e E.J. Brill, 1868.
- *De rijstbier of Sake-brouwerij in Japan* (A cerveja de arroz, ou a elaboração do saquê no Japão). Em: *Bereiding der Japansche Soya* (Preparação da soja japonesa). Em *Bijdragen tot de TLV van NI*, 1, Jaarg 1871.
- *Catalogue d'une collection de livres en langue japonaise et chinoise, suivis d'ouvrages de linguistique, d'histoire, de géographie etc. du Japon et de la Chine, provenant de la succession de M. R. -J. de Saint-Aulaire, interprète pour la langue japonaise à Nagasaki; en vente aux pris marqués chez Martinus Nijhoff, à la Haye, Ramstraat, 49. La liste des livres japonais et chinois est dressée par Mr. le Prof. J.-J. Hoffmann.* Haia, Martinus Nijhoff, 1872.
- *A Japanese Grammar, Second Edition.* (Uma gramática da língua japonesa, segunda edição). Leiden: E.J. Brill, 1876.
- *Japanische Sprachlehre* (título em alemão de Uma gramática da língua japonesa). Leiden: E.J. Brill, 1877.
- *Japanischen Studien - Erster Nachtrag zur Japanischen Sprachlehre* (Estudos Japoneses – Primeiro Suplemento à Gramática da Língua Japonesa). Leiden: E.J. Brill, 1878.
- *Japansch-Nederlandsch woordenboek* (Dicionário japonês-neerlandês) e *Japanese-English Dictionary* (Dicionário japonês-inglês), publicados postumamente por seu assistente Lindor Serrurier. Leiden: Brill, 1881.

- Vertalingen van brieven enz. der Japansche Regeering, te vinden bij van der Chijs “Neêrlands Streven” (Traduções de cartas etc. do governo japonês, encontradas em “Neêrlands Streven”, de van der Chijs, entre outros).

Conforme nos informa Kuiper (2017: 1029), a Universidade de Leiden adquiriu os livros pertencentes a Hoffmann, entre chineses e japoneses, além das obras escritas por ocidentais a respeito do Extremo Oriente, após sua morte. As listas dos livros chineses e japoneses podem ser encontradas em Bibliotheekarchief C45, Coleções Especiais, Biblioteca da Universidade Leiden. Já a lista de livros ocidentais sobre o Extremo Oriente encontra-se em Bibliotheekarchief J39 (Lijst der nieuwe ingekomen boekwerken 1880-1881 / Lista de novos livros com entrada entre 1880-1881).

A seguir, descrevemos brevemente dois conjuntos de obras que se destacam como legado deixado por Hoffmann aos Estudos Japoneses.

1.2.1 *Das Buddha-Pantheon von Nippon*

Até o século dezenove, conforme relata Sueki (2001), a Europa dispunha de pouco conhecimento a respeito do budismo japonês. Siebold, além de pesquisar a fauna e a flora japonesas em profundidade, introduzir a Medicina Ocidental no Japão e de ser o pai da primeira médica japonesa especializada em Medicina Oriental – Kusumoto Ine – foi o primeiro erudito europeu a descrever o budismo nipônico objetivamente.

Sua principal fonte sobre o assunto foi *Butsuzō zui* (佛像圖彙), um popular manual de imagens budistas, com mais de 800 ilustrações, organizado por Ki no Hidenobu e publicado pela primeira vez em 1690. Siebold utilizou apenas pequenas seções do *Butsuzō zui* em sua obra, *Nippon* (obra enciclopédica sobre o Japão), tendo solicitado a seu assistente, Hoffmann, estudá-lo em detalhe. Para isso, Hoffmann revisou uma tradução alemã de *Butsuzō zui* (M1, preservada na Universidade Ruhr, em Bochum, Alemanha) e adicionou notas volumosas com referência a fontes indianas e chinesas. Sua revisão e tradução final foi adicionada como apêndice ao volume V (Religiões) de *Nippon*, em 1851, sob o título *Das Buddha-Pantheon von Nippon* (O panteão budista japonês).

Sueki (2001) nos lembra ainda que Hoffmann, além da tradução para o alemão de *Butsuzō Zui*, também traduziu *Wa nen kei* 和年契 (Quadro Cronológico da História do Japão), *Senjimon/Tsián dsü wên* 千字文 (Lição das Mil Cartas) entre outros trabalhos. Enquanto Siebold era um enciclopedista, cujo interesse abrangia as Ciências Humanas e Naturais, sendo

um perito em pesquisas de campo, e não em estudos de ordem filológica, Hoffmann era um experiente filólogo. Tendo jamais viajado ao Japão, seu conhecimento do idioma japonês era principalmente baseado na leitura de textos clássicos.

Assim, continua Sueki:

“O contraste de abordagens destes dois intelectuais tornou a cooperação de ambos um sucesso. Tal como se depreende da leitura da tradução alemã de Butsuzō Zui, o texto de Hoffmann não é apenas uma tradução simples e direta, mas também o resultado de seus estudos comparativos de Religião. Seu livro inclui muitas notas e comparações de divindades japonesas com aquelas encontradas em fontes chinesas e indianas. Surpreende o fato que Hoffmann, o qual não era especialista em Religiões, tenha estudado as religiões chinesas e indianas diligentemente, e isso faz com que sua tradução e notas sejam dignas de leitura mesmo nos dias de hoje. Tão entusiasmado era a respeito deste trabalho que ele mesmo desenhou as litografias.” (2001; tradução nossa)

Uma consequência prática e tangível do legado de Hoffmann é a existência do Musée National des Arts Asiatiques ou, simplesmente, Musée Guimet, localizado em Paris, detentor de um dos maiores acervos de arte asiática fora da Ásia. Seu idealizador, o industrialista francês Émile Guimet (1836-1918), recebeu do Ministério da Educação Pública francês, em 1876, a incumbência de estudar as religiões do Extremo Oriente. Guimet chegou em Yokohama em 26 de agosto de 1876, permanecendo no país por apenas dois meses. Visitou Tóquio, Kamakura, Nikko e Quioto, coletou imagens budistas e reuniu suas memórias de viagens em *Promenades Japonaises*. (BEAUMONT, 2014)

Por ocasião da chegada de Guimet no Japão, os templos budistas encontravam-se em grande desordem e miséria, como consequência da Restauração Meiji de 1868. Durante este período, teve início um movimento de perseguição ao Budismo, tendo o governo ordenado a separação do Budismo e do Xintoísmo. Até então, as duas religiões eram praticadas em uma espécie de sincretismo. Muitas imagens budistas escaparam da destruição e passaram a ser vendidas a preços baixíssimos. O professor Bernard Frank, do Collège de France, um dos mais eminentes japonólogos da França, revela em suas pesquisas que Émile Guimet fora guiado pelo texto de *Butsuzō Zui*, justamente através da tradução de Hoffmann. Caso Guimet não tivesse conhecido o trabalho de Hoffmann, provavelmente sua coleção não teria tido uma organização tão sistemática (SUEKI, 2001).

1.2.2 *Japansch-Nederlandsch woordenboek / Japanese-English Dictionary*

Esta obra, nas versões japonês-neerlandês e japonês-inglês, fora iniciada em 1839 por Hoffmann e publicada parcialmente em 1881 (Volume I – vocábulos iniciados pela letra A; e Volume II – letra O) e em 1892 (volume III – letra B), postumamente, por Lindor Serrurier²⁶.

Segundo Kern (1878), quando o dicionário de Hepburn surgiu, em 1867, ninguém poderia estar mais preparado e disposto a apreciar os méritos de tal obra que Hoffmann. Este, mediante análise imparcial, chegaria à conclusão de que a organização alfabética (o padrão na Europa de então) deveria ser adotada na remodelação de seu próprio dicionário. A consequência natural desta decisão teria sido alguma perda de tempo. Se houve algum atraso na publicação do *Japanese-English Dictionary*, o verdadeiro motivo teria sido a deterioração do estado de saúde de Hoffmann. No final de 1875, grande progresso havia sido alcançado e partes do dicionário encontravam-se prontas para impressão. O declínio contínuo no estado de saúde do autor tornou necessário, e mesmo desejado, que uma parcela de todo o trabalho fosse confiada a um erudito mais jovem, Lindor Serrurier.

De fato, o próprio Serrurier justifica a ocorrência de seu nome no dicionário de Hoffmann. Assim diz, no Prefácio do *Japanese-English Dictionary*:

“Em publicando as primeiras duas partes do Dicionário do Prof. Dr. J. J. Hoffmann, eu considero apropriado mencionar a razão pela qual meu nome tem sido associado com a obra, e explicar o meio através do qual eu compreendi a tarefa descrita na folha de rosto.

(...)

Desta forma, em cumprimento ao Decreto Real Nº 15 de 11 de abril de 1875, a publicação do manuscrito, sob a direção do autor, foi confiada a mim.

Durante o curso de meus estudos do idioma japonês que tenho tido, até então, em todas as vezes em que busquei seu conselho e instrução, tive o privilégio de acesso ao meu altamente estimado professor. Agora, uma relação diária estabeleceu-se entre nós.

A essa relação – da qual hei de lembrar-me constantemente com gratidão – devo uma boa parte de meus conhecimentos da língua japonesa. E dessa relação eu encontro coragem para continuar minha tarefa. Se ele não puder mais me auxiliar com seus conhecimentos, eu terei tido a oportunidade, para todos os efeitos, de me familiarizar com suas opiniões e seu método em lidar com os materiais.” (1881, p.VII; tradução nossa)

26 Dordrecht, 21 de dezembro de 1846 – Batávia, 7 de julho de 1901.

O restante dessa obra jamais foi publicado. Uma combinação de fatores, conforme nos informa Kuiper (2017: 588-597), entre eles um atraso de 40 anos, devido, em parte, ao engajamento de Serrurier em outros afazeres e interesses pessoais, além do surgimento de outros dicionários de japonês em várias línguas europeias, fez com que este projeto se tornasse obsoleto e desnecessário, resultando em seu cancelamento.

CAPÍTULO 2 – A ROMANIZAÇÃO DA LÍNGUA JAPONESA EM J.J. HOFFMANN

Diferentes abordagens de romanização da língua japonesa têm surgido desde a chegada dos missionários portugueses ao Japão no século XVI. A primeira, e também a mais célebre traduziu-se no sistema elaborado por padres e irmãos da Companhia de Jesus²⁷ (Societas Iesu) para a publicação, em 1603, do dicionário bilingue japonês-português *Vocabvlario da Lingoa de Iapam*. Também da mesma ordem religiosa seguiram-se, desta vez de autoria de João Rodrigues Tçuzu²⁸, *Arte da Lingoa de Iapam*²⁹ e *Arte Breue da Lingoa Iapoa*³⁰.

Entre os mais conhecidos padrões de romanização na atualidade há o Sistema Hepburn (em japonês, Hebon-shiki Rōmaji, ヘボン式ローマ字), criado pelo missionário norte-americano James Curtis Hepburn (1815-1911) em 1886; o Sistema Nihon-shiki Rōmaji (日本式ローマ字), criado pelo físico Aikitsu Tanakadate (田中館愛橘) em 1885; o Sistema Hepburn modificado (em japonês, Shūsei Hebon-shiki Rōmaji, 修正ヘボン式ローマ字), de 1908 e o Kunrei-shiki Rōmaji (訓令式ローマ字), adotado em 1937, pelo Governo Japonês.

No presente capítulo examinaremos três das obras mais emblemáticas de Hoffmann em ordem cronológica, com o objetivo de observar o padrão de romanização seguido por este autor. Assim, arrolamos *Japan's Bezüge mit der Koräischen Halbinsel und mit Schina. Nach Japanischen Quellen von J. Hoffmann* (de 1839, representando o início de sua produção autônoma), *Winkelgesprekken in het Hollandsch, Engelsch em Japansch / Shopping-dialogues in Dutch, English and Japanese* (de 1861, representando o ponto intermediário em sua obra) e *A Japanese Grammar, Second Edition* (de 1876, representando o ponto culminante em sua carreira).

27 Congregação religiosa, de caráter missionário, educacional, intelectual e cultural da Igreja Católica Apostólica Romana, fundada por Inácio de Loyola, em 1540, através de bula papal aprovada pelo papa Paulo III.

28 Marinheiro, soldado, intérprete e padre nascido em Sernancelhe, Portugal e falecido em Macau, China, à época parte do Império Ultramarino Português.

29 Publicada em três volumes, entre 1604 e 1608, em Nagasaki. Em japonês 日本大文典 (Nihon Daibunten).

30 Publicada em 1620, em Macau. Em japonês 日本小文典 (Nihon Shōbunten).

Figura 2: Folha de rosto de *Japan's Bezüge mit der Koräischen Halbinsel und mit Schina* (1839)

2.1 Japan's Bezüge mit der Koräischen Halbinsel und mit Schina. Nach Japanischen Quellen von J. Hoffmann.

(As relações do Japão com a península coreana e com a China. A partir de fontes japonesas, por J. Hoffmann - 1839)

Anteriormente a este trabalho, Hoffmann realizara projetos de compilação e de tradução de dicionários e artigos japoneses, por solicitação de Siebold, como *Bibliotheca Japonica* (editada entre 1833 e 1838) e *Die Angaben aus Schinesischen und Japanischen Naturgeschichten von dem Illicium religiosum (dem Mang tshao der Schinesen, Sikimi no ki der Japaner) und dem davon verschiedenen Sternanis des Handels*. [Dados a respeito das histórias naturais chinesas e japonesas sobre o anis-estrelado japonês (*Illicium religiosum*, mang tshao para os chineses, ou sikimi no ki para os japoneses)], de 1837.

Ao publicar este artigo, o primeiro de sua inteira autoria, que fez parte do volume VII de *Nippon*³¹, em 1839, Hoffmann intencionava fornecer aos seus leitores uma visão panorâmica sobre o que diziam as fontes históricas japonesas que consultou a respeito das relações do Japão com o continente asiático, em particular com a China e com a península coreana. Como dito na Introdução, seu foco foi, por um lado, a influência que a Ásia exerceu na cultura japonesa, particularmente em relação à educação religiosa e científica; por outro, as condições políticas da península coreana em seus primórdios.

Como fontes históricas, Hoffmann relacionou as seguintes obras, com seus títulos abreviados entre chaves os quais ele utilizou para citações ao longo de seu texto:

- [N.p.ki] *Nipponki*³² (modernamente no Sistema Hepburn, Nihongi 日本紀, ou Nihon shoki 日本書紀) ou Crônica do Japão, de 661 a.C. a 696 d.C., 30 vol., 8º, publicado em 720 d.C.
- [Np.ran] *Nippon wô-dai itsi-ran* (mod., Nihon ôdai ichiran 日本王代一覽), Visão Geral das Épocas Governamentais no Japão, de 661 a.C. a 1611 d.C., Ōsaka 1795. 7 vol. 8º.

31 Cf. nota de rodapé 10, página 18, no Capítulo I – Vida e obras, para informações a respeito dessa obra.

32 Organizada em ordem cronológica e dividida em duas partes – uma dedicada às origens míticas e divinas da Casa Imperial Japonesa; a outra, aos feitos históricos dos imperadores, de Jinmu a Jitō – esta obra, em trinta volumes, foi escrita puramente em chinês e modelada nas crônicas históricas chinesas (KATŌ, 1997, págs. 12 e 13).

- [Ts.m.g.] *Tsjo sen monogatari* (mod., Chōsen monogatari 朝鮮物語) História de Chao siên. Edo 1750. 5 vol.
- *San-kok tsu-ran to sets*³³ (mod., Sangoku tsūran zusetsu 三国通覧図説), Visão Geral dos Três Países (Tschao siên, Luikiu e Jezou) com um atlas. 1785.
- A enciclopédia japonesa *Wa-kan san-zai tsu-ě*³⁴ (mod., Wakan sansai zue 和漢三才図会), volumes 13 e 64.
- *Hon tsjō kok-gun ken-tsi dsu sets*³⁵ (mod., Honchō kokugun kenchi zusetsu 本朝國郡建置圖説). Atlas histórico-geográfico do Japão com explicações. Edo 1810. 1 vol. 4°.
- *Wan kan nen kei*³⁶ (和漢年契), Tabelas cronológicas do Japão e da China. 1797. 1 vol. 8°.
- Crônica de Nagasaki, intitulado *Nagasaki nen reki rjō men kwan* (mod. Nagasaki nenreki ryōmenkan 長崎年暦両面観), 1829.

Hoffmann, na Introdução, esclarece que, apesar de que já existissem traduções para *Nippon wō-dai itsi-ran* – por exemplo, *Nippon o dai itsi ran, ou annales des empereurs du Japon, traduites par M. Isaac Titsingh avec l'aide de plusieurs interprètes attachés au comptoir Hollandais de Nagasaki; ouvrage revu, complété et corrigé sur l'original Japonais-chinois, accompagné de notes et précédé d'un aperçu d'histoire mythologique du Japon, par M. J. Klaproth* (Anais dos Imperadores do Japão, traduzidos pelo Sr. Isaac Titsingh³⁷ com a ajuda de vários intérpretes ligados ao entreposto holandês de Nagasaki; revisado, complementado e corrigido no original japonês-chinês, acompanhado de notas e precedido

33 De autoria de Shihei Hayashi (林子平), esta obra, publicada no Japão em 1785 e trazendo uma descrição da Dinastia Joseon (Coreia), do Reino Ryukyu (Okinawa), de Hokkaido e das Ilhas Ogasawara (na época, Bonin), representa uma das primeiras tentativas de se definir o Japão em relação às suas fronteiras externas.

34 Enciclopédia sino-japonesa ilustrada, em 105 volumes, compilada em 1712 por Ryōan Terajima (寺島良安), médico de Ōsaka.

35 Consultar <http://www.wul.waseda.ac.jp/kotenseki/html/ru03/ru03_03517/index.html> a respeito do autor, Tansai Hiyama. Acesso em: 14/09/2018. E <<https://open.library.ubc.ca/collections/tokugawa/items/1.0216045#p0z-6r0f>> para imagens deste atlas. Acesso em: 14/09/2018.

36 Escrita em 1797 por Kōzō Asano (浅野高藏), foi publicada em 1834 por Siebold com título e explicações em latim. Depois, teve uma versão traduzida para o alemão por J.J. Hoffmann, a pedido de Siebold, que excluía a parte chinesa e que foi publicada em 1842 sob o título *Wa nen kei* (和年契), como parte do volume III de *Nippon*. Curiosamente, *Wa nen kei* veio a lume em 1842 com os ideogramas invertidos na folha de rosto, ou seja, 契年和. Siebold, na folha de rosto em latim, em 1834, além de inverter a ordem dos ideogramas, utiliza 倭 no lugar de 和.

37 Isaac Titsingh (1745-1812) foi um erudito, embaixador e oficial de alta patente da Companhia Holandesa das Índias Orientais (VOC) de origem holandesa.

por uma visão geral da história mitológica do Japão, por M. J. Klaproth³⁸), Paris, 1834 – e para *San-kok tsu-ran to sets* – por exemplo, *San kokf tsou ran to sets, ou aperçu général des trois royaumes. Traduit de l'original japonais-chinois par M. J. Klaproth* (Visão geral dos três reinos, traduzido do original japonês-chinês, por M. J. Klaproth), Paris, 1832 – em relação ao primeiro, mais de dois terços dos livros se desviariam do significado original. Por esta razão, a respeito de ambos os trabalhos, o autor afirma ter preferido aderir aos originais.

No que concerne a organização da obra, a Introdução (Einleitung) é seguida pelo capítulo “Visão geral da História da Península Coreana” (Allgemeine Übersicht der Geschichte der Koraischen Halbinsel), o qual divide-se em quatro subcapítulos, a saber:

- I. “Desde a fundação do antigo Tschao siên ao surgimento dos Três Estados” (Von der Gründung des alten Tschao siên zur Entstehung der Drei Staaten);
- II. “Desde a fundação dos Três Estados de Kaoli, Petsi e Sinra até a Supremacia deste último” (Von der Gründung der Drei Staaten Kaoli, Petsi und Sinra bis zum Supremat des letztern);
- III. “Restauração e supremacia do Estado de Kaoli. O Reinado Wang” (Wiederherstellung und Supremat des Staates Kaoli. Die Herrschaft Wang);
- IV. “Última revolução em Kaoli. O Reinado Li. Restauração do Reino Tschao siên” (Letzte Umwälzung in Kaoli. Die Herrschaft Li. Wiederherstellung des Königreiches Tschao siên).

No segundo e último capítulo, “As relações do Japão com a Península Coreana e com a China. A partir de fontes japonesas” (Japan's Bezüge mit der Koraischen Halbinsel und mit Schina. Nach Japanischen Quellen), Hoffmann faz um estudo cronológico dos fatos envolvendo Japão, Coréia e China, desde o ano 33 a.C até o ano 1790 d.C., o que inclui a chegada de uma embarcação europeia de cor preta à ilha de Tanegashima, no dia 7 de agosto de 1543 (pág. 57), e a chegada de outra embarcação europeia a Kumanoura, província de Ohosumi (sic), em 1544, (pág. 57).

Da leitura desta obra, depreendemos que, para o registro de palavras japonesas, Hoffmann procedeu da seguinte forma (todos os grifos são nossos, para melhor visualização):

38 Heinrich Julius Klaproth (1783-1835) foi um orientalista, explorador, etnógrafo, historiador e linguista alemão.

- para a representação do alongamento da vogal /o/, tanto o acento circunflexo <^>, quanto a repetição da mesma vogal, mais a letra <h> foram utilizados, como em “Sjôgun” (p. 58) e “**Ohosaka**” (p. 47);
- para a representação da semivogal /y/, usada nos ditongos crescentes, foi escolhida a letra <j>, como em “Kofa**j**agava” (p. 60), “**J**ukinaga” (p. 60) “Fide**j**osi” (p. 62); às vezes a letra <i> também era utilizada, como em “**Kiusiu**” (p. 52);
- para a representação da semivogal /w/, em combinação com a vogal /a/, foi aplicada a letra <v>, como em “Kofa**j**agava” (p. 60) e “Fud**siv**ara” (p. 49); em combinação com a vogal /o/, a letra <w> foi usada, como em “**Wosani**” (p. 42);
- para a representação da fricativa palatal /ʃ/, foi empregada a letra <s>, como em “Tosiro” (p. 52); “**Kiusiu**” (p. 52) e “**Sjôgun**” (p. 58);
- para a representação da africada palatal /dʒ/, foi adotada a combinação <ds>, como em “Tad**sifino**” (p. 49) e “Fud**siv**ara” (p. 49);
- para a representação da africada palatal /tʃ/, foi empregue a combinação <ts>, como em “**itsi**” (p. 2);
- para a representação da africada alveolar /ts/, foi usada a combinação <ts>, como em “Kutsi no **tsu**” (p. 57) ou em “San-kok **tsu**-ran to sets” (p. 2);
- para a representação da aspirada /h/, em combinação com as vogais /a/, /i/ e /u/, foi empregue a letra <f>, como em “Kofa**j**agava” (p. 60), “Fide**j**osi” (p. 62) e “Dai sa**ifu**” (p. 52); em combinação com a vogal /o/, a letra <h> foi empregue, como em “go**hori**” (p. 48).

Desta forma temos, na próxima página, a seguinte tabela de fonossílabas:

A ア	I イ	U ウ	E エ	O オ
Ka カ	Ki キ	Ku ク	Ke ケ	Ko コ
		Kiu キュ		
Ga ガ	Gi ギ	Gu グ	Ge ゲ	Go ゴ
Sa サ	Si シ	Su ス	Se セ	So ソ
		Siu シュ		Sho ショ
	Dsi ジ	Dsu ズ	Ze ゼ	Zo ゾ
Ta タ	Tsi チ	Tsu ツ	Te テ	To ト
				Tsjo チョ
Da ダ			De デ	Do ド
Na ナ	Ni ニ	Nu ヌ	Ne ネ	No ノ
Fa ハ	Fi ヒ	Fu フ		Ho ホ
Ba バ	Bi ビ		Be ベ	Bo ボ
Ma マ	Mi ミ	Mu ム	Me メ	Mo モ
Ja ヤ		Ju ユ		Jo ヨ
Ra ラ	Ri リ	Ru ル	Re レ	Ro ロ
				Rjo リョ
Va ワ				Wo ヲ
N ン				

Tabela 1: Silabário de *Japan's Bezüge* (1839)

Figura 3: Folha de rosto de *Shopping-Dialogues* (1861)

2.2 Winkelgesprekken in het Hollandsch, Engelsch em Japansch / Shopping-dialogues in Dutch, English and Japanese

(Diálogos comerciais em holandês, inglês e japonês – 1861)

Este livro foi o primeiro a ser impresso com os tipos adquiridos da London Missionary Society pelo Ministério das Colônias do Reino dos Países Baixos, em Hong Kong, em 1858. Em 1875, estes tipos seriam vendidos para a editora E.J. Brill, onde foram utilizados até 1964 (cf. KUIPER, 2017).

Segundo informa Hoffmann, na introdução chamada “Ao Leitor”, a origem deste trabalho teria sido um pequeno livro de bolso, escrito por um estudante japonês da língua inglesa, sob o título *A new familiar phrases (in) general use for the Merchant of the both countries first parts Nagasaky sixth year of Ansay December 1859*.

Contudo, Hoffmann adverte que, embora tivesse sido criado com o intuito de facilitar a comunicação entre falantes do japonês e do inglês, este livro de bolso seria de benefício somente aos primeiros, uma vez que exibiria apenas caracteres chineses com a correspondente pronúncia inglesa em fonogramas japoneses. O que resultaria inútil aos falantes de língua inglesa não-versados nos fonogramas silábicos japoneses.

Para suprir a necessidade de oferecer um instrumento que pudesse ser lido pelo público de língua inglesa, Hoffmann decidiu adicionar ao livro de bolso original a pronúncia das frases inglesas em letras latinas, juntamente com o texto correspondente em holandês, tendo em mente não somente aqueles que estudassem a língua japonesa, como também “o capitão-mercante que chega a Nagasaki ou a Kanagawa, o comerciante e o viajante; e, por que não, o marinheiro? O qual vaga pelas ruas daqueles lugares desconhecidos, sem saber o que fazer consigo mesmo. Qualquer um, ao usar este volume, poderá trocar algumas palavras civis com o japonês civil em sua própria língua.” (HOFFMANN, 1861, tradução nossa.)

Curiosamente, apesar de que, em 1855, já tivera sido nomeado Professor de Japonês na Universidade de Leiden, Hoffmann assina esta Introdução apenas como “The Interpreter for the Japanese and Chinese languages to the Dutch-Indian Government.”

Em seguida, Hoffmann informa a seus leitores que seu trabalho fora, para fins de transliteração, baseado no *Alfabeto Universal*, de Lepsius, oferecendo, nas páginas X a XIII, um panorama deste mesmo alfabeto.

Da leitura de *Shopping-dialogues*, podemos observar o seguinte:

- a vogal em sílaba átona em final de palavra, inconsistentemente, às vezes é suprimida, às vezes é grafada com o diacrítico <~>, para indicar encurtamento da mesma, como em “Ni fiak go žú me si-masũ” (“Custa 25 tael³⁹”, p. 3);
- para a indicação de encurtamento de vogal em sílaba átona, no meio da palavra, grafasse esta vogal com o diacrítico <~>, como em “Sore wa deki-masũka” (“Isso pode ser feito, então?”, p. 7);
- para grafar a semivogal /y/, Hoffmann abandonou a letra <j> e adotou o <y>, já utilizado por Lepsius, como em “Yokũ o ide” (“Bem-vindo”, p. 1);
- da mesma forma, para grafar a semivogal /w/, Hoffmann abandonou a letra <v> e adotou o <w>, também já utilizado por Lepsius, como em “Kon-nitsĩ wa” (“Bom dia”, p. 1);
- em relação às aspiradas, Hoffmann informa, na página XII, que em alguns dialetos do japonês, /fa/, /fi/, /fe/ e /fo/ são pronunciados como /ha/, /hi/, /he/ e /ho/. Talvez por isso, o autor tenha usado <f> e <h> indistintamente nestes *Shopping-dialogues*, como em “Ni fyak go žú me si-masũ” (“Custa 25 tael³⁹”, p. 3) e em “Ni hyak me utsi de wa ure – masenũ” (“Eu não posso lhe vender isso por menos de 20 tael³⁹”, p. 4);
- para o alongamento das vogais, dobram-se as mesmas, como em “Doo-de mo yorosii” (“Para mim, não faz diferença”, p. 11), e em “Sarasi-te age-masoo ka?” (“Devo alvejá-lo para o senhor?”, p. 7). Aqui, Hoffmann abandona o que praticou em *Japan’s Bezüge* quando, para a mesma finalidade, adotava o acento circunflexo <^>, ou a repetição da mesma vogal, mais a letra <h>, como em “Ohosaka” e “Sjôgun” (páginas 47 e 58 de *Japan’s Bezüge*);
- para a representação de uma sílaba glotalizada, ou ejetiva, repete-se a consoante que vem imediatamente após a ejetiva, como em “Sarasu-ni wa ikka kakari-masũ ka?” (“Quanto tempo leva para alvejá-lo?”, p. 7);
- para grafar a nasalização isolada em final de palavra, Hoffmann, em princípio, usa um hífen entre o <n> e a vogal ou semivogal seguinte, como em “Sosite han-wo nasare” (“E, então, com seu carimbo nele”, p. 15). Mas, às vezes, essa regra é deixada de lado, como em “Go ki-gen yoo” (“Adeus”, p. 18);

39 Unidade de medida e também moeda, usada no passado, no Extremo Oriente.

- para o registro da fricativa palatal /ʃ/, em combinação com as vogais /a/, /o/ e /u/, Hoffmann empregou o <š>, já usado por Lepsius, como em “Kata-tsŭki ra-š**a** wa ari-masŭ ka” (“Você tem fazenda estampada?”, p. 22) e em “Tada-ima age-mašoo ka?” (“Devo enviar-lhe agora?”, p. 5);
- para indicar a africada palatal /dʒ/, em combinação com a vogal /u/, Hoffmann empregou <ž>, da mesma forma que Lepsius, como em “Ni **žú** me fiki-mašoo” (“Eu vou diminuir 2 tael”, p. 3).

Algumas semelhanças com o trabalho anterior, *Japan's Bezüge*, podem ser apontadas, entre elas:

- a letra <s> foi novamente empregada para a representação da fricativa palatal /ʃ/, como em “Mo sŭk**o****s**i ooki-no-wo o mise” (“Deixe-me ver um maior”, p. 2);
- a combinação <ts> foi empregue mais uma vez para a representação da africada palatal /tʃ/, como em “Kore wa amari **t**siisai” (“Isto é muito pequeno”, p. 2);
- a combinação <ts> foi usada outra vez para a representação da africada alveolar /ts/, como em “Ku gw**at**s **f**ats**u**ka made-ni deki masŭ” (“Isto estará pronto em 20 de setembro”, p. 57).

Finalmente, temos condições de compor a seguinte tabela de fonossílabas, na página seguinte:

A ア	I イ	U ウ	E エ	O オ
Ka カ	Ki キ	Ku ク	Ke ケ	Ko コ
Kya キャ		Kyu キュ		Kyo キョ
Ga ガ	Gi ギ	Gu グ	Ge ゲ	Go ゴ
Gya ギャ		Gyu ギュ		Gyo ギョ
Sa サ	Si シ	Su ス	Se セ	So ソ
Ša シャ		Šu シュ		Šo ショ
Ža ジャ		Žu ジュ		Žo ジョ
Za ザ	Zi ジ	Zu ズ	Ze ゼ	Zo ゾ
Ta タ	Tsi チ	Tsu ツ	Te テ	To ト
Tša チャ		Tšu チュ		Tšo チョ
Da ダ	Dzi ヂ	Dzu ヅ	De デ	Do ド
Na ナ	Ni ニ	Nu ヌ	Ne ネ	No ノ
Nya ニャ		Nyu ニュ		Nyo ニョ
Fa, ha, va ハ	Fi, hi, vi ヒ	Fu, vu フ	Fe, he, ve ヘ	Fo, ho, vo ホ
Fya, hya ヒャ		Fyu, hyu ヒュ		Fyo, hyo ヒョ
Pa パ	Pi ピ	Pu プ	Pe ペ	Po ポ
Pya ピャ		Pyu ピュ		Pyo ピョ
Ba バ	Bi ビ	Bu ブ	Be ベ	Bo ボ
Bya ビャ		Byu ビュ		Byo ビョ
Ma マ	Mi ミ	Mu ム	Me メ	Mo モ
Mya ミャ		Myu ミュ		Myo ミョ
Ya ヤ		Yu ユ		Yo ヨ
Ra ラ	Ri リ	Ru ル	Re レ	Ro ロ
Rya リャ		Ryu リュ		Ryo リョ
Wa ワ				Wo ヲ
N ン				

Tabela 2: Silabário de *Shopping-Dialogues* (1861)

653 821

JAPANSCH SPRAAKLEER.

DOOR

DR. J. J. HOFFMANN

HOOGLERAAR, LID DER KONINKLIJKE AKADEMIE VAN WETENSCHAPPEN, ENZ.

UITGEGEVEN OP LAST VAN

ZIJNE EXCELLENTIE DEN MINISTER VAN KOLONIËN.

GEDRUKT MET 'S RIJKS CHINESCHE EN JAPANSCH Drukletters

BIJ A. W. SIJTHOFF.

LEIDEN 1867.

VERKRIJGBAAR BIJ

E. J. BRILL, EN A. W. SIJTHOFF.

Figura 4: Folha de rosto de *Japansche Spraakleer* (1867)

Figura 5: Folha de rosto de *A Japanese Grammar* (1868)

A
JAPANESE GRAMMAR.

BY

J. J. HOFFMANN, PHIL. DOG.

MEMBER OF THE ROYAL ACADEMY OF SCIENCES, ETC. ETC.

SECOND EDITION.

LEIDEN, E. J. BRILL.

1876.

Figura 6: Folha de rosto de *A Japanese Grammar - Second Edition* (1876)

108640

JAPANISCHE SPRACHLEHRE.

VON

Dr. J. J. HOFFMANN,

MITGLIED DER K. NIEDERLAENDISCHEN UND CORRESPONDIRENDEM MITGLIED DER K.
PREUSSISCHEN AKADEMIE DER WISSENSCHAFTEN, RITTER DES
K. NIEDERLAENDISCHEN LÖWENORDENS.

(NACH DER HOLLÄNDISCHEN AUSGABE VON 1868
INS DEUTSCHE ÜBERTRAGEN.)

LEIDEN, E. J. BRILL.**1877.**

Figura 7: Folha de rosto de *Japanische Sprachlehre* (1877)

2.3 *A Japanese Grammar, Second Edition* **(Uma gramática da língua japonesa, segunda edição – 1876)**

2.3.1 Uma gramática japonesa em quatro versões

Considerada sua *magnum opus* (BOOT, 2005: 8), esta gramática foi publicada por Hoffmann pela primeira vez em holandês, em 1867, sob o título *Japansche Spraakleer*, seguida de uma tradução em inglês, sob o título *A Japanese Grammar*, em 1868. No ano de 1876, surge uma segunda edição revisada em inglês, *A Japanese Grammar – Second Edition*, seguida de uma tradução em alemão, intitulada *Japanische Sprachlehre*, em 1877.

No prefácio de cada uma delas, Hoffmann repete que esta obra seria um trabalho original, não tendo se constituído em mera remodelação ou imitação de qualquer outro que houvera sido escrito anteriormente; seria, portanto, o resultado de muitos anos de estudos da Literatura Japonesa, descrevendo a língua escrita, tal como existe em suas formas arcaica e moderna.

Segundo o mesmo, esta gramática conteria observações a respeito da língua falada, cujo conhecimento fora proporcionado mediante contato direto com cidadãos japoneses encontrados na França, na Inglaterra e, especialmente, nos Países Baixos, provenientes de vários extratos sociais, desde os ilustrados até os mais humildes, o que lhe conferiria autoridade suficiente para tratar da língua falada da mesma forma com que trataria a língua escrita, mesmo sem jamais ter pisado seus pés em solo japonês. Mesmo em relação à maneira pela qual o autor concebe a língua japonesa, em todos os seus fenômenos, tratados analítica e sinteticamente, o mesmo acreditava estar em consonância com o espírito da mesma, simples e natural, como sua experiência diária o confirmaria, empiricamente.

De fato, considerando o fato de que jamais esteve no Japão, a convivência com estudantes japoneses, entre eles, Tsuda Mamichi e Nishi Amane (cf. Capítulo 1, p. 21), em Leiden, teria sido de fundamental importância para que Hoffmann adquirisse experiência prática da língua japonesa falada, o que se refletiu em subsídios mais sólidos para a composição de sua Gramática. Assim concorda Kern (1878: 13) ao dizer que:

“Em certo sentido, foi uma feliz circunstância que a publicação da Gramática do japonês tivesse sido adiada por

tanto tempo, pois isso permitiu ao escritor incluir a linguagem falada no círculo de suas observações. Afinal, como resultado da chegada dos enviados japoneses, no ano de 1862, na Holanda, Inglaterra e França, e da permanência de alguns japoneses em Leiden e em outras partes do nosso império, ele viu amplas oportunidades de estudar a língua falada. Tudo isso pôde acontecer porque os japoneses residentes na Europa pertenciam, em parte, ao grupo dos abastados e alfabetizados, e em parte também às classes menores da sociedade.” (KERN, 1878, tradução nossa)

Ainda no prefácio de cada uma das versões citadas, Hoffmann afirma que a metodologia utilizada fora apresentada alguns anos antes, em 1857, com a publicação de *Proeve eener Japansche Spraakkunst*⁴⁰ door Mr. J. H. Donker Curtius, cujo “selo de aprovação” teria sido confirmado por sua aceitação entre os eruditos da época. E o exemplo fornecido seria o fato de que, em 1863, o missionário Samuel Robbins Brown⁴¹, da Igreja Reformada da América (Reformed Church in America), ao publicar *Colloquial Japanese or Conversational Sentences and Dialogues in English and Japanese* (Xangai, Presbyterian Mission Press), não apenas teria fundamentado o capítulo “Introductory Remarks on the Grammar” na metodologia de Curtius e Hoffmann, como também, com poucas exceções, a teria seguido em toda sua extensão. Dessa forma, o estudante poderia encontrar nessa obra – idealizada por Hoffmann como um tratado exaustivo do idioma japonês – juntamente com o *Dicionário japonês-neerlandês-inglês*, todos os recursos necessários a permitir acesso à Literatura Japonesa.

Há, todavia, uma diferença no prefácio de *Japanische Sprachlehre* (1877), em que Hoffmann, ao falar sobre a aceitação de sua obra entre os eruditos, inclui os nomes dos professores Dr. Pott⁴², W. Schott⁴³ e H. Steinthal⁴⁴. De resto, a informação segue sem alterações.

Já em “Notice to the Second Edition” (Nota à Segunda Edição, tradução nossa), publicada em 1876, portanto menos de dois anos de seu falecimento, Hoffmann entende não haver necessidade de alteração ou modificação do corpus dessa *Gramática*. Mas tão somente a adição de algumas palavras, a remoção de outras de menor importância, no sentido de

40 Esboço da Gramática da Língua Japonesa (tradução nossa).

41 Samuel Robbins Brown (1810-1880) foi um missionário norte-americano, o qual, entre outros lugares, serviu na China e no Japão.

42 August Pott (1802-1887) foi um linguista alemão.

43 Wilhelm Schott (1802-1889) foi um estudioso alemão das línguas e culturas fino-úgricas, além de orientalista e sinólogo. Entre suas obras destaca-se *Chinesische Sprachlehre: zum Gebrauche bei Vorlesungen und zur Selbstunterweisung*. Berlin: Ferdinand Dümmler’s Verlagsbuchhandlung, 1857.

44 Heymann Steinthal (1823-1899) foi um filósofo e filólogo alemão.

oferecer maior coesão ao conjunto. Além da inclusão, como, por exemplo, na página 157, de “Introdução ao Calendário Ocidental” e, na página 172, de algumas explicações a respeito da nova moeda de ouro, em circulação. Contudo, a paginação desta *Gramática* permanece a mesma em todas as edições, com a diferença que, nesta Second Edition, é oferecido um Registro (índice remissivo) das palavras tratadas neste trabalho, uma contribuição de Lindor Serrurier e Willem Vissering⁴⁵, os quais teriam utilizado esta gramática como base de seus estudos da língua japonesa.

Hoffmann finaliza esta “Nota à Segunda Edição” recomendando ao estudante interessado consultar também o *Dicionário Japonês-Inglês*, de J. C. Hepburn⁴⁶ (Xangai, 1872), além do *Dicionário Japonês-Francês*, de Léon Pagès (Paris, 1868).

No que tange a organização, a segunda edição de *Uma gramática da língua japonesa* apresenta:

- uma Introdução, em que o autor discute a relação entre os idiomas japonês e chinês (ênfatizando a necessidade de conhecimento prévio do chinês como acesso à língua japonesa), apresenta o sistema kana (hiragana e katakana), a organização silábica Irowa, a língua escrita baseada em caracteres chineses (kanji), os dialetos chineses falados no Japão, textos chineses com a tradução em japonês, os estilos arcaico e contemporâneo da língua japonesa, entre outros assuntos;

e oito capítulos, sendo:

- o primeiro, dedicado aos substantivos;
- o segundo, aos pronomes;
- o terceiro, aos adjetivos;
- o quarto, aos numerais;
- o quinto, aos advérbios;
- o sexto, às partículas conectivas (chamadas por Hoffmann de posposições);
- o sétimo, aos verbos;
- o oitavo, às conjunções;

45 Aluno de Hoffmann. Estudou Direito e escreveu, entre outras, *On Chinese Currency: Coin and Paper Money* (Leiden: 1877).

46 James Curtis Hepburn (1815-1911) foi um missionário, médico, tradutor e criador de um dos mais populares sistemas de transliteração da língua japonesa para o alfabeto latino.

- e uma adenda. Esta, por sua vez, apresenta como são os sinais de pontuação em japonês-chinês, a forma correta de se inserirem citações em uma frase, notas sobre entonação/acentuação e considerações a respeito de dialetos chineses (Han, U⁴⁷ e Tang).

Com base na ordenação dos grafemas a representarem os sons da língua japonesa, proposta por Hoffmann, entre as páginas 7 e 19 da segunda edição de sua *Gramática*, notamos os seguintes pressupostos mais relevantes estabelecidos por este autor:

- no Oeste do Japão, o /g/ seria pronunciado enquanto oclusivo velar puro. Já no Leste deste país, particularmente no dialeto de Yedo (modernamente, Tóquio), ocorreria uma nasalização, o que resultaria em /nga/, /ngi/, /ngu/, /nge/ e /ngo/, os quais deveriam ser representados, de acordo com o *Alfabeto Universal*, de Lepsius, <ña>, <ñi>, <ñu>, <ñe> e <ño>;
- antes de /i/ e /e/, na pronúncia de Yedo, o /s/ seria pronunciado /ʃi/ e /ʃe/, o que pediria a representação emprestada do *Alfabeto Universal*, ou seja, <ši> e <še>;
- para a designação de /ʃa/, /ʃu/ e /ʃo/, mais uma vez, do *Alfabeto Universal*, teríamos <ša>, <šu> e <šo>;
- para a representação de /ʒa/, /ʒu/ e /ʒo/, a opção seria <ža>, <žu> e <žo>, como no *Alfabeto Universal*;
- <tsi> e <tsu> representariam, respectivamente, a africada palatal /tʃi/ e a africada alveolar /tsu/, apesar de que, segundo o autor, seriam estranhas aos órgãos da fala japoneses;
- タ, チ, ツ, テ, e ト, de acordo com o dialeto de Yedo, seriam pronunciados /nda/, /ndzi/, /ndzu/, /nde/ e /ndo/, devendo ser simplesmente grafados <da>, <dzi>, <dzu>, <de> e <do>;
- a africada palatal /tʃ/ antes de /a/, /u/ e /o/, resultaria em <tšya>, <tšyu> e <tšyo>, ou <tša>, <tšu> e <tšo> mais uma vez, de acordo com o *Alfabeto Universal*;
- para o registro da africada palatal /dʒ/, antes de /a/, /u/ e /o/, o autor escolheu <dža>, <džu> e <džo>;

47 Modernamente, “Wu”, falado principalmente em Shanghai e região adjacente.

- em relação ao grafema <h>, Hoffmann sustenta que, de acordo com seus informantes Ohogava Kitaroo (sic) (mecânico, nativo de Edo, que passara alguns anos em Sanuki e à época residente nos Países Baixos desde 1863) e Enomoto Kamadziroo (sic) (oficial da Marinha Japonesa, igualmente um nativo de Edo, também residente nos Países Baixos desde 1863), na velha cidade imperial de Miyako (modernamente, Kyoto), onde o japonês seria falado em sua forma mais pura, assim como em Sanuki e em Sendai, preferia-se a pronúncia como em /f/. Exemplos: fána, fító, fŭrú, féri e foká. Já no dialeto de Yedo (modernamente, Tóquio), estas mesmas palavras seriam pronunciadas hána, hŭtó, fŭrú, héri e hŏká.

Isto posto, podemos então criar a tabela que segue na página seguinte.

A ア	I イ	U ウ	E エ	O オ
Ka カ	Ki キ	Ku ク	Ke ケ	Ko コ
Kya キャ		Kyu キュ		Kyo キョ
Ga ガ	Gi ギ	Gu グ	Ge ゲ	Go ゴ
Gya ギヤ		Gyu ギュ		Gyo ギョ
Sa サ	Si シ	Su ス	Se セ	So ソ
Sha シャ		Shu シュ		Sho ショ
Ja ジャ		Ju ジュ		Jo ジョ
Za ザ	Zi ジ	Zu ズ	Ze ゼ	Zo ゾ
Ta タ	Ti (tsi) チ	Tu (tsu) ツ	Te テ	To ト
Cha チャ		Chu チュ		Cho チョ
Da ダ	Dzi ヂ	Dzu ヅ	De デ	Do ド
Na ナ	Ni ニ	Nu ヌ	Ne ネ	No ノ
Nya ニヤ		Nyu ニュ		Nyo ニョ
Fa (ha) va ハ	Fi (hi) vi ヒ	Fu (vu) フ	Fe (he) ve ヘ	Fo (ho) vo ホ
Hya ヒヤ		Hyu ヒュ		Hyo ヒョ
Pa パ	Pi ピ	Pu プ	Pe ペ	Po ポ
Pya ピヤ		Pyu ピュ		Pyo ピョ
Ba バ	Bi ビ	Bu ブ	Be ベ	Bo ボ
Bya ビヤ		Byu ビュ		Byo ビョ
Ma マ	Mi ミ	Mu ム	Me メ	Mo モ
Mya ミヤ		Myu ミュ		Myo ミョ
Ya ヤ	I イ	Yu ユ	Ye エ	Yo ヨ
Ra ラ	Ri リ	Ru ル	Re レ	Ro ロ
Rya リヤ		Ryu リュ		Ryo リョ
Wa ワ	Wi ヰ	Wu ウ	We ヱ	Wo ヲ
N ン				

Tabela 3: Silabário de *A Japanese Grammar - Second Edition* (1876)

DAS ALLGEMEINE LINGUISTISCHE ALPHABET.

GRUNDSÄTZE DER ÜBERTRAGUNG

FREMDER SCHRIFTSYSTEME UND BISHER NOCH UNGESCHRIEBENER
SPRACHEN

IN EUROPÄISCHE BUCHSTABEN.

VON
R. LEPSIUS, DR.

O. PROF. AN D. UNIVERSITÄT U. MITGLIED DER K. ACAD. D. WISSENSCHAFTEN ZU BERLIN.

ı	ı	ı	ħ	h		
k	g	ñ	χ	χ̇		ı
κ	ġ	ñ	χ̇	χ̇̇	y	ı
t	d	n	š	ž		ı
ṫ	ḋ	ṅ	s	z		ı
ṫ̇	ḋ̇	ṅ̇	ṧ	ž̇		ı
ṫ̇̇	ḋ̇̇	ṅ̇̇	ṡ	ż		ı
p	b	m	θ	θ̇		ı
			f	v	w	

BERLIN, 1854.

VERLAG VON WILHELM HERTZ.
(BESSERSCHE BUCHHANDLUNG.)

GEDRUCKT IN DER DRUCKEREI DER KÖNIGL. AKADEMIE
DER WISSENSCHAFTEN.

Figura 8: Folha de rosto de *Das Allgemeine Linguistische Alphabet* (1854)

DAS ALLGEMEINE LINGUISTISCHE ALPHABET.

GRUNDSÄTZE DER ÜBERTRAGUNG

FREMDER SCHRIFTSYSTEME UND BISHER NOCH UNGESCHRIEBENER
SPRACHEN

IN EUROPÄISCHE BUCHSTABEN.

VON

R. LEPSIUS, DR.

O. PROF. AN D. UNIVERSITÄT U. MITGLIED DER K. ACAD. D. WISSENSCHAFTEN ZU BERLIN.

;	,		ñ	h			
k	g	n	χ	χ̇		ı	
k̇	ġ	ṅ	χ̇	χ̇	y		ı̇
t	d	n	š	ž		ı̇	ı̇
ṫ	ḋ	ṅ	ṧ	ž̇			
ṫ	ḋ	ṅ	ṧ	ž̇			
ṫ	ḋ	ṅ	ṧ	ž̇			
ṫ	ḋ	ṅ	ṧ	ž̇			
ṫ	ḋ	ṅ	ṧ	ž̇			
ṫ	ḋ	ṅ	ṧ	ž̇			
p	b	m	f	v	w

BERLIN, 1855.

VERLAG VON WILHELM HERTZ.
(BESSERSCHES BUCHHANDLUNG.)

GEDRUCKT IN DER DRUCKEREI DER KÖNIGL. AKADEMIE
DER WISSENSCHAFTEN.

301. a. 6.

Figura 9: Folha de rosto de *Das Allgemeine Linguistische Alphabet* (1855)

STANDARD ALPHABET

FOR

REDUCING UNWRITTEN LANGUAGES AND FOREIGN
GRAPHIC SYSTEMS

TO A

UNIFORM ORTHOGRAPHY IN EUROPEAN LETTERS.

By DR. R. LEPSIUS,

PROFESSOR AT THE UNIVERSITY, AND MEMBER OF THE ROYAL ACADEMY, BERLIN.

ı	ı	h	h	
k	g	n	χ	χ̃
k̃	g̃	ñ	χ̃	χ̃ y
t	d	n	š	ž
t̃	d̃	ñ	s	z
			š	ž
t	d	n	s	z
			θ	θ
p	b	m	f	v w

RECOMMENDED FOR ADOPTION BY
THE CHURCH MISSIONARY SOCIETY.

LONDON:
SEELEYS, FLEET STREET & HANOVER STREET.
1855.

Figura 10: Folha de rosto de *Standard Alphabet* (1855)

STANDARD ALPHABET

FOR

REDUCING UNWRITTEN LANGUAGES AND FOREIGN
GRAPHIC SYSTEMS

TO A

UNIFORM ORTHOGRAPHY IN EUROPEAN LETTERS

Carl Lepsius

BY C. R. LEPSIUS, D. PH. & D. D.

PROF. AT THE UNIVERSITY, AND MEMBER OF THE ROYAL ACADEMY, BERLIN.

RECOMMENDED FOR ADOPTION BY
THE CHURCH MISSIONARY SOCIETY.

SECOND EDITION.

c LONDON.
WILLIAMS & NORGATE, HENRIETTA STREET, COVENT GARDEN.
BERLIN.
W. HERTZ, BEHRENSTRASSE 7.
1863.

Figura 11: Folha de rosto de *Standard Alphabet* (1863)

CAPÍTULO 3 – LEPSIUS E SEU ALFABETO UNIVERSAL

3.1 Breve biografia de Lepsius

Para a elaboração desta biografia nos baseamos inteiramente na tradução inglesa, de 1887, preparada por Zoe Dana Underhill (1847-1934), a partir do original em alemão, de 1885, escrito por Georg Moritz Ebers⁴⁸ (1837-1898).

Carl Richard Lepsius⁴⁹ nasceu em 23 de dezembro de 1810 na pequena Naumburg, cidade próxima da Floresta da Turíngia. Seu pai, Carl Peter Lepsius, foi procurador-financeiro do Distrito da Turíngia, presidente e depois conselheiro da Corte de Justiça Provincial, além de fundador da Sociedade Arqueológica Turíngia-Saxônica.

3.1.1 Formação intelectual

Desde sua infância, Lepsius teve a oportunidade de conviver em um ambiente favorável àqueles interessados em antiguidades e arqueologia, o que despertou em si o interesse pelos estudos eruditos. Na Páscoa de 1829, Lepsius, então com 17 anos de idade, foi aprovado nos exames finais e deixou a escola com conhecimentos sólidos em línguas clássicas.

Já instalado em Leipzig, onde iniciou seus estudos superiores, Lepsius tinha o hábito de escrever frequentemente ao seu pai dando satisfações de suas despesas. Ao que parece, a rigidez, seriedade e senso de ordem com que Lepsius administrava a mesada que seu pai lhe enviava iriam refletir decisivamente em sua vida de cientista.

No princípio, parecia-lhe claro seu interesse pela Filologia, mas logo sua indecisão tornou-se aparente, causada em parte pelo desapontamento que sentiu ao descobrir que seus professores não levavam uma conduta tão rígida e metódica, como ele esperava. Em uma carta endereçada a seu pai, de 7 de agosto de 1829, o jovem Lepsius confidenciou que na universidade sentia-se, enquanto aluno, privado de orientação e instrução especial no sentido de guiá-lo a uma direção específica que devesse seguir. E que, especialmente em relação a

⁴⁸ Ebers foi um dos discípulos de Lepsius.

⁴⁹ Na tradução inglesa, seu nome vem grafado Richard Charles Lepsius.

Filologia, não haveria uma série sistemática de aulas e palestras para seguir. Assim, dois caminhos diferentes se lhe apresentavam, a Filologia e a Arqueologia.

No final do segundo termo, Lepsius discutiu com seu pai os prós e os contras de mudar-se para outra universidade, estando a Universidade de Göttingen “George Augustus” no topo de suas preferências. O que se concretizou em maio de 1830. Lá, ao assistir a aulas ministradas por K.O. Müller⁵⁰ (Arqueologia e Tucídides), de G.L. Dissen⁵¹ (Ciência Universal) e de Jacob Grimm⁵² (Lei Antiga), a ciência se lhe revelou de uma forma nova e clara, permitindo-lhe construir seus ideais estéticos e toda a fundamentação intelectual que iriam torná-lo célebre em seus trabalhos na Filologia, História, História da Arte e Mitologia.

Um fato que exerceu impacto em sua vida universitária foi a Insurreição de Göttingen, em dezembro de 1830, quando salas de aula foram lacradas, professores foram proibidos de dar aulas e muitos estudantes foram expulsos. Somente com muita dificuldade é que Lepsius escapou de ser expulso também, o que ocorreu sob muitas condições e após a intercessão de seus patronos e instrutores.

No verão de 1831, começou seu quinto módulo com grande entusiasmo. Frequentou as disciplinas de Otfried Müller (Arqueologia, Antiguidade Grega, Arte Dramática Grega e interpretações dos Hinos Homéricos), de Christoph Mitscherlich⁵³ (Farsália, de Lucano) e de Georg Ewald⁵⁴ (Sânscrito). Apreciava muito também a apresentação racional da gramática, de acordo com os princípios de Kant, de Hermann⁵⁵. Assim, sob a influência de Georg Ewald, Lepsius tornou-se uma autoridade no Sânscrito e um linguista comparativo e, sob a de Otfried Müller, tornou-se um arqueólogo, com interesses em Mitologia Comparada.

Na primavera de 1832, Lepsius muda-se para Berlin para concluir seus estudos na Universidade de Berlin “Frederick Willian”, com excelentes recomendações de seus antigos professores de Göttingen. Entre seus novos professores encontrava-se o linguista alemão Franz Bopp (1791-1867)⁵⁶, com quem Lepsius estabeleceu sólida amizade a ponto de afirmar que o autor de *Gramática Comparada* fora o maior influenciador de seu método linguístico.

50 Karl Otfried Müller (1797-1840), erudito alemão conhecido por introduzir os estudos modernos de Mitologia Grega.

51 Georg Ludolf Dissen (1784-1837), filólogo clássico alemão.

52 Mitólogo, jurista e filólogo, Jacob (1785-1863) era irmão de Wilhelm, ambos conhecidos como os Irmãos Grimm, editores, entre outras obras, dos Contos de Grimm.

53 Christoph Wilhelm Mitscherlich (1760-1854) foi um erudito clássico alemão, autor de vários livros sobre Literatura Grega Antiga.

54 Georg Heinrich August Ewald (1803-1875) foi um exegeta bíblico e orientalista alemão. Tornou-se professor de línguas orientais na Universidade de Göttingen, em 1835.

55 Johann Gottfried Jakob Hermann (1772-1848) foi um filólogo e erudito clássico alemão.

56 Pioneiro na área do trabalho comparativo das línguas indo-europeias.

Ao final de seus estudos, Lepsius sentia que as aulas oferecidas na universidade já não lhe ofereciam tanto, pois cientificamente já se sustentava sobre seus dois pés, tendo esmiuçado os trabalhos de seus professores, de forma independente e metódica. Além disso, muito de seu tempo vinha sendo consumido na redação de sua dissertação para a obtenção do grau de doutor.

O tema de sua dissertação veio-lhe à mente pela primeira vez quando ainda estudava em Göttingen. Em uma carta endereçada ao pai, de 30 de dezembro de 1831, Lepsius comentou ter encontrado nas Tábuas Eugubinas⁵⁷ um excelente objeto de investigação, através de suas aulas com o professor Otfried Müller.

Essas sete tábuas de cobre, encontradas em 1444 em uma cripta subterrânea (concameratio subterranea) e preservadas na cidade de Gubbio⁵⁸, trazem inscrições em latim (duas delas) e escritas em alfabeto latino, e também em úmbrico (cinco delas), escritas em um alfabeto peculiar, o etrusco, a respeito de formas de culto e ritos sacrificiais.

Anteriormente ao próprio Otfried Müller, com seu trabalho *Etruscos*, Buonarroti⁵⁹ e Lanzi⁶⁰ já haviam começado a investigar as Tábuas Eugubinas. Na mesma missiva, Lepsius informou a seu pai que ninguém ainda entendia completamente essas relíquias, mencionando que seu professor já havia tentado determinar as terminações de algumas declinações, além de ter estabelecido alguma semelhança com o latim e com o grego. Assim, Lepsius convenceu-se de que poderia trazer alguma contribuição para a compreensão dessas inscrições.

E, de fato, Lepsius observou as relações dos muitos possíveis sons do úmbrico com os do latim, a partir da constatação de um número extraordinário de repetições, uma vez que as tábuas em latim seriam uma continuação daquelas em úmbrico. Com essas observações, Lepsius estabeleceu um paralelo entre palavras em ambos os idiomas, além de ter descoberto dois novos caracteres do alfabeto etrusco.

Duvidando da autenticidade do contrato de venda dessas tábuas, assinado no ano de 1456 e preservado em Gubbio, já que falsificações neste tipo de contrato eram comuns na Itália da Idade Média, Lepsius recorreu a seu pai, cujos conhecimentos sobre contratos medievais poderiam ajudá-lo.

57 Em inglês, Iguvine Tablets.

58 Região da Umbria, província de Perúgia, Itália.

59 Filippo Buonarroti (1661-1733) encontra-se entre os primeiros pesquisadores da civilização etrusca. Atualizou e editou o trabalho de Thomas Dempster, *De Etruria regali*, em 1723.

60 Luigi Lanzi (1732-1810) foi um arqueólogo e historiador italiano. Escreveu *Saggio di lingua etrusca* (Ensaio sobre a língua etrusca) em 1789.

Com este trabalho Lepsius tornou-se doutor, adquirindo não somente um título acadêmico, mas também experiência e qualificação para continuar, no futuro, o trabalho do grande decifrador de hieróglifos, Champollion⁶¹.

Figura 12: Carl Richard Lepsius, em 1873 (imagem de domínio público)

⁶¹ Jean-François Champollion (1790-1832), orientalista, filólogo e erudito francês foi responsável, entre outras obras, por decifrar os hieróglifos egípcios em 1822.

3.1.2 Contribuições para as ciências

Após a conquista de seu título acadêmico, Lepsius dirigiu-se a Paris, àquela época estimada enquanto o foco da vida intelectual do mundo. Ele chegou à cidade em 14 de julho de 1833, um ano após a morte de Champollion. Ainda em Berlim recebera do arqueólogo Gerhard⁶² o conselho de dedicar-se aos estudos dos hieróglifos egípcios. E, em Paris, convencido por Bunsen⁶³ quanto à viabilidade da atividade, Lepsius decidiu dedicar suas energias ao estudo da Egiptologia, utilizando como base a *Grammaire Égyptienne* e o *Dictionnaire égyptien en écriture hiéroglyphique*, ambos de Champollion. De lá, Lepsius viajou à Toscana, Itália, para encontrar-se com Ippolito Rosellini, o qual, entre 1828 e 1829, liderara, juntamente com Champollion, uma expedição ao Egito.

Seu interesse pela Egiptologia atraiu a atenção dos meios eruditos da época e, sob a recomendação dos cientistas Alexander von Humboldt e Christian Charles Josias von Bunsen, Lepsius foi encarregado de liderar uma expedição ao Egito e Sudão por Frederico Guilherme IV, rei da Prússia.

Em 18 de setembro de 1842, depois de passar pela Baía de Biscaia e de uma curta estada em Gibraltar e Malta, Lepsius e sua expedição prussiana chegaram a Alexandria. De lá, seguiram para Gizé, onde chegam em novembro de 1842. Lá permaneceram por seis meses, para realizar algumas das primeiras pesquisas de cunho científico nas pirâmides de Gizé, Abusir, Sacará e Dahchur, quando descobriram mais de 130 sepulturas de nobres, além de 67 pirâmides. Estas foram registradas na *Lista de Pirâmides*⁶⁴.

Um fato que chama a atenção é que, enquanto realizava estudos na Pirâmide de Quéops, Lepsius profanou a entrada original deste monumento, inscrevendo em hieróglifos uma homenagem a Frederico Guilherme IV:

62 Friedrich Wilhelm Eduard Gerhard (1795-1867) era, quando chegou a Berlim, Secretário do Instituto Arqueológico de Roma.

63 Christian Charles Josias von Bunsen (1791-1860) foi um erudito e diplomata alemão.

64 Lepsius incluiu esta lista em sua obra *Denkmaeler aus Aegypten und Aethiopien nach den Zeichnungen der von Seiner Majestät dem Koenige von Preussen, Friedrich Wilhelm IV., nach diesen Ländern gesendeten, und in den Jahren 1842-1845 ausgeführten wissenschaftlichen Expedition auf Befehl Seiner Majestät* (Monumentos do Egito e da Etiópia, após os desenhos da expedição científica enviada por Sua Majestade ao rei da Prússia, Frederico Guilherme IV, para esses países, e realizada nos anos 1842-1845 por ordem de Sua Majestade). 13 volumes. Berlin: Nicolaische Buchhandlung, 1849.

A tradução desta inscrição é fornecida pelo próprio Lepsius, em carta⁶⁵ de 17 de janeiro de 1843:

“Assim falam os servos do Rei, cujo nome é O Sol e Rocha da Prússia, Lepsius o escriba, Erbkam o arquiteto, Irmãos Weidenbach os pintores, Frey o pintor, Franke o modelador, Bonomi o escultor, Wild o arquiteto: todos aclamam a Águia, o Protetor da Cruz, o Rei, o Sol e a Rocha da Prússia, o Sol dos Sóis, que libertou seu país natal, Frederico Guilherme, o Quarto, o Pai Amoroso, o Pai desse País, o Gracioso, o Favorito da Sabedoria e da História, o Guardião do Reno, a quem a Alemanha escolheu, o Distribuidor da Vida. Que o Deus Altíssimo conceda ao Rei e à sua esposa, a Rainha Elizabete, a Riqueza na Vida, a Mãe Amorosa, a Mãe do País, a Graciosa, uma vida sempre vibrante e longa na Terra e um lugar abençoado no céu pela eternidade. No ano de nosso Salvador, 1842, no décimo mês, no décimo quinto dia, no quadragésimo sétimo aniversário de Sua Majestade, na Pirâmide do Rei Quéops; no terceiro ano, no quinto mês, no nono dia do reinado de Sua Majestade; no ano 3.164 desde o

65 *Briefe aus Aegypten, Aethiopien und der Halbinsel des Sinai, geschrieben, 1842-1845. Mit 2 Tafeln und 1 Karte* (Cartas do Egito, Etiópia e da Península do Sinai, escritas de 1842 a 1845. Com duas placas e um cartão). Berlim, 1852.

início do período Sothis sob o rei Menepthes.” (LEPSIUS, 1843, tradução nossa)

Depois de percorrer, na direção sul, Beni Hasan, Dayr al-Barsha, Khartoum e Sennar, na baixa Núbia, Lepsius e sua expedição rumaram norte, para explorar e pesquisar Ramesseum (mausoléu do faraó Ramsés II), Medinet Habu (templo mortuário de Ramsés III), o Vale dos Reis e os templos de Carnaque (dedicado ao deus Amon-Rá) e Luxor (dedicado ao rejuvenescimento da realeza), até que finalmente retornaram à Europa, no início de 1846.

Naquele mesmo ano, em 23 de agosto, Lepsius foi nomeado professor de Egptologia na Universidade de Berlim. Algum tempo depois, tornou-se co-diretor do Museu Egípcio, juntamente com Giuseppe Passalacqua (1797-1865)⁶⁶.

No início de 1866, Lepsius retornou ao Egito, acompanhado, mais uma vez, de seu hierogramático, Ernst Weidenbach (1818-1882). No dia 2 de abril, ele partiu para o Cairo, com a intenção de visitar as ruínas do Delta Leste, localidade de importância para a geografia bíblica. Entre as ruínas de San, Lepsius encontrou o Decreto de Tanis, ou Placa de Canopus, uma das mais importantes descobertas feitas no Egito, desde o aparecimento da Pedra de Roseta. Este material forneceu provas de exatidão dos resultados obtidos até 1866 pelos egiptólogos que utilizavam a Pedra de Roseta e o método de decifração de hieróglifos de Champollion.

Este monumento consiste em uma estela esculpida em pedra calcária sólida, apresentando em sua superfície frontal uma inscrição em hieróglifos em trinta e sete linhas, e a tradução em grego em setenta e seis linhas. O mesmo texto pode ser encontrado na borda do monumento, escrito em demótico, ou seja, no dialeto popular. Esta pedra, incluindo a superfície superior arredondada, mede 2,16 m de altura por 78 cm de largura e encontra-se preservada no museu de Bulaq, um distrito no Cairo.

Lepsius, que cunhou o termo “Livro dos Mortos” e encomendou ao tipógrafo Ferdinand Theinhardt a fabricação das primeiras fontes tipográficas de hieróglifos, ao ocupar o vácuo deixado por Champollion, assumiu a reputação de pai da moderna disciplina da Egptologia. Tendo publicado amplamente sobre este assunto, suas obras foram por muito tempo consideradas de importância primordial neste campo do conhecimento.

66 Mercador italiano, original de Trieste, cuja coleção particular de artefatos egípcios formou a base do Museu Egípcio de Berlim.

3.2 O Alfabeto Universal

Com o intuito de fornecer uma visão panorâmica das três versões da Primeira Edição do Alfabeto Universal, de Lepsius, propomos os quadros, a seguir, relacionando somente os idiomas asiáticos, que é o que nos diz respeito.

Tabela 4: *Das Allgemeine Linguistische Alphabet* (1854), primeira impressão, em alemão.

Asiatische Sprachen (Línguas asiáticas)
Hebräisch (Hebraico)
Arabisch (Árabe)
Persich (Persa)
Sanscrit (Sânscrito)
Bengali (Bengali)
Zend (Zenda ou Avéstico)
Armenisch (Armênio)
Georgisch und Ossetisch (Georgiano e Osseta)
Albanesisch (Albanês)
Hindustani (Hindustani)
Malaiisch (Malaio)
Javanesisch (Javanês)
Türkisch (Turco)
Mongolisch (Mongol)
Chinesisch (Chinês)

Tabela 5: *Das Allgemeine Linguistische Alphabet* (1855), segunda impressão, em alemão.

Asiatische Sprachen (Línguas asiáticas)
Hebräisch (Hebraico)
Arabisch (Árabe)
Persisch (Persa)
Sanscrit (Sânscrito)
Bengali (Bengali)
Zend (Zenda ou Avéstico)
Armenisch (Armênio)
Georgisch und Ossetisch (Georgiano e Osseta)
Albanesisch (Albanês)
Hindustani (Hindustani)
Malaiisch (Malaio)
Javanesisch (Javanês)
Türkisch (Turco)
Mongolisch (Mongol)
Chinesisch (Chinês)

Tabela 6: *Standard Alphabet for Reducing Unwritten Languages and Foreign Graphic Systems* (1855), tradução para a língua inglesa.

Asiatic Languages (Línguas asiáticas)
Hebrew (Hebraico)
Arabic (Árabe)
Persian (Persa)
Sanscrit (Sânscrito)
Bengali (Bengali)
Zend (Zenda ou Avéstico)
Armenian (Armênio)
Georgian and Ossitinian (Georgiano e Osseta)
Albanian (Albanês)
Hindustani (Hinsdustani)
Malayam (Malaio)
Javanese (Javanês)
Turkish (Turco)
Mongolian (Mongol)
Chinese (Chinês)

Curiosamente, seu biógrafo, Georg Ebers, em *Richard Lepsius – ein Lebensbild* (1885), na página 385, informa que nenhuma edição inglesa anterior a 1863 pôde ser encontrada, e que nada a esse respeito fora mencionado no *Catálogo inglês de livros*, de Sampson Low (1797-1886)⁶⁷. A mesma informação é reproduzida na tradução inglesa desta mesma biografia, *Richard Lepsius – a biography* (1887). Contudo, como podemos comprovar pela figura 7, à página 51 deste nosso trabalho, esta versão, sim, existiu.

Em 1863, Lepsius apresenta a Segunda Edição de seu Alfabeto Universal, completamente revisada e expandida, em inglês. Desta vez, as línguas consideradas exóticas não são organizadas apenas segundo o fator geográfico, ou seja, em africanas, asiáticas, americanas ou polinésias. Mas, sim, em duas grandes divisões: literárias e não-literárias.

Entre as línguas literárias, outra grande divisão: as que apresentam gênero (masculino, feminino ou neutro) ou não.

Tabela 7: Línguas literárias com apresentação de gênero, em *Standard Alphabet for Reducing Unwritten Languages and Foreign Graphic Systems* (1863)

Indo-germânicas	Semíticas	Camíticas
Sânscrito	Hebraico	Egípcio antigo
Páli	Síriaco	Copta
Prácrito antigo	Árabe	Beja
Hindi	Ge'ez (Etiópico)	Oromo

⁶⁷ Livreiro e editor de Londres.

Hindustâni Sindi Guzerate Marati Punjabi Nepali Bengali Oriá Pastó ou Afegão Bactriano antigo (Avéstico ou Zenda) Persa antigo Persa moderno Armênio Curdo Osseto Lituânio Esloveno antigo Sérvio Russo Checo (Boêmio) Polonês Sorábio (Sórbio) Romeno Islandês antigo Galês	Amárico	Tamaxeque Hauçá Nama (Hotentote)
--	---------	--

Tabela 8: Línguas literárias sem apresentação de gênero, em *Standard Alphabet for Reducing Unwritten Languages and Foreign Graphic Systems* (1863)

Línguas asiáticas			Línguas polinésias ou malaias
Tartáricas	Monossilábicas	Isoladas	
Manchu	Guan Hua (Mandarim)	Iucaguir	Malaio
Sharra mongol	Hokkien (Hok-lo)	Chucoto	Bataque
Buriato	Hacá	Japonês	Javanês
Iacuto (Yakut)	Tailandês	Tibetano	Daiaque
Turco	Cambojano	Georgiano	Macassar
Turcomeno	Birmanês	Tush (Bats)	Buginês
			Línguas polinésias orientais
			Maori

Cazaque		Albanês	Rarotongano
Dialetos samoiedas			Mangarevo
Húngaro			Taitiano
Mordóvico			Marquesano
Livoniano			Lamape
Tâmil			
Malabar			
Túlu			
Canarês			
Telugo			

Na última parte da Segunda Edição de seu Alfabeto Universal, Lepsius organiza as línguas não-literárias em três grupos, a saber: australianas, africanas e americanas, sobre as quais julgamos não ser necessária a formulação de quadros, por não fazerem parte do foco de nossa pesquisa.

3.2.1 Apresentação

A criação de um sistema ortográfico uniforme, segundo Lepsius (1855, pág. 1), para a transliteração de idiomas exóticos (tradução nossa), ou registro de línguas ágrafas, através do alfabeto latino, responderia às necessidades de dois objetivos, um científico e outro prático.

Por objetivo científico Lepsius (ibid. pág. 1) entendia a disponibilização e compreensão destas línguas exóticas e suas respectivas literaturas, aumentando o conhecimento que se tinha a respeito das nações a que estas pertenciam. Para o autor, um dos maiores alvos da ciência moderna seria a obtenção de um conhecimento exato de todas as línguas da Terra, o que propiciaria uma aproximação maior com os países em que estas são usadas, não somente enquanto um meio de comunicação intelectual, mas também pelo fato de serem as línguas a mais direta, abundante e duradoura expressão de toda uma consciência nacional.

Lepsius (ibid. pág. 2) acreditava que a ciência linguística poderia gradualmente “resolver o caos das nações” na Ásia, América e Polinésia, tendo por objetivo maior a investigação e comparação de todas as línguas da humanidade. Lembrava ainda que, para se aprender qualquer idioma, seria necessário saber ler e escrever seus sons (doravante, fonemas), que são seus elementos primários. E essa condição só poderia ser satisfeita caso pudéssemos expressar aqueles fonemas através de letras alfabéticas. Quanto aos fonemas inexistentes em nossas línguas, estes deveriam ser descritos por meio de outros métodos. Por fim, toda gramática de uma língua estrangeira deveria dar conta desses problemas logo em suas primeiras páginas. Contudo, uma vez que as ortografias das diferentes nações européias variavam consideravelmente, gramáticos de diferentes países representariam os fonemas de uma mesma língua utilizando grafemas diferentes. Como exemplo, Lepsius fornece o seguinte quadro comparativo.

Tabela 9: Diferentes grafemas para um mesmo fonema

Alemão	u	dsch	sch	ch
Inglês	oo	j	sh	-
Francês	ou	dj	ch	-
Italiano	u	g	sc	-
Espanhol	u	-	-	j ou x
Holandês	oe	-	-	g

O desafio maior surgiria caso tentássemos representar fonemas que não possuísem sinais equivalentes em nosso próprio alfabeto, o que nos levaria a criar novos grafemas ou adicionar sinais diacríticos em nossas letras já existentes. Para ilustrar, Lepsius (1855, pág. 3) lembra que, uma vez que em francês e alemão há somente 20 sons consonantais simples, 22 em inglês, o alfabeto utilizado com estes três idiomas não seria suficientemente completo para representar os fonemas das línguas asiáticas, por exemplo, entre as quais o árabe (que distingue e representa 28 consoantes), o turco (com 33 consoantes), o sânscrito (com 34 consoantes), ou o hindustâni (com 35 consoantes; 47, caso as aspiradas fossem também consideradas).

Assim sendo, a solução para o problema exposto começaria por meio de um levantamento do que seria comum a todos os sistemas, seguindo suas direções gerais,

excluindo experiências isoladas e arbitrárias, não perdendo de vista todas as diferenças práticas e teóricas do caso e direcionando todos os nossos esforços à construção de um sistema completo e definitivo, baseado na natureza do organismo fonético. Este seria, então, o “problema científico” de um alfabeto universal.

A seu turno, o objetivo prático se traduziria na facilitação da propagação da fé cristã e a introdução da civilização ocidental, especialmente entre aquelas nações que não possuíam um sistema de escrita, dotando-as de um alfabeto adequado. (LEPSIUS, 1855, pág. 1)

O zeitgeist do século XIX, período em que Lepsius viveu, salta aos olhos quando o mesmo considera as tribos da África, América, Austrália e Polinésia bárbaras e incivilizadas pelo fato de “serem quase totalmente destituídas de uma língua escrita” (ibid., pág. 4). E que, desta forma, não haveria missão mais nobre para o mundo cristão e civilizado do que compartilhar com toda a Humanidade os tesouros do conhecimento religioso e cultura humana, livremente confiados às suas mãos pela Providência Divina, através daquilo que seria o meio mais importante da cultura intelectual, moral e religiosa – uma língua escrita.

O autor adverte, contudo, que não bastaria aos missionários aprender a língua dos nativos para que pudessem introduzir o Cristianismo permanentemente naqueles países. Mas, somente onde a palavra de Deus fosse lida pelos povos, por si próprios, e onde todos se tornassem suscetíveis ao espírito do Cristianismo através da distribuição da Bíblia e de livros didáticos cristãos, é que se poderia esperar um trabalho profundo e duradouro.

Portanto, a redução a um sistema de escrita dos falares de todas as nações em que os missionários houvessem penetrado, além da tradução das Sagradas Escrituras e de tratados cristãos em todas essas línguas, seriam um objetivo muito importante, o que pressuporia um estudo acurado e científico de todos esses idiomas e a preparação de gramáticas e dicionários.

Assim sendo, Lepsius (ibid., pág. 6) pondera que, admitindo-se a hipótese de que o sistema de escrita europeu devesse ser adotado em todas aquelas línguas ágrafas encontradas pelos missionários, então naturalmente alguns questionamentos poderiam ser levantados. Primeiro, qual sistema ortográfico deveria ser adotado? Segundo, até que ponto seria correta a imposição da ortografia da língua inglesa, tida como complicada e irregular, mesmo para os padrões europeus, àquelas nações que terão a Bíblia como seu primeiro livro de leitura? Terceiro, os fonemas não-expressáveis através do alfabeto inglês, ou através de qualquer outro alfabeto europeu, deveriam ser registrados de acordo com quais princípios?

Lepsius observa que, à medida que não havia uma autoridade ou regra-geral que pudesse oferecer respostas a esses desafios, cada missionário envolvido em trabalhos de tradução desenvolvia seu próprio sistema para a transliteração de diferentes idiomas. O que gerava inconveniências, tais como encontros consonantais difíceis, ou até mesmo ininteligíveis, usados muitas vezes para expressar fonemas simples; ou o emprego de uma multiplicidade de sinais diacríticos novos e inexplicáveis; ou ainda a completa rejeição e supressão de todo e qualquer sinal diacrítico, sacrificando a plena expressão de uma língua.

Para ilustrar o exposto, Lepsius relata que o secretário da Sociedade Igreja Missionária, diante da publicação do Novo Testamento e do Livro de Salmos no idioma tsuano⁶⁸, pela Sociedade Missionária de Londres, expressou sua alegria ao secretário da Sociedade Missionária de Paris. Este, por sua vez, ao responder, indagou se não seria triste o fato de milhares de cópias já publicadas tornarem-se indisponíveis e fora do alcance dos missionários franceses, os quais trabalhavam em meio ao mesmo povo, simplesmente porque uma ortografia diferente fora utilizada.

Desta forma, a razão de ser do alfabeto universal proposto seria justamente evitar tão palpáveis malefícios no futuro.

Em relação aos meios de se exercer influência cultural sobre algumas das principais nações asiáticas, Lepsius assinala que esta tarefa fora muito facilitada para os colonizadores e governantes europeus e, mesmo, missionários, devido à existência prévia de sistemas de escrita. Para ilustrar, o autor cita o fato de que o Governo Inglês na Índia utilizou amplamente as escritas persa e devanágari, com o objetivo de governar e instruir todos os povos sujeitos à sua autoridade. E que as Sociedades Bíblicas já haviam publicado mais de 40 traduções das Sagradas Escrituras naquelas escritas.

Contudo, continua Lepsius (1855, pág. 7), a substituição de todos aqueles sistemas de escrita asiáticos por um único alfabeto europeu traria enormes vantagens. Pois, além da superioridade deste – que consistiria em uma divisão uniforme da sílaba em vogal e consoante – sobre as desajeitadas escritas asiáticas, mais ainda se considerássemos os ideogramas chineses, com seus milhares de símbolos, cada novo alfabeto que surgisse constituiria uma barreira intransponível entre a civilização européia e as estrangeiras, ao dificultar a aquisição daquelas línguas e de suas literaturas.

68 Hoje falado na África do Sul, Botsuana, Zimbábue e Namíbia.

A partir da página 8 (1855), sob o subtítulo “What has been done by Science for the solution of this Problem, up to the presente Time?” (O que tem sido feito pela Ciência para a solução deste problema até os dias de hoje?), e da página 18 (ibid.), sob o subtítulo “What has been done by the Missionary Societies for the Solution of the Question?” (O que tem sido feito pelas Sociedades Missionárias para a solução da Questão?), Lepsius traz um apanhado das várias tentativas de transliteração feitas, anteriormente ao lançamento de seu Alfabeto Universal.

O sistema proposto

Ao apresentar seu sistema alfabético, Lepsius (1855, pág. 24) logo no início esclarece que, para facilitar sua compreensão, não pretende o aprofundamento de uma base (ou teoria, de acordo com nosso entender) fisiológica. Nem muito menos o detalhamento das definições de voz e som, vogal e consoante, entre outras explicações também de caráter fisiológico. Como veremos a seguir, seu sistema é organizado em duas partes, o Sistema de Vogais e o Sistema de Consoantes.

O sistema de vogais

Lepsius parte do princípio de que, da mesma forma em que há três cores primárias (vermelho, amarelo e azul), e que todas as outras cores são o resultado de diferentes combinações entre elas, há também três vogais primárias (a, i, u), as quais seriam apropriadamente representadas utilizando-se a imagem de um triângulo. Sendo assim, a vogal /a/ ocuparia o topo, enquanto que as vogais /i/ e /u/, pronunciadas tal qual em alemão e em italiano, ocupariam a base deste mesmo triângulo.

a

i

u

Por analogia, assim como todas as outras cores entre vermelho, amarelo e azul, todas as outras vogais seriam formadas, sendo /e/ uma variante entre /a/ e /i/, e /o/ entre /a/ e /u/. Além destas, Lepsius posiciona a vogal /ü/, tal como pronunciada em alemão, ou o equivalente francês /u/, entre /i/ e /u/; e /ö/ também do alemão, equivalente ao /eu/ francês, entre /e/ e /o/. Assim, Lepsius propõe a seguinte pirâmide:

a

e

ö

o

i

ü

u

Devido ao fato de que as distâncias entre /a/ e /i/ e entre /a/ e /u/ são maiores do que a distância entre /i/ e /u/, as vogais intermediárias /e/ e /o/ são, cada uma, subdivididas em duas

outras vogais, de forma que cada uma delas ou se situaria mais próxima de /a/, ou de /i/ ou de /u/. E, pelo mesmo princípio, dois novos fonemas surgiriam a partir da vogal /ö/. Todas essas vogais, segundo Lepsius (1855, pág. 25), presentes nas línguas europeias, compõem a pirâmide seguinte:

Em relação aos tremas sobre /u/ e sobre /o/, Lepsius assinala que, se pudesse, gostaria de mantê-los para as séries intermediárias de vogais, aproveitando o precedente da ortografia da língua alemã. Contudo, uma objeção prática a este método surgiria a partir da necessidade da aplicação dos diacríticos macron < ¯ >, braquia < ˇ > e acento da sílaba tônica < ´ >, o que exigiria que todo o espaço sobre a letra estivesse livre. Assim sendo, Lepsius preferiu manter os tremas, mas dispondo-os sob as vogais, quando necessário, ou < ̣ > e < ̤ >.

Lepsius também indica que os acentos encontrados na língua francesa não poderiam ser utilizados para marcar as duas formas de pronúncia das vogais /e/ e /o/, primeiro porque, como já dito anteriormente, o espaço sobre as letras deveria permanecer livre para a aplicação de outros sinais diacríticos e, segundo, porque o acento agudo francês não se diferenciaria do acento da sílaba tônica (1855, pág. 26). Desta maneira, uma linha sob as letras será colocada para indicar vogais abertas, ou seja, < ̄e > e < ̄o >, e um ponto para indicar as vogais fechadas, ou seja, < ̇e > e < ̇o >.

Quanto às vogais átonas, chamadas por Lepsius de “sons vocálicos indistintos” (1855, pág. 26), que existiriam em quase todas as línguas, o mesmo sugere, para sua representação, a adoção de um pequeno círculo sob a vogal /e/, ou seja, < ̣e >.

Para simbolizar a propriedade de nasalização das vogais, Lepsius indica a utilização do til < ˜ >, colocado acima dos grafemas, ou seja, < ˜a >, < ˜e >, < ˜i >, < ˜o >, < ˜u >, < ˜ö >, < ˜ü >.

E, ao finalizar a sessão que trata das vogais, Lepsius nota que, em relação aos ditongos, a prática parece, na maioria das línguas, não requerer qualquer distinção (1855, pág. 29).

Assim sendo, Lepsius propõe o seguinte sistema vocálico básico, o qual deverá ser utilizado com o emprego dos sinais diacríticos macron < ¯ >, braquia < ˇ > e til < ˜ >, conforme a necessidade de uso:

O sistema de consoantes

Para Lepsius, as consoantes poderiam ser divididas em princípios diferentes, sendo dois deles prevalentes: o primeiro, relativo ao lugar na boca onde os sons são formados (modernamente, pontos de articulação⁶⁹); o segundo, relativo à corrente de ar ser interrompida ou apenas comprimida (modernamente, modos de articulação⁷⁰).

Lepsius explica que a corrente de ar formadora dos sons circula da laringe até a cavidade bucal e é modificada de formas múltiplas, até transpor o portão externo dos lábios. Assim, a corrente de ar pode ser parada em vários pontos tanto pelos lábios como pela língua. E, à maneira dos gregos e dos romanos, nós teríamos nos acostumado a distinguir três paradas (ou obstáculos, em nosso entender) em nossas línguas e, assim, dividir as consoantes em três classes: guturais (modernamente, velares), dentais e labiais (modernamente, bilabiais), ou seja, se são formadas na garganta, nos dentes ou com os lábios.

O segundo princípio, conforme assinala o autor, diz respeito ao fato de a boca fechar-se e abrir-se completamente, ou ao fato de a corrente de ar ser comprimida sem que seu fluxo seja inteiramente interrompido pelo fechamento dos órgãos. As consoantes formadas pelo primeiro processo são chamadas explosivas (modernamente, oclusivas), ou divisíveis, pois, no momento do contato, o som é dividido em duas partes. Aquelas cujos sons são determinados por fricção são chamadas fricativas, ou contínuas, uma vez que esta fricção não é interrompida por nenhum fechamento de órgãos. Já os fonemas /R/, /r/ e /l/, conjuntamente chamados ancípites por Lepsius, compartilhariam ambas qualidades, sendo contínuos e, ao mesmo tempo, formados por um contato, o qual seria vibrante em /R/ e /r/ e parcial (modernamente, lateral⁷¹) em /l/.

O resultado do exposto, segundo Lepsius, é a tabela dos sons consonantais simples que segue.

69 Cf. Cunha, 2001, págs. 41 e 42.

70 Cf. Cunha, 2001, págs. 40 e 41.

71 Cf. Cunha, 2001, pág. 41.

Tabela 10: Sons consonantais simples

	Explosivas ou divisíveis			Fricativas ou contínuas			Ancípites
	fortis	lenis	nasal.	fortis	lenis	Semi vogais	
Guturais	k	g (alemão)	ng (alemão)	ch (alemão)	g (dinamarquês)	j (alemão)	r
Dentais	t	d	n	ch (francês)	j (francês)		r - l
				s (agudo)	z (francês)		
				th (inglês) como em thin	th (inglês) como em thine		
Labiais	p	b	m	f	v (francês)	w (inglês)	

Em seguida, Lepsius problematiza sobre quais princípios deveriam ser as consoantes representadas em um alfabeto geral (universal). E inicia esta discussão esclarecendo que, para todos os fonemas apresentados acima, somente onze sinais, ou seja, <k>, <h>, <t>, <d>, <n>, <r>, <l>, <p>, , <m> e <f> apresentariam o mesmo valor universalmente conhecido de acordo com os alfabetos europeus, desconsideradas algumas pequenas diferenças; e que, mesmo os sinais <g>, <s>, <z>, <v> e <w> já teriam sido suficientemente abordados em estudos de linguística, o que nos permitiria o seu uso exatamente de acordo com os sons que os representam.

O problema, segundo Lepsius, se relacionaria com a representação dos sons /ng/, /ch/ e /j/ do alemão; /j/ e /ch/ do francês (ou /sh/ do inglês); /th/ forte e suave (modernamente, /θ/ fricativo dental surdo, e /ð/ fricativo dental sonoro) do inglês; /g/ do dinamarquês, além do /R/ gutural, os quais todos já teriam sido representados de diversas maneiras em diferentes livros de linguística. O que entraria em conflito com os quatro princípios que deveriam reger a criação de todo alfabeto que visasse uma aplicação geral e universal.

Tais seriam os princípios, de acordo com Lepsius:

I – Todo som simples deve ser representado por um símbolo simples. Este princípio excluía as combinações <ng>, <ch> e <th>.

II – Sons diferentes não serão expressos por um mesmo e único símbolo. Os grafemas <ch>, <j> e <th> têm sido utilizados com duplo valor.

III – Aqueles caracteres europeus que têm um valor diferente em relação aos principais alfabetos europeus não serão incluídos em um alfabeto geral. A esta categoria pertencem <c>, <ch>, <j> e <x>, especialmente, os quais expressam valores diferentes em alemão, francês, inglês, italiano e espanhol.

IV – Letras explosivas (oclusivas, tradução nossa) não serão utilizadas para expressar sons fricativos, e vice-versa. Ao contrário, caracteres simples (bases) deverão formar uma série separada em cada uma das duas grandes divisões. Como exemplo, <c> sendo explosivo, apresentando diversos valores como /k/, /tʃ/ e /ts/, não poderia servir de base para a fricativa alemã /ch/.

Lepsius passa, então, a justificar suas escolhas para a adoção de determinados grafemas que pudessem adequadamente representar aqueles fonemas mais desafiadores acima mencionados.

- < ñ >, para o /ng/ alemão, opção que já vinha sendo utilizada pelos linguístas em geral para a transliteração do sânscrito, por representar um som gutural (velar);
- < ř >, para o /r/ gutural. Sobre a base < r > seria aplicado o mesmo sinal diacrítico do < ñ > gutural acima para marcar a pronúncia velar;
- < y >, para o /j/ alemão, já representava as semivogais nas palavras inglesas *year* e *yes*, e nas palavras francesas *Mayence* e *Bayonne*. Além disso, o princípio III acima excluía o uso de < j >;
- < χ >, para o /ch/ alemão ou o /j/ espanhol. Lepsius considerava o /ch/ alemão um fricativo e lembrava que este som não existia em inglês, francês, italiano ou latim, mas que ocorria em espanhol e em grego. De acordo com o princípio IV, as representações < ch >, < kh >, < qh >, < k̃ > e < x > não seriam adequadas. Nem mesmo o grafema <h>, pois este seria usado para representar pelo menos seis sons diferentes. Por outro lado, o < χ > grego já teria sido adotado no alfabeto russo para esse exato propósito,

além do que este sinal teria influenciado a pronúncia do < x > espanhol. Volney⁷² já adotara < χ > em seu alfabeto⁷³ de 1795, além de outros estudiosos, como Müller⁷⁴, Rapp⁷⁵ e Bunsen⁷⁶. Desta forma, Lepsius considera, baseado em todos os precedentes acima expostos, uma grande vantagem a adoção do grafema < χ > mais o sinal diacrítico spiritus asper < ' >.

- < š >, para o /sh/ inglês, /ch/ francês e /sch/ alemão, à medida que o formato semicircular da braquia lembra a posição da boca durante sua pronúncia, critério este que tem sido aplicado na escolha de outros diacríticos. Também concorre para a escolha o precedente aberto pelos alfabetos sérvio e boêmio para a representação do mesmo fonema;
- < ž >, para o /j/ francês, seguindo a mesma lógica em relação ao < š >, ou seja, um diacrítico em forma semicircular para representar o formato da boca quando da pronúncia deste som fricativo palatal;
- < θ >, para o fricativo dental surdo inglês /th/, como na palavra “thin”. Enquanto fricativo, este fonema jamais poderia ser representado pelo explosivo (oclusivo) < t > de acordo com o princípio IV acima exposto. Os únicos caracteres latinos que poderiam se aproximar deste som seriam o < s > ou o < z >; todavia, cada um destes já seriam aplicados em outros usos. Para resolver este problema, e seguindo o precedente de Volney (1795) e de Fleischer (1831), Lepsius decide-se pelo grafema grego < θ >, mais o sinal diacrítico spiritus asper < ' >. Aqui, Lepsius observa que, devido à pobreza do alfabeto latino na representação de fricativas, a utilização de grafemas gregos torna-se inevitável, ainda mais quando se consideram os sons das línguas asiáticas. De fato, haveria apenas oito bases para os nove sons oclusivos e seis bases para os doze fricativos no alfabeto latino;
- < θ >, para o fricativo dental sonoro inglês /th/, como na palavra “mother”. Lepsius explica que, devido a uma antipatia generalizada, em sua época, em relação à utilização de ainda mais caracteres gregos na construção de um alfabeto fonético, ele evitou adicionar o < δ > para a representação deste som, embora a adoção deste

72 Constantin-François Chasseboeuf de la Giraudais, Conde Volney (1757-1820).

73 *Simplification des langues orientales, ou Méthode nouvelle et facile d'apprendre les langues arabe, persane et turque avec des caractères européens*. Paris: L'imprimerie de la République, 1795.

74 *Handbuch der Physiologie*, vol. II, pp. 237-238, 1837.

75 *Physiologie der Sprache*, p. 65.

76 *Aegyptens Stelle in der Weltgeschichte*, vo. I.

grafema oferecesse uma grande vantagem, uma vez que dispensaria a aplicação de sinais diacríticos. Por isso, ele preferiu o < θ > com o diacrítico spiritus lenis < ' >.

- < χ' >, para o /g/ dinamarquês. Pelas mesmas razões acima, Lepsius optou pela utilização do grafema < χ > mais o diacrítico spiritus lenis < ' > para representar este som gutural suave no lugar de < γ >.

O resultado do exposto acima é, segundo Lepsius, o quadro do “Alfabeto do Sistema Consonantal Europeu”, que segue:

Tabela 11: Consoantes

	Explosivas			Fricativas			Ancípites
	fortis	lenis	nasalizadas	fortis	lenis	semivogais	
Guturais	k	g	ñ	χ (χ) h	χ' (γ)	y	ř
Dentais	t	d	n	š s θ (θ)	ž z θ' (δ)		r l
Labiais	p	b	m	f	v	w	

O que nos causa estranheza neste resumo consonantal europeu proposto é ausência das africadas palatais /dʒ/ e /tʃ/, tais como pronunciadas em italiano “cielo” e “gennaio”, além da lateral palatal /ɲ/, tal como pronunciada em português “alho”. Além do que /ʃ/ e /ʒ/, representadas acima por <š> e <ž> são tidas por Lepsius como dentais, quando na verdade seu ponto de formação se dá no palato duro, razão pela qual modernamente as chamamos de palatais.

O tratamento dos sons das línguas orientais

A partir desse momento, Lepsius aponta a necessidade de expandir o sistema até aqui proposto para a inclusão de sons estranhos aos idiomas europeus, notadamente aqueles comuns ao árabe e às línguas indianas. Para tal, o autor considera, para além das três classes

originais de consoantes das línguas europeias, segundo o ponto de articulação (guturais, dentais e labiais), a adoção de outras quatro, a saber: faríngea, palatal, cerebral e lingual.

I – Classe faríngea

Assim chamada pela retração da raiz da língua e compressão da faringe, causando uma leve explosão, quando da produção do som. Segundo Lepsius, pode-se perceber este som – o qual modernamente conhecemos como consoante ejetiva – distintamente entre duas vogais seguidas e pronunciadas separadamente, como no italiano *sarà 'a casa*, no inglês *go 'over*, no alemão *See- 'adler*; e mais ainda, quando se pretende distinguir uma palavra da outra as quais compartilham de grafias semelhantes, como no alemão *mein 'Eid* e *Meineid*, ou *Fisch- 'art* e *Fischart*. Assim como os gregos, Lepsius marca este som com o diacrítico spiritus lenis <'>.

O mesmo som descrito acima, continua Lepsius, pode ser pronunciado de forma um pouco mais forte, produzindo o que em árabe é representado por <ع>. Em seu alfabeto, o autor adota o spiritus lenis duplo <',>.

Por outro lado, o fricativo correspondente a <',>, como no árabe <ح>, conforme o autor, não seria o <h> comum, mas uma aspiração mais forte, que exigiria grande contração do ponto faríngeo. Frequentemente, este som seria indicado por <hh>. Mas, aproveitando o precedente aberto por Fleischer (1831), Ewald (1831) e Vullers (1841), Lepsius adota <ḥ>.

Assim, a classe faríngea (faucal class, no original em inglês), representando as consoantes ejetivas, seria composta pelos grafemas <'>, <',>, <ḥ> e <h>.

II – Classe gutural

O árabe <ق> e o hebraico <ק> são formados, segundo Lepsius, um pouco mais à frente da parte posterior do palato mole, onde o véu palatino encontra-se com o palato duro. Em seu alfabeto, o autor representa este som com o grafema <q>. A série total das guturais será, então, <k>, <q>, <g>; <ḡ>; <ḳ>, <ḳ(γ)> e <ṛ>.

III – Classe palatal

Lepsius explica que há uma classe de sons localizados entre os guturais e os dentais e que seus dois primeiros representantes seriam pronunciados tais quais /dʒ/ e /tʃ/, ou seja, <ch>

e <j>, como nas palavras inglesas “choice” e “join”, ou <c> e <g>, como nas palavras italianas “cima” e “giro”. Estes, embora fossem considerados sons compostos pelos europeus, tanto por quem os ouve quanto por quem os pronuncia, de acordo com a escrita devanágari seriam considerados sons simples, tanto que são grafados pelos indianos mediante a utilização de grafemas igualmente simples. Mais uma vez referindo-se a Bopp, Lepsius resolve adotar o diacrítico <˘> para sinalizar a palatalização de todos os guturais, o que resultaria na seguinte série: < ḳ >, < g̣ >, < ṇ >; < ɣ̣ >, < ɣ̣ (ɣ̣) >, < ḷ >.

IV – Classe cerebral

Os sons produzidos quando a ponta da língua é direcionada para trás e para cima, simultaneamente, próximo à região palatal, produzindo uma explosão ou fricção, quase que exclusivamente peculiar às línguas hindus, são chamados por Lepsius de cerebrais. E, aludindo ao diacrítico utilizado por Bopp, adota um ponto sob cada letra, apresentando a série <ṭ>, <ḍ>, <ṇ>, <ṣ>, <ṛ> e <ḷ>. Lepsius aponta para o fato que a denominação em língua inglesa “cerebral” provém de uma falsa tradução da palavra hindu “mūrddanya”, o que significaria “domo do palato” e que, na falta de um termo mais adequado, continuaria sendo usada.

V – Classe lingual

Na formação dos sons desta classe, pertencentes exclusivamente ao árabe e línguas relacionadas, a largura da língua ou toca ou se aproxima de todo o espaço anterior do palato duro, e sua ponta vira-se para baixo. Mais uma vez, partindo do exemplo de Volney, Lepsius escolhe um pequeno traço sob as letras, representando a ampla posição da língua, propondo então <ṭ̣>, <ḍ̣>, <ṣ̣>, e <ṛ̣>.

VI – Classe dental

Como discutido anteriormente, Lepsius lembra que esta série existe completamente nas línguas europeias. E acrescenta que a distinção essencial entre as três fricativas / ʃ /, / s / e / θ /, com suas variantes suaves / ʒ /, / z / e / ð /, e as guturais e palatais / ɣ / e / ɣ̣ / consiste na fricção da corrente do ar sendo formada e ouvida nos dentes. Modificações desta fricção dental surgiriam de um espaço oco maior ou menor que a língua formaria atrás dos dentes.

Assim, a série dental completa englobaria <t>, <d>, <n>; <š>, <ž>; <s>, <z>; <θ>, <θ' (δ)>; <r> e <l>.

VII – Classe labial

Esta série, já tratada anteriormente, é comum a todas as línguas europeias, engloba <p>, , <m>, <f>, <v> e <w>.

O quadro completo de consoantes do Alfabeto Universal de Lepsius será, então:

Tabela 12: Quadro completo de consoantes

	Explosivas			Fricativas			Ancípites
	fortis	lenis	nasal.	fortis	lenis	semivogais	
I. Faríngeas	ʔ	ʕ		ħ	h		
II. Guturais	k q	g	ŋ	χ	χ' (γ)		ʁ
III. Palatais	k'	g'	ɲ	ç	ç' (ý)	y	í
IV. Cerebrais	ʈ	ɖ	ɳ	ʃ	ʒ		ʀ l
V. Linguais	ʈ	ɖ	ɳ	ʃ	ʒ		
VI. Dentais	t	d	n	š	ž		r l
				s	z		
				θ	θ' (δ)		
VII. Labiais	p	b	m	f	v	w	

Em relação à composição de vocabulários para as línguas estrangeiras, ou seja, aquelas diferentes das encontradas na Europa – especialmente as ágrafas – Lepsius diz que um arranjo de natureza orgânica, de acordo com os órgãos da fala, assim como se fazia na organização de vocabulários semitas, do sânscrito e do devanágari, seria preferível ao que tradicionalmente era feito na Europa. Em outras palavras, a inclusão dos sinais <ʔ>, <ʕ>, <χ> e <θ> em um vocabulário organizado segundo a ordem alfabética europeia, poderia se mostrar confusa e inconveniente. Assim, o autor sugere uma organização orgânica de palavras, começando com as vogais, seguidas das consoantes, de acordo com a tabela 12 acima, acompanhando as colunas verticais em sequência, sendo as primeiras entradas iniciadas com a vogal <a> e as últimas, com a consoante <l>, ao invés de A a Z.

CAPÍTULO 4 – RESULTADOS DA PESQUISA

Influências mútuas

Como foi dito em outra ocasião, ao examinarmos a obra de J.J. Hoffmann, percebemos que o mesmo, ao indicar pela primeira vez ao leitor a maneira pela qual romaniza o japonês, em 1861, na obra *Winkelgesprekken in het Hollandsch, Engelsch en Japansch / Shopping-dialogues in Dutch, English and Japanese*, faz referência ao sistema criado e divulgado por C.R. Lepsius, na obra *Das Allgemeine Linguistische Alphabet* (O alfabeto linguístico geral), de 1854.

Assim diz Hoffmann, na página IX da obra citada acima:

THE UNIVERSAL OR STANDARD-ALPHABET OF R. LEPSIUS WITH REFERENCE TO THE JAPANESE LANGUAGE

The pronunciation or reading of the Japanese in the following pages has been based upon the Universal or Standard-alphabet of R. Lepsius. (Grifo nosso)

Ou seja, Hoffmann diz que a pronúncia ou a leitura da língua japonesa nas páginas que seguem baseia-se em *Das Allgemeine Linguistische Alphabet* e, na sequência, justifica sua escolha assim dizendo:

“This alphabet enables every nation to transfer words of foreign origin to its own particular mode of writing and to represent them systematically, uniformly and intelligibly to every reader. This system not only having been adopted by the principal philologists of every country, but also by the most influential missionary-societies, for the purpose of representing the words of languages unendowed with a fixed mode of writing in European character, it has been thought fit to apply it in this instance also to the Japanese.” (HOFFMANN, 1861)

Em outras palavras, o autor assinala que este alfabeto possibilitaria a qualquer nação a transliteração de palavras de origem estrangeira a seu próprio e particular modo de escrita, representando-as sistemática, uniforme e inteligivelmente a todo leitor. Não apenas tendo sido adotado por filólogos de diferentes países, mas também pelas mais influentes sociedades missionárias, com o propósito de representar palavras de línguas desprovidas de um modo sólido de escrita, este sistema também seria adequado para o uso com a língua japonesa.

Lepsius, por sua vez, cita Hoffmann em *Standard Alphabet for Reducing Unwritten Languages and Foreign Graphic Systems to a Uniform Orthography in European Letters – Second Edition* (Alfabeto padrão para a redução de línguas ágrafas e sistemas gráficos estrangeiros a uma ortografia uniforme em letras europeias – segunda edição), em 1863, assim dizendo:

*“Of the two Japanese formes of writing, the cursive Firo-kana (sic) and the more square and distinct Kata-kana, we have exhibited above the latter; **which has been reduced already to our Standard Alphabet by J. Hoffmann** (the learned editor of Donker Curtius’s Japanese Grammar, Leyden, 1857.) in his “Shopping-dialogues in Dutch, English and Japanese, Leyden. 1861”*

(...)

We follow Hoffmann and other European scholars in indicating the shortness of the vowel by doubling the next consonant and transcribe for ex. the Japanese Nitpon by Nippon.” (LEPSIUS, 1863, pp. 247-248, grifos nossos)

Isto é, das duas formas japonesas de escrita, o cursivo hiragana e o mais distinto e retilíneo katakana, esta última variante já teria sido reduzida ao Alfabeto Universal por Hoffmann. Além disso, Lepsius seguiria Hoffmann e outros estudiosos europeus na indicação de brevidade de uma vogal dobrando a consoante seguinte, oferecendo como exemplo a palavra “Nitpon” tornando-se “Nippon”.

E Hoffmann, mais uma vez, faz referência a Lepsius, agora em todas as versões de *A Japanese Grammar*, a partir de 1867. Por exemplo:

*“To promote the unity necessary in the reduction of the Japanese to Roman characters, **we have adopted the Universal or Standard alphabet, by ROBERT LEPSIUS**”⁷⁷. As this alphabet enables people of various nations to reduce to their own graphic system, the words of a foreign language, in a manner systematic, uniform, and intelligible to every one; and as it has been adopted by the principal philologists in all countries, as well as by the most influential Missionary Societies, its application to the Japanese language will be welcomed by every one who prizes a sound, uniform and, at the same time, very simple system of writing.”* (HOFFMANN, 1876: 12, grifo nosso)

Ou seja, para promover a unidade necessária na redução da língua japonesa em caracteres latinos, Hoffmann teria adotado o alfabeto universal ou padrão, de Richard Lepsius, à medida que este alfabeto habilitaria povos de várias nações para reduzir a seu próprio

⁷⁷ Como já foi dito anteriormente, Hoffmann equivocou-se, chamando-o “Robert”, quando na verdade seu nome era “Richard”.

sistema gráfico palavras de uma língua estrangeira, sistemática, uniforme e inteligivelmente a qualquer pessoa. E, como este sistema já teria sido adotado por filólogos de diferentes países, assim como também pelas mais influentes sociedades missionárias, sua aplicação na língua japonesa seria bem-vinda por qualquer um que apreciasse um sistema de escrita sólido, uniforme e, ao mesmo tempo, muito simples.

Para que pudéssemos esclarecer em que momento cada uma dessas influências ocorreu, nos pareceu conveniente a confrontação entre as obras analisadas nos Capítulos 2 e 3 deste trabalho. Por isso, optamos por organizar nosso roteiro de estudos comparativos em dois momentos.

O primeiro desses momentos traz lado a lado *Japan's Bezüge mit der Koräischen Halbinsel und mit Schina. Nach Japanischen Quellen von J. Hoffmann* (de Hoffmann, 1839) e *Das Allgemeine Linguistische Alphabet* (de Lepsius, 1855), com o que chegamos às seguintes observações:

- em 1839, Hoffmann representava a semivogal /y/ grafando-a <j>, tal qual como pronunciada em seu idioma nativo, o alemão. Lepsius, por sua vez, em 1855, grafa esta semivogal usando o grafema <y>;
- Hoffmann representava a semivogal /w/, em combinação com a vogal /a/ grafando-a <v>; já com a vogal /o/, usou o grafema <w>. Lepsius optou pelo grafema <w> em todas as circunstâncias;
- para a representação da fricativa palatal /ʃ/, diante de todas as vogais, Hoffmann empregou o grafema <s>, enquanto que Lepsius optou por <š>;
- e, para registrar a africada palatal /dʒ/, Hoffmann empregou o grupo consonantal <ds>. Lepsius, por sua vez, preferiu <ž>.

Os resultados desta primeira comparação podem ser vistos refletidos na forma de romanização empregada por Hoffmann em *Winkelgesprekken in het Hollandsch, Engelsch en Japansch / Shopping-dialogues in Dutch, English and Japanese*, de 1861, assim como segue:

- para o encurtamento de vogal em sílaba átona, tanto no meio quanto em final de palavra, Hoffmann passou a adotar a mesma braquia <˘> já usada por Lepsius;
- para registrar a semivogal /y/, no lugar de <j>, Hoffmann passou a escrever <y>, como Lepsius;

- em relação à semivogal /w/, no lugar de <v>, Hoffmann adotou <w>, da mesma forma que Lepsius;
- para representar a fricativa palatal /ʃ/, no lugar de <s>, Hoffmann passou a grafar <š>, como Lepsius;
- finalmente, também como em Lepsius, para registrar a africada palatal /dʒ/, no lugar de <ds>, Hoffmann passou a escrever <ž>.

Assim, constatamos que o trabalho de Lepsius apresentado pela primeira vez em 1854 foi de fundamental importância para que Hoffmann estabilizasse seu próprio sistema de romanização, a partir de 1861.

Passemos agora ao segundo momento de nossa análise contrastiva, desta vez contrapondo *Winkelgesprekken in het Hollandsch, Engelsch en Japansch / Shopping-dialogues in Dutch, English and Japanese* (1861) e *Standard Alphabet for Reducing Unwritten Languages and Foreign Graphic Systems to a Uniform Orthography in European Letters – Second Edition* (de Lepsius, 1863).

Na segunda edição de seu *Standard Alphabet* (1863), Lepsius expressa certo contentamento com o fato de Hoffmann ter não somente adotado em seus *Shopping-dialogues* (1861) regras de transliteração delineadas na primeira edição de *Standard Alphabet* (1854) – como também dele ter feito referência direta – a ponto incluir a língua japonesa em seu trabalho, categorizada como “língua asiática isolada”, além de, à página 246, fornecer como exemplo de transliteração trechos extraídos diretamente de *Shopping-dialogues*. Na página 248 de seu *Standard Alphabet* (1863), Lepsius indica ter seguido o modelo de Hoffmann para o registro de brevidade de vogal, ou seja, dobrando a consoante seguinte, oferecendo como exemplo a palavra “Nippon”.

Uma outra observação refere-se à representação das aspiradas. Como Hoffmann já informava em *Shopping-dialogues* que em alguns dialetos da língua japonesa, /fa/, /fi/, /fe/ e /fo/ eram pronunciados /ha/, /hi/, /he/ e /ho/, Lepsius passou a incluir todas essas variantes na segunda edição de seu *Standard Alphabet*.

E a consolidação de todo o exposto acima reflete-se na delineação feita por Hoffmann de seu sistema de romanização, indicada em cada uma das quatro versões de sua *Gramática*.

Isto posto, depreendemos que existiram, sim, influências mútuas entre Hoffmann e Lepsius e que o resultado dessa colaboração resultou em uma mais completa edição de

Standard Alphabet, corroborando nossa hipótese levantada na Introdução do presente trabalho.

Comentários finais

Com esta pesquisa, inserida no campo da Historiografia da Linguística – na medida em que Hoffman, enquanto filólogo, legou obras essencialmente linguísticas – esperamos contribuir para o entendimento de como se desenvolveram os estudos sobre a língua japonesa numa parte do mundo ocidental, no caso a Europa teuto-holandesa.

A relevância do tema escolhido justifica-se pelo fato de que, até o presente momento, a bibliografia a respeito da tradição germânica de estudos do japonês é consideravelmente escassa, especificamente em língua portuguesa, sendo Hoffmann um autor relativamente desconhecido no ambiente acadêmico brasileiro, não obstante sua importância no contexto da área de Estudos Japoneses. Esperamos assim, humildemente, que nossa contribuição possa servir de base para futuras pesquisas.

Resumidamente, na Introdução deste trabalho, após uma contextualização histórica, propusemos, como objetivo, uma reconstrução epistemológica do sistema de romanização da língua japonesa na obra de Johann Joseph Hoffmann. Observando que este autor fazia referência a Carl Richard Lepsius desde 1861, na obra *Winkelgespræken in het Hollandsch, Engelsch em Japansch / Shopping-dialogues in Dutch, English and Japanese*, decidimos investigar essa participação e descobrimos que um autor fazia alusão ao outro em diferentes trabalhos. Nossa hipótese é que Hoffmann teria adotado e, de certa forma, melhorado o sistema de transliteração de línguas ágrafas proposto por Lepsius.

Para chegarmos a alguma conclusão, no Capítulo 1, inicialmente, levantamos a biografia de Hoffmann, evidenciando o processo de criação da cadeira de Japonês na Universidade de Leiden; depois, arrolamos uma lista de suas obras até então catalogadas; e, em seguida, destacamos duas obras que fazem parte do legado de Hoffmann: o *Panteão budista japonês* e o *Dicionário japonês-holandês e japonês-inglês*.

No Capítulo 2, examinamos em detalhes três de suas obras mais emblemáticas, em ordem cronológica, a saber: *Japan's Bezuge mit der Koraischen Halbinsel und mit Schina. Nach Japanischen Quellen von J. Hoffmann* (de 1839, representando o início de sua produção

autônoma), *Winkelgesprekken in het Hollandsch, Engelsch em Japansch / Shopping-Dialogues in Dutch, English and Japanese* (de 1861, representando o ponto intermediário em sua obra) e, finalmente, *A Japanese Grammar; Second Edition* (de 1876, representando o ponto culminante em sua carreira).

Em seguida, no Capítulo 3, além de arrolarmos uma breve biografia de Lepsius, efetuamos um estudo minucioso de seu *Standard Alphabet for Reducing Unwritten Languages and Foreign Graphic Systems to a Uniform Orthography in European Letters*, de 1855.

Finalmente, no Capítulo 4, reunindo dados coletados nos dois capítulos anteriores, pudemos apontar os pontos e momentos de influências entre Hoffmann e Lepsius, o que nos permitiu confrontar e confirmar nossa hipótese inicial.

E, em Anexo, trouxemos nossa tradução em português, do original em holandês, de *Levensbericht van J.J. Hoffmann* (J.J. Hoffmann: um esboço biográfico), escrita por Johan Hendrik Caspar Kern, com o cuidado de preservar o tom solene e de despedida com que esta biografia fora originalmente elaborada.

ANEXO

J.J. Hoffmann: um esboço biográfico

H. Kern

(Tradução: Kaetano R. A. Trinchão)

Afirma-se repetidamente que a imaginação tem uma participação muito maior no desenvolvimento das ciências, do que muitos profissionais desejosos gostariam de reconhecer. Uma vez que essa autodenominação é absolutamente indispensável para o artista, pode-se dizer que artistas e acadêmicos estão relacionados uns com os outros de tal forma que eles poderiam duvidar se alguma vez houve um brilho de engenhosidade criativa nos produtos, e o artista real não pode perder a faísca do fogo inextinguível da curiosidade. Na maioria dos casos, aqueles que combinam talento científico com talento artístico, seja um ou outro presente, se tornarão mais poderosos e claros desde o início; às vezes, no entanto, parece apenas uma coincidência, ou o que seja chamado a ser, o que decide sobre a carreira de alguém e aponta para o lugar que ele tomará uma vez na história da arte ou da ciência.

Entre aqueles em cuja juventude foram predispostos à arte e amor à ciência, por assim dizer, para ter precedência, houve um homem notável, cuja carreira científica será descrita nas páginas seguintes. A história de vida de Hoffmann, no sentido mais amplo da palavra, está fora do meu alcance e também, pelo menos na minha opinião, fora do círculo das obras de nossa Academia. Não antes disso, que levo minha tarefa de maneira tão limitada, peço remissão, mas quanto mais quero apelar para a boa vontade de meus colegas, tão pouco serei capaz dos raros méritos de nosso membro morto, como pioneiro no campo da lingüística japonesa e como mestre em chinês, para trazer o valor total. Claro, aproveitarei com gratidão uma série de relatórios de vida tornados públicos por especialistas⁷⁸.

Johann Joseph Hoffmann nasceu em 16 de fevereiro de 1805 em Würzburg, na Francônia. Teve uma educação cuidadosa e frequentou a universidade na cidade de seu pai, onde estudou Filologia. Seus estudos foram determinados pelas Letras Clássicas, o que se

⁷⁸ Sinto-me obrigado a um agradecimento especial ao sr. L. Serrurier, por sua ajuda na elaboração da Lista de Obras anexa, e ao sr. W. Vissering, pela gentileza com que forneceu para inspeção os documentos que faltavam de seu amado professor.

pode julgar pelas citações de Cícero e Homero nas anotações de seus diários de juventude. Altamente característicos são os desenhos, ou melhor, os esboços da natureza, e as imagens de vários monumentos romanos em Mainz, encontrados em alguns desses diários. Não pretendo tacitamente ignorar esses pequenos experimentos de familiaridade com as artes visuais, uma vez que tão excelente proficiência no desenho lhe forneceria, mais tarde, uma base sólida.

Hoffmann tinha um talento especial para a música. Além disso, a natureza lhe dera uma voz extraordinariamente bela, de modo que não nos pareceria tão estranho que um amigo mais velho o aconselhasse a subir ao palco como cantor. Ele seguiu esse conselho e levou uma vida de artista de 1825 a 1830, com o peculiar amor e sofrimento. É digno de nota que sempre encontraremos provas de estudos literários durante esses anos em seus diários e pequenos ensaios.

No verão de 1803, Hoffmann concebeu o plano para tentar a sorte na Holanda. Em julho, ele estava em Antuérpia, onde ele exultou com admiração as obras-primas de Rubens e pôde comparar a Catedral de Nossa Senhora e a conhecida Catedral de Estrasburgo. Lá, no dia 17 do mesmo mês, houve um evento que marcou o ponto de virada em sua vida. Na noite daquele dia em um hotel, ele ouviu em uma das mesas do salão um jovem falando em alemão, intercalado com francês, holandês e malaio. A julgar pelo sotaque com que falava aquele homem, o qual, como ficou claro na conversa, vivera por alguns anos no Oriente e no Japão, Hoffmann reconheceu uma pessoa de sua própria região. Imediatamente surgiu nele o pensamento se poderia ser ou não o dr. von Siebold, de Würzburg. Ele se atreveu a perguntar ao estranho: “Desde que você estave no Japão, provavelmente conhece o dr. von Siebold?” “Sou eu mesmo”, soa a resposta em tom alto e afável. O encontro entre esses dois lançou as bases de uma profunda relação e, como resultado, Hoffmann despediu-se da vida de artista alguns dias depois, no dia 23 de julho. Depois de permanecer com von Siebold no sul da Holanda por mais de um mês, ele viajou em 14 de setembro para Roterdão. No decorrer de outubro, ele se estabeleceu em Leiden onde, como todos sabemos, encontraria a tarefa à qual se dedicaria por quase meio século com zelo inabalável, perseverança dura e nobre autonegação.

O dr. von Siebold contava em seu séquito com um habilidoso escritor chinês, de Batávia, Ko-tsing-tsang. Hoffmann foi iniciado no conhecimento do chinês por eles. Como o professor não conhecia senão o malaio, exceto sua língua materna, o aluno foi obrigado a dedicar-se àquele idioma. Em suas notas, durante o mês de dezembro, há várias expressões malaias, bem como tentativas de escrita de caracteres chineses. Da mesma fonte, os

rascunhos, percebemos como característica especial que Hoffmann iniciara, em março de 1831, o estudo de *Gramaire Chinoise*, de Abel Rémusat. Pela prática do chinês, ele estava preparado para o japonês.

A tarefa designada por Siebold para o jovem estudioso de línguas consistia principalmente em se ocupar com a tradução de fontes japonesas, o que era necessário para que o primeiro compilasse seu grande trabalho sobre o Japão, o famoso Nippon-Archiv. Von Siebold adquirira algum conhecimento da língua japonesa durante sua permanência no reino do sol nascente, mas não o suficiente para tomar a parte filológica do trabalho. Para isso, a cooperação de alguém como Hoffmann era necessária. Quanto ao terceiro colaborador, o chinês Ko-tsing-tsang, acima mencionado, ele produziu os textos em chinês e japonês para serem incluídos no arquivo. Não é preciso ser um conhecedor de japonês para poder formar qualquer idéia a respeito das desvantagens com que a prática da linguagem natural foi acompanhada por cerca de meio século. Livros que poderiam servir como uma ferramenta para o europeu penetrar no conhecimento da escrita e da linguagem eram praticamente inexistentes, e se alguns materiais úteis fossem encontrados, eles eram completamente inadequados para estudantes iniciantes. Era impossível, numa palavra, obter proveito com as poucas coisas que poderiam ser tiradas dessas obras, de tal forma que se pudesse entender uma única linha dos Anais Japoneses ou ler uma única frase, impressa em cursivo itálico. Tudo tinha que ser construído a partir do zero; dicionário e gramática tinham que ser feitos por alguém, se ele quisesse entender um texto.

A fim de estabelecer as bases do estudo, tanto quanto possível, Hoffmann trabalhou durante anos com grande diligência. Em relação à maneira como ele havia compilado um dicionário, principalmente para uso próprio, aprendemos alguns detalhes de uma carta dele para Stanilas Julien, datada de 27 de maio de 1843. Eles são, essencialmente, os seguintes. O dicionário japonês de sinônimos *Sjo-gen-zi-go* serviu de base para o dicionário, que ele copiou em ordem estritamente alfabética. Além das palavras que faltavam e de outras explicações ou aprimoramentos dos significados dados, ele continuou a usar vários dicionários, enciclopédias japonesas, chinesas e chinesas-japonesas, manuais japoneses de sinônimos e similares. Depois disso, as provas, retiradas da literatura, foram adicionadas no caminho. Como se vê, é a mesma maneira que foi tomada mais tarde também, no dicionário sânscrito de São Petersburgo e, em alguns aspectos, a auto-designação de línguas, que são tratadas de maneira razoavelmente completa por lexicógrafos nativos, mas foram tratados de maneira ineficiente para o estrangeiro.

Já em 1839 o propósito - se é que posso chamá-lo assim - do Dicionário Japonês foi completado. No que diz respeito à estrutura e ao estado da gramática, os anúncios contidos na carta são menos extensos. Sem dúvida ela não tinha a completude da obra-prima de uma gramática, que apareceu pela primeira vez à luz em 1867.

O que Hoffmann entregou no Nippon Archive consiste em numerosas contribuições, que são distribuídas em diferentes partes da grande obra. Como às vezes há um intervalo muito longo entre o momento da edição e publicação, a partir da data em que os documentos aparecem impressos, pouco ou nada pode ser feito sobre a ordem em que os assuntos foram tratados pelo estudioso em seu estudo. Por esta razão, refiro-me com referência à lista de obras, para mencionar como documentos mais importantes a serem considerados: *Wanen-kei ou tabelas de história do Japão, traduzidas dos originais*; *Japans Bezüge mit der Koraischen Halbinsel und mit Schina; nach Japanischen Quellen* (1839); *O Panteão Budista, de Nippon, traduzido de originais japoneses e fornecido com notas explicativas*.

Entre os escritos anteriores de Hoffmann, que não fazem parte do Arquivo Nippon, estão *Informações de histórias naturais chinesas e japonesas do Illicium religiosum e do anis-estrelado* (1837); *Introdução ao Dictionarium Sjo-gen-zi-ko* (1841); finalmente o *Catalogus librorum et manuscriptorum Japonicorum, auctore DE SIEBOLD; libros descripsit J. Hoffmann* (1845).

Não podemos nos surpreender que o estudioso incansável também tenha conhecido seus momentos de desânimo. Durante anos ele foi o único na Europa que praticou cientificamente o japonês. E se essa circunstância, por um lado, poderia provocar sua ambição, a nobre ambição de mostrar ao europeu o caminho em uma área ainda desconhecida, por outro lado, tinha consciência de estar sozinho. Sob tais circunstâncias, o encorajamento que ele experimentou de um homem como Stanislas Julien era inestimável para ele. A longa correspondência de trinta anos entre os dois acadêmicos fornece evidências de que Julien exercera uma influência feliz na carreira científica de Hoffmann por meio de avivamentos e conselhos, e não menos por meio de suas intervenções amigáveis. Quando, em 1846, o futuro parecia sombrio, Julien foi o homem que, por sua calorosa recomendação, chamou a atenção para o humilde estudioso e desse modo deu o ímpeto a uma mudança para o bem em seu destino. As circunstâncias que deram origem ao fato de Hoffmann ter sido apontado como tradutor do governo holandês e se mantido em nosso país são importantes demais para não nos demorarmos por um tempo.

Em novembro de 1846, Julien, que era o mestre onipresente dos sinólogos, como fonte de informação para toda a Europa, recebeu uma carta de Sir George Staunton, de Londres, na qual se anunciava o estabelecimento de uma cadeira para língua chinesa no Kings College em Londres e perguntava sobre o número de professores chineses nas várias capitais da Europa, o montante da sua remuneração e a pessoa adequada para se qualificar para ocupar o novo cargo estabelecido. Julien imediatamente forneceu as informações solicitadas; no último ponto, ele assim se expressa:

“Caso se almeje que o estabelecimento desta cátedra propicie não somente intérpretes, mas também – e isto é mais difícil – eruditos, capazes de traduzir livros científicos e industriais, então tomarei a liberdade de recomendar à sua atenção um homem detentor de um alto grau de conhecimento da língua chinesa e, mais ainda, a única pessoa a dominar a língua japonesa na Europa. O dr. Hoffmann, de Leiden, Holanda.”

Julien não se importou com isso, mas se preocupou em trabalhar na remuneração da cátedra, cuja instituição estava sendo planejada em Londres, uma remuneração que poderia ser considerada suficiente para satisfazer demandas justas. Quando ele teve sucesso nessas tentativas, e o novo trabalho foi oferecido a Hoffmann, os dois dias de intensos combates começaram. A Holanda havia se tornado uma segunda pátria para ele, que ele amava calorosa e sinceramente. Ele já havia concebido o estudo do japonês como a tarefa de sua vida, e quem quisesse se dedicar a ele de maneira frutífera só poderia fazê-lo em Leiden - então na época, o único lugar com as ferramentas necessárias. Mas, por outro lado, um futuro incerto, mesmo sombrio, ameaçava seus olhos; sua relação com v. Siebold tornara-se menos favorável e, por causa disso, a situação na qual ele se encontrava acabou ficando insustentável: caso não obtivesse ajuda, ele teria que aproveitar a oportunidade oferecida, contra sua vontade, mas com agradecimento. Foi naqueles dias de conflito assustador em sua mente que alguns de seus amigos eruditos alertaram o então Ministro das Colônias, J. C. Baud, para a perda que a ciência e nosso país sofreriam se se aceitasse que um homem de tão reconhecido e raro mérito nos deixasse. E Baud, que sempre se mostrou um homem de visão clara e de princípios esclarecidos, ouviu a boa sugestão e agiu com seu impulso habitual. Logo - em 13 de dezembro de 1846 - Hoffmann recebeu de seu amigo dr. L. um bilhete pedindo que ele fosse até sua casa à noite, já que tinha algo importante para compartilhar. Hoffmann foi e ouviu do dr. L. que Sua Majestade tivera o prazer de nomeá-lo tradutor de japonês junto ao governo holandês, com um salário anual de 1.800 florins. Com emoção, o indicado ouviu as notícias surpreendentes e a alegria pela reviravolta favorável que havia ocorrido, expressando-se inequivocamente por escrito a Julien, a quem ele imediatamente informou sobre o evento.

Como aparece nos jornais da época, as pessoas nos círculos eruditos, especialmente em Leiden, ficaram muito satisfeitas com a nomeação. A seguinte mensagem, enviada ao periódico *Algemeene Konst- en Letterbode*, de 18 de dezembro de 1846, nº 53, pode ser considerada para nos dar uma idéia do clima de então: “Em Leyden, no dia 14 de dezembro, Como sabemos, Sua Majestade, nosso respeitado rei, agradou-se de nosso compatriota, o Sr. Dr. Hoffmann, ao nomeá-lo tradutor para o japonês em nosso governo. Quem conhece os méritos do sr. Hoffmann e tem interesse na fama e na condição científica de nossa pátria, sabe o quanto o *Recueil Asiatique* chamou a atenção da Europa para suas habilidades, e será grato ao nosso governo por essa nomeação”.

No que diz respeito ao próprio Hoffmann, ele sempre demonstrou, através de palavras e ações, que amava cada vez mais a terra que o recebera, animando-se com o governo com apreço. Em uma de suas cartas de épocas posteriores (1857) ao professor Schott, em Berlim, encontramos estas palavras: “Se devo chamar, em uma palavra, minha aspiração principal, é que eu - apenas busco um propósito, meu único motivo de preocupação: desejo ver toda a honra concedida a esse governo dos Países Baixos. - Aprecio meu trabalho e não esqueço nosso governo colonial, pois ele faz mais para a ciência do que qualquer outro império maior.”

As principais obras que Hoffmann preparou para a imprensa por volta de 1846 foram o *Yosan Firoku*, ou *A arte de criar bichos-da-seda no Japão*, e o *Panteão Budista*, de *Nippon*. O trabalho anterior foi, após intermináveis negociações sobre o modo de publicação, etc., publicado por Lord Bonafous, então embaixador do governo da Sardenha em Paris, com prefácio e acréscimos em um esplêndido trabalho. Apareceu em 1848 em meio às tempestades da revolução na capital da França. Esse foi um período desfavorável para a disseminação de tal livro, e pode ser devido a isso, ou talvez também ao excessivo esplendor e preciosidade do trabalho ilustrado, que ele caiu tão rapidamente no esquecimento. Nesse meio tempo, um tradutor posterior do texto japonês fez amplo uso dele.

O *Panteão Budista*, cuja edição há muito atrasada surgiu em 1851, continua a ser a principal fonte do nosso conhecimento sobre o budismo japonês até hoje e o é, portanto, também para aqueles que não se concentram nas fontes japonesas de menor valor. Para o estudo da linguagem, são de suma importância dois experimentos textuais, contendo duas lendas da vida de Buddha, do Reino de Sakya, com transcrição da leitura e tradução originais (pp.163-171). Estes são os primeiros testes que de certa forma mostram que um europeu é capaz de decifrar e entender textos japoneses, mesmo em itálico estenográfico. As 40 placas

que acompanham o Panteão foram em grande parte litografadas pelo próprio Hoffmann. E de fato, ele teve, depois que o chinês Ko-Tsing-Tsang retornou a Batavia, em 1835, que praticar com a caneta de gravuras.

A versatilidade das habilidades e talentos deste homem já nos surge com um único olhar na lista de seus escritos. A breve avaliação do *Esboços de Gramática Chinesa, de Endlicher*, no Konst- e Letterbode, n.ºs. 50 e 51 do ano 1846, não é apenas uma amostra de suas belas observações gramaticais, mas também um exemplo de crítica cortês, mas grave. Seu amor pela botânica levou-o a escrever suas *Contribuições para a história, divulgação e cultura de peônias na China e no Japão a partir de fontes originais* (1848). Juntamente com o Dr. Schultes, ele publicou no Journal Asiatique de 1851, n.º 10: *Nomes indígenas de uma seleção de plantas do Japão e da China determinadas a partir de amostras do herbário dos Países Baixos, pelos senhores J. Hoffmann e H. Schultes*.

Os anos seguintes trouxeram peças de sua autoria destinados a um círculo mais amplo de leitores. Em primeiro lugar *Comentários a respeito de um almanaque chinês de 1851*, no Guia de 1852; um pouco mais tarde: *A Aliança do Céu-Terra, T'iên-Tí-Hoeí, uma sociedade secreta na China e entre os chineses na Índia*, em *Contribuições para a língua, terra e etnologia das Índias Orientais Holandesas*, em 1853; um ensaio no Guia no mesmo ano, intitulado *O peregrino chinês Hioeên Tsang em viagem na Índia do ano 629 ao 645*, em que é dada uma visão geral do conteúdo do famoso livro de Stanislas Julien, tão importante para a história e as situações indianas. *Histoire de la vie de Hiouen thsang et de ses voyages dans l'Inde, depuis l'an 629 jusqu'en 645* - De maior importância para a indústria que o público leitor em geral foi o *Anúncio sobre as principais fábricas de porcelana no Japão* no Journal Asiatique de 1855, enquanto, mais ou menos na mesma época, saiu o ensaio sobre *O tubérculo chinês tschu-yú, conhecido por naga-imo ou yamato-imo no Japão*. Que Hoffmann passou a se interessar pelos assuntos da indústria, ele mostrou vários anos depois por sua *Anúncio sobre a criação da larva selvagem da seda no Japão*, na Revista para a Indústria, 1864. As traduções em francês e alemão publicadas podem servir como prova de que as partes interessadas puderam apreciar as informações comunicadas. A Revista de Política Econômica e Estatística (volume 1855) traz, de sua autoria, *Comentários a respeito da riqueza do Japão*.

Enquanto isso, os méritos cada vez mais emergentes de nosso japonólogo também foram reconhecidos pelo governo, na medida que ele recebeu o título de Professor, enquanto Sua Majestade, o rei, deu prova pessoal de seu esclarecido interesse concedendo ao recém-nomeado Professor uma mesada anual. A partir de agora, o professor Hoffmann foi incumbido

de ensinar os jovens a serem treinados como intérpretes do governo em línguas chinesa e japonesa. Todos os seus jovens alunos puderam testemunhar a maneira talentosa, conscienciosa e abnegada com que o professor cumpriu sua tarefa, e um deles, que agora ocupa a cadeira de Chinês na Leidsche Hoogeschool – agradecido em primeiro lugar ao que fora feito por seu professor para o estudo do chinês neste país – recentemente deixou claro em uma revista inglesa⁷⁹ que “Hoffmann era um dos estudiosos mais modestos e despretensiosos, um inimigo de toda ostentação; nunca se gabando de suas realizações, e sempre pronto a pôr de lado seu próprio trabalho, a fim de ajudar seus discípulos”.

Não muito depois da aceitação da nova atribuição, que pela natureza do caso trouxe pouca mudança na direção de seus estudos, a ele foi dado pelo Ministério das Colônias o *Esboço de uma gramática japonesa, elaborada pelo Sr. J.H. Donker Curtius*, a fim de participar no processamento de ferramentas para a troca de idéias entre os holandeses e japoneses. A fim de tornar conhecido o ponto de vista do escritor de Proeve, não pareço ser capaz de fazer melhor do que citar suas próprias palavras⁸⁰:

“Eu não gostaria que esta gramática devesse ser considerada como o resultado de um conhecimento profundo da língua japonesa, mas sim como as primeiras tentativas de se aprender algo com ela. Certamente, ainda conterá erros, e a única coisa que me atrevo a dizer sobre isso é que acredito que permitirá aos outros aprender o máximo de japonês possível em três meses, usando um dicionário, ou como aconteceu comigo, sem recursos, em três anos. Não se espera, no entanto, que esta gramática seja adequada para logo também se aprender a falar com oficiais japoneses e outras pessoas importantes. Contudo, será útil para poupar tempo com empregados, artesãos e mercadores japoneses; também será possível ir tão longe a ponto de uma pessoa seguir os intérpretes quando transmitirem nossas palavras e provérbios em seu idioma.”

Que Hoffmann, como qualquer outro estudioso de idiomas em geral, tenha demandas diferentes de uma gramática, não precisa ser dito. No entanto, ele entendeu que não poderia se retirar com segurança da questão de *Esboço de uma gramática japonesa*, desde que sua própria gramática estivesse à espera. Então ele decidiu editar o *Esboço de uma gramática japonesa* para a imprensa, para fornecer-lhes acréscimos e notas e para dar as palavras japonesas em sua própria escrita, e não apenas em transcrição. Em 1857, a obra do sr. J.H. Donker Curtius, enriquecido com as adições de Hoffmann, deixou a imprensa.

⁷⁹ Athenaeum, 9 de fevereiro de 1878.

⁸⁰ Prefácio de *Proeve eener Japansche spraakkunst*, p. VII.

A Gramática de Hoffmann já estava muito atrasada, como dissemos, e não é de se admirar, se alguém soubesse que objeções de natureza técnica tiveram que ser superadas antes que ele pudesse pensar em uma solução. A cooperação que conheceu na Royal Academy é bem conhecida e, por isso, contento-me em remeter para a proposta da Comissão, apresentada em 18 de Junho de 1855 na Assembleia da Secção Literária e, além disso, para a “Comunicação de J. Hoffmann, sobre as matrizes e tipos chineses, em virtude da autorização de Sua Majestade o Rei e por ordem de Sua Excelência o Ministro de Estado, Ministro das Colônias, J.J. Rochussen, fabricados sob a supervisão do Professor, tradutor do governo das Índias Holandesas para as línguas japonesa e chinesa, Dr. J. Hoffmann,” em 1860.

Em certo sentido, foi uma feliz circunstância que a publicação da *Gramática do japonês* tivesse sido adiada por tanto tempo, pois isso permitiu ao escritor incluir a linguagem falada no círculo de suas observações. Afinal, como resultado da chegada dos enviados japoneses, no ano de 1862, na Holanda, Inglaterra e França, e da permanência de alguns japoneses em Leiden e em outras partes do nosso império, ele viu amplas oportunidades de estudar a língua falada. Tudo isso pôde acontecer porque os japoneses residentes na Europa pertenciam, em parte, ao grupo dos abastados e alfabetizados, e em parte também às classes menores da sociedade.

A multidão acompanhada pela chegada da embaixada; as preocupações de todos os tipos que disso resultaram; viagens para Londres e Paris; uma correspondência oficial interminável; isso, para um estudioso tranquilo, era tudo menos uma fonte de prazer inabalável. A viagem a Paris em maio de 1862, no entanto, foi muito agradável pois lhe havia dado a oportunidade de ver novamente alguns de seus colegas com quem estivera em longa correspondência, como Stanislas Julien e Léon Pagès. Do contrário, ele não estava interessado naqueles dias agitados da embaixada, mas à posterior associação com os nativos japoneses, com os quais ele pôde estudar sua língua comum.

A partir do ano de 1862 publica *Os Tratados Japoneses celebrados em Yedo em 1858; fac-símile do texto japonês, editado sob a supervisão do Dr. J. Hoffmann*. Além disso, algumas colaborações menores em Contribuições para a língua, terra e etnologia das Índias Orientais Holandesas; por exemplo, *Algo sobre as notas de penhor chinesas e Yokohama, o novo porto japonês e entreposto*. Mais importante é o trabalho publicado em 1864: *O Grande Estudo (Ta Hio ou Dai-gaku)*, do qual a 1ª parte é o texto chinês com uma tradução japonesa intercalada, e a segunda parte contendo a leitura do texto em japonês. Aqui a acentuação das palavras japonesas é indicada pela primeira vez, o que só pode ser aprendido da associação.

Enquanto isso, o trabalho de publicação da *Gramática* foi continuado. Uma parte das dificuldades foi, como vimos, superada; mas apenas uma parte, porque o número de tipos ainda faltando não era pequeno. Eles precisavam ser inventados, e foi assim que Hoffmann também se tornou um puncionista. Mais tarde, ele também teve que se tornar um tipógrafo, porque nenhum setter neste país era capaz de lidar com “a grande e desajeitada caixa tipográfica, que neste momento contém mais de 12.000 tipos diferentes de tipos de palavras, para alinhar textos chineses”⁸¹. A *Gramática da Língua Japonesa*, publicada pela primeira vez em 1867, por ordem do Ministro das Colônias, e impressa com os tipos chineses e japoneses, pela Sijthoff, em Leiden, veio à luz em uma edição em holandês e outra em inglês.

Não me considero competente nem chamado para destacar o grande significado deste livro para o estudo do japonês. E isso seria, portanto, totalmente desnecessário, pois o mundo erudito já há muito declarou seu julgamento a respeito dessa obra; e o fato de que, dentro de dez anos, uma segunda edição da edição inglesa se tornaria necessária fala alto o suficiente. Eu só me permito fazer um julgamento, a respeito do arranjo da gramática, mesmo sem conhecer o japonês, especificamente sobre a divisão da matéria e disposição dos fatos, para expressar o sentimento de que é magistral. Reconhecemos nisso a mente do pensador e a mão do artista. Com cautela, os termos usuais de nossas técnicas de fala foram retidas o máximo possível, considerando a natureza do japonês; com clareza e simplicidade, ele descreveu o novo e o estranho, e com toda a sua meticulosidade ele nunca cai nas probabilidades ou suposições eruditas, o que, numa névoa de profundidade presunçosa ocultaria a falta de conhecimento fatural.

Depois de *Uma Gramática da Língua Japonesa*, o *Dicionário* tinha que vir. Não só os materiais haviam sido arranjados para esse propósito durante anos, mas até mesmo os editores já haviam feito progressos consideráveis. Enquanto isso, em 1867, o dicionário do americano Hepburn apareceu. Ninguém estava mais bem preparado, e ninguém mais se propôs estimar o mérito deste trabalho do que Hoffmann que, mesmo após investigação imparcial, chegou à conclusão de que a ordem alfabética (o europeu comum) seguida por Hepburn era preferível à sua própria. Uma vez convencido, ele não hesitou em escrever seu próprio dicionário. Isso foi acompanhado de alguma perda de tempo, é claro. A principal razão para isso foi um estado de saúde cada vez mais instável. Nos últimos dez anos de sua vida, Hoffmann raramente se sentia vigoroso e alegre. No entanto, ele continuou a trabalhar incansavelmente como professor de chinês e japonês e na continuação de sua tarefa de vida. As obras menores de

81 As palavras citadas foram retiradas do artigo do sr. W. Vissering, *Pátria*, de 23 de janeiro 1878.

épocas posteriores incluem o tratado *A cerveja de arroz, ou a elaboração do saquê no Japão e A Preparação da Soja Japonesa*, em Contribuições para a língua, terra e etnologia das Índias Orientais Holandesas, 1871; na mesma revista, ano 1866, foi incluído *Olhar na história e nas relações políticas de Okinawa, por fontes chinesas e japonesas*.

No final de 1875, o dicionário havia sido avançado de tal forma que se podia proceder à impressão. A fragilidade cada vez mais crescente do autor tornou necessário, ou pelo menos desejável, que parte do trabalho de acompanhamento fosse confiada a um jovem especialista, o sr. L. Serrurier.

No crepúsculo de sua vida, Hoffmann conseguiu ao menos desfrutar da satisfação de ter seus méritos reconhecidos, em um sentido mais amplo. Mais ainda que os julgamentos lisonjeiros provocados por sua *Gramática*, a reimpressão da edição inglesa, seguida em dez anos, demonstrou a aceitação do seu trabalho. Além da reedição inglesa, uma edição alemã, fornecida com um índice alfabético editado pelo barão G. von der Gabelentz, também apareceu em 1877, pela companhia Brill, em Leiden. Após o aparecimento da edição alemã, Sua Majestade, o rei da Saxônia, honrou o escritor com a Ordem Albrecht de Primeira Classe; e pouco antes, Sua Majestade, nosso respeitado monarca, teve o prazer de nomeá-lo Cavaleiro do Leão Holandês.

Parece que essas freqüentes expressões de apreciação, somadas ao cuidado amoroso que nunca lhe faltaram na casa de seu amigo, dr. Sicherer, deram a ele por algum tempo, apesar de seu peito agonizante, a resiliência e a boa disposição da juventude para seu último trabalho, *Estudos japoneses, primeiro suplemento à Gramática da Língua Japonesa*, repleto de sagacidade e bom-humor, que não se esperaria de alguém cujo fim aparentemente se aproximava com grande velocidade. O pacote de peças soltas, dedicado principalmente à poesia japonesa, foi o último fruto de sua mente sempre clara e de um zelo incansável. Em 19 de janeiro deste ano, ele deitou a cabeça cansada e dormiu suave e calmamente. No dia 22, um pequeno grupo de amigos acompanhou os restos mortais do grande erudito, o amado professor, o amigo fiel, até o local de descanso final.

Hoffmann recebeu sua parte das tribulações da vida, através de todos os tipos de desapontamentos e ansiedade mas, antes que o fio de sua vida fosse rompido, ele deve ter acalentado a convicção de que sua grande tarefa estava cumprida. Ele estabeleceu as bases para o estudo da língua e literatura japonesas e, como tal, seu nome permanecerá imortal nos livros de História do Conhecimento. Ele tem duplo direito aos agradecimentos de nós, dos

holandeses e de nossos descendentes, porque, embora nativo da Alemanha, ele tinha um amor verdadeiro e sincero por sua segunda pátria, onde passou a maior parte de sua vida. Tal homem sabia que, com relação à abertura do Japão ao tráfego mundial, nosso governo, pelo menos neste século, pretendeu resolutamente o oposto do que outras nações impõem, seja por ignorância ou por outros motivos. A nobre ambição de estar a serviço do conhecimento era, portanto, inseparável de Hoffmann para lutar pela honra de nosso país, na medida em que dependia dele. E é por isso que não somente nós, nesta assembléia, que o conhecemos como um colega e membro, vamos lembrá-lo com duradouro respeito e amizade, mas também aqueles que virão depois de nós o contarão entre os nomes célebres de nossa terra natal.

6 de maio de 1878.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

AUROUX, Sylvain. **Histoire des sciences et entropie des systèmes scientifiques**. In: Archives et documents de la Société d'histoire et d'épistémologie des sciences du langage, Première série, n°7, 1986. pp. 1-26.

_____. **A revolução tecnológica da gramatização**. Capítulo III – O conceito de gramatização. Campinas: Editora da Unicamp, 1992.

_____. **A questão da origem das línguas**, seguido de **A historicidade das ciências**. Tradução do francês por Mariângela G. Joanillo. Campinas: RG, 2008.

BEAUMONT, Hervé. **Les aventures d'Emile Guimet (1836-1918), un industriel voyageur: la biographie du fondateur du célèbre musée**. Paris: Arthaud, 2014.

BLUSSÉ, Leonard. **Of Hewers of Wood and Drawers of Water: Leiden University's Early Sinologists (1854-1911)**. In: OTTERSPEER, Willem. Leiden Oriental Connections 1850-1940. Leiden: E.J. Brill, 1989.

BOOT, Willem Jan. **J.J. Hoffmann – The First Japanologist**, speech at the Hoffmann commemoration on 21 March, 2005, Leiden (manuscrito não publicado, enviado com exclusividade pelo autor).

CULLEN, Louis Michael. **A History of Japan, 1582-1941 – Internal and External Worlds**. Cambridge: Cambridge University Press, 2003.

CUNHA, Celso e CINTRA, Lindley. **Nova gramática do português contemporâneo**. Terceira edição revista, 9ª impressão. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2001.

CURTIUS, Jan Hendrik Donker; HOFFMANN, Johann Joseph (edit.). **Proeve eener Japansche spraakkunst** (Esboço de gramática da língua japonesa). Leiden: Bij AW. Sythoff, 1857.

EBERS, Georg. **Richard Lepsius, ein Lebensbild**. Leipzig: Verlag von Wilhelm Engelmann, 1885.

EBERS, Georg. **Richard Lepsius, a biography**. Traduzido do alemão por Zoe Dana Underhill. Nova York: William S. Gottsberger (publisher), 1887.

FUKASAWA, Lídia; GIROUX, Sakae; SUZUKI, Tae; SUZUKI, Teiiti. **Introdução à gramática da língua japonesa**. São Paulo: Centro de Estudos Japoneses da USP, 1989.

HEPBURN, James Curtis. **A Japanese and English Dictionary: with an English and Japanese Index**. Londres: Trübner & Co., 1867.

HOFFMANN, Johann Joseph. **Japan's Bezüge mit der Koräischen Halbinsel und mit Schina. Nach Japanischen Quellen von J. Hoffmann**. (As relações do Japão com a península coreana e com a China. A partir de fontes japonesas, por J. Hoffmann). Leiden: J.G. La Lau, 1839.

_____. **Winkelgesprekken in het Hollandsch, Engelsch en Japansch / Shopping-dialogues in Dutch, English and Japanese**. Londres: Trübner & Co.; Haia: Martinus Nijhoff, 1861.

_____. **De Groote Studie (Ta Hio of Dai-Gaku). Eerste Deel. De Chinesche Tekst met eene Tusschenregelige Japannsche Vertaling. - Part I. The Chinese text with an interlineary Japanese version** (O texto chinês com uma versão interlinear em japonês); e **Tweede Deel. Lezing van den Japanschen Tekst - / Part II. Reading of the Japanese text** (Leitura de textos em japonês). Leiden: E.J. Brill, 1864.

_____. **Japansche Spraakleer** (Gramática da língua japonesa). Leiden: A.W. Synthoff & E. J. Brill, 1867.

_____. **A Japanese Grammar** (Gramática da língua japonesa). Leiden: A.W. Synthoff & E. J. Brill, 1868.

_____. **A Japanese Grammar, second edition** (Gramática da língua japonesa, segunda edição). Leiden: E.J. Brill, 1876.

_____. **Japanische Sprachlehre** (Gramática da língua japonesa). Leiden: E.J. Brill, 1877.

_____. **Japanese-English Dictionary**. Editado por Lindor Serrurier. Leiden: E. J. Brill, 1881-1892.

KATŌ, Shūichi. **A History of Japanese Literature – from Man'yōshū to Modern Times**. New abridged edition translated and edited by Don Sanderson. Richmond: Japan Library, 1997.

KERN, Johan Hendrik Caspar. **Levensbericht van J.J. Hoffmann** (J.J. Hoffmann: um esboço biográfico). Amsterdã: Jaarboek Koninklijke Nederlandse Akademie van Wetenschappen (Anuário da Academia Real das Artes e Ciências dos Países Baixos), pp. 1-20, 1878.

KOERNER, Ernst Frideryk Konrad. **Toward a Historiography of Linguistics**: Selected essays. Foreword by R. H. Robins. Amsterdã: John Benjamins, 1978.

_____. **O problema da ‘influência na historiografia linguística**. Tradução de Cristina Alman do original inglês “On the problem of ‘Influence’ in Linguistic Historiography”, 1987. In: KOERNER, Konrad. Quatro décadas de historiografia linguística: estudos selecionados. Coleção Linguística 11, prefácio de Carlos Assunção, seleção e edição de textos de Rolf Kemmler e Cristina Altman. Vila Real: Universidade de Trás-os-Montes e Alto Douro, Centro de Estudos em Letras, 2014, pp. 91-102.

_____. **Historiografia Linguística**. Tradução de Susana Fontes com base no manuscrito fornecido pelo autor, encontrado na entrada “Historiography of Linguistics”, em The Encyclopedia of Language and Linguistics, 1994b. In: KOERNER, Konrad. Quatro décadas de historiografia linguística: estudos selecionados. Coleção Linguística 11, prefácio de Carlos Assunção, seleção e edição de textos de Rolf Kemmler e Cristina Altman. Vila Real: Universidade de Trás-os-Montes e Alto Douro, Centro de Estudos em Letras, 2014, pp. 17-28.

_____. **Questões que persistem em Historiografia da Linguística**. Tradução de Cristina Alman do original inglês “Persistent issues in Linguistic Historiography”. Linguistic Historiography. Amsterdam/Philadelphia: John Benjamins, 1995. In: KOERNER, Konrad. Quatro décadas de historiografia linguística: estudos selecionados. Coleção Linguística 11, prefácio de Carlos Assunção, seleção e edição de textos de Rolf Kemmler e Cristina Altman.

Vila Real: Universidade de Trás-os-Montes e Alto Douro, Centro de Estudos em Letras, 2014, pp. 45-63.

KUIPER, Koos. **The Early Dutch Sinologists (1854-1900). Training in Holland and China, Functions in the Netherlands Indies.** Leiden: Brill, 2017.

LEPSIUS, Carl Richard. **Das Allgemeine Linguistische Alphabet. Grundsätze der Übertragung fremder Schriftsysteme und bisher noch ungeschriebener Sprachen in Europäische Buchstaben** (O alfabeto linguístico geral. Princípios para a transcrição de sistemas estrangeiros de escrita e de línguas ágrafas para o alfabeto latino). Berlin: Verlag von Wilhelm Hertz, 1854.

_____. **Das Allgemeine Linguistische Alphabet. Grundsätze der Übertragung fremder Schriftsysteme und bisher noch ungeschriebener Sprachen in Europäische Buchstaben.** Berlin: Verlag von Wilhelm Hertz, 1855.

_____. **Standard Alphabet for Reducing Unwritten Languages and Foreign Graphic Systems to a Uniform Orthography in European Letters** (Alfabeto padrão para a redução de línguas ágrafas e de sistemas estrangeiros de escrita a uma ortografia uniforme no alfabeto latino). Londres: Seeleys, 1855.

_____. **Standard Alphabet for Reducing Unwritten Languages and Foreign Graphic Systems to a Uniform Orthography in European Letters – Second Edition.** Londres: Williams & Norgate; Berlin: W. Hertz, 1863.

SANTŌ, Isao (山東功). **日本語の観察者たち—宣教師からお雇い外国人まで (Nihongo no kansatsusha tachi. Senkyōshi kara oyatoi gaikokujin made / Observadores da língua japonesa. Dos missionários aos estrangeiros contratados).** Tóquio: Iwanami shoten, 2013.

SIEBOLD, Philipp Franz von. **Nippon – Archiv zur Beschreibung von Japan und dessen neben – und schutzländern Jezo mit den südlichen Kurilen, Sachalin, Korea und den Liukiu-inseln - Erster Band, zweite Auflage** (Nippon: Arquivo de descrições do Japão e suas regiões auxiliares e protegidas: Hocado com Curilas do Sul, Sacalina, Coréia e Ilhas Léquias – Tomo Primeiro, segunda edição). Würzburg e Leipzig: Verlag der K.U.K. Hofbuchhandlung von Leo Woerl, 1897.

_____. **Nippon – Archiv zur Beschreibung von Japan und dessen neben – und schutzländern Jezo mit den südlichen Kurilen, Sachalin, Korea und den Liukiu-inseln - Zweiter Band, zweite Auflage** (Nippon: Arquivo de descrições do Japão e suas regiões auxiliares e protegidas: Hocaído com Curilas do Sul, Sacalina, Coréia e Ilhas Léquias – Tomo Segundo, segunda edição). Würzburg e Leipzig: Verlag der K.U.K. Hofbuchhandlung von Leo Woerl, 1897.

SUEKI, Fumihiko. **Nineteenth-century Europe's encounter with Japanese Buddhism**. In: *Civilizations: How We See Others, How Others See Us*, Paris, 2001. Proceedings of the International Symposium. Paris: Unesco and École Pratique des Hautes Études (EPHE), 2001. Disponível em: <<http://www.unesco.org/dialogue/en/Regard1sueki.htm>>. Acesso em: 28/04/16.

SWIGGERS, Pierre. **La historiografía de la lingüística: apuntes y reflexiones**. Revista Argentina de Historiografía Lingüística, I, 1, pp. 67-76, 2009. Disponível em: <www.rah.com.br>. Acesso em: maio 2017.

VIALLE, Cynthia. **Japanese Studies in the Netherlands – Japanese Studies in Leiden**. In: GUO, Nanyan (edit.). *Japanese Studies Around the World 2013: New Trends in Japanese Studies*. Quioto: International Research Center for Japanese Studies (Nichibunken), 2013. Disponível em: <<http://publications.nichibun.ac.jp/en/item/seni/2013-10-18/pubhttp://publications.nichibun.ac.jp/en/item/seni/2013-10-18/pub>>. Acesso em: 03/12/2015.